

ABBI GLINES

AMOR SEM LIMITES

O destino fez de tudo
para afastá-los.
Mas o amor os uniu.

ARQUEIRO

AMOR
SEM LIMITES



O Arqueiro

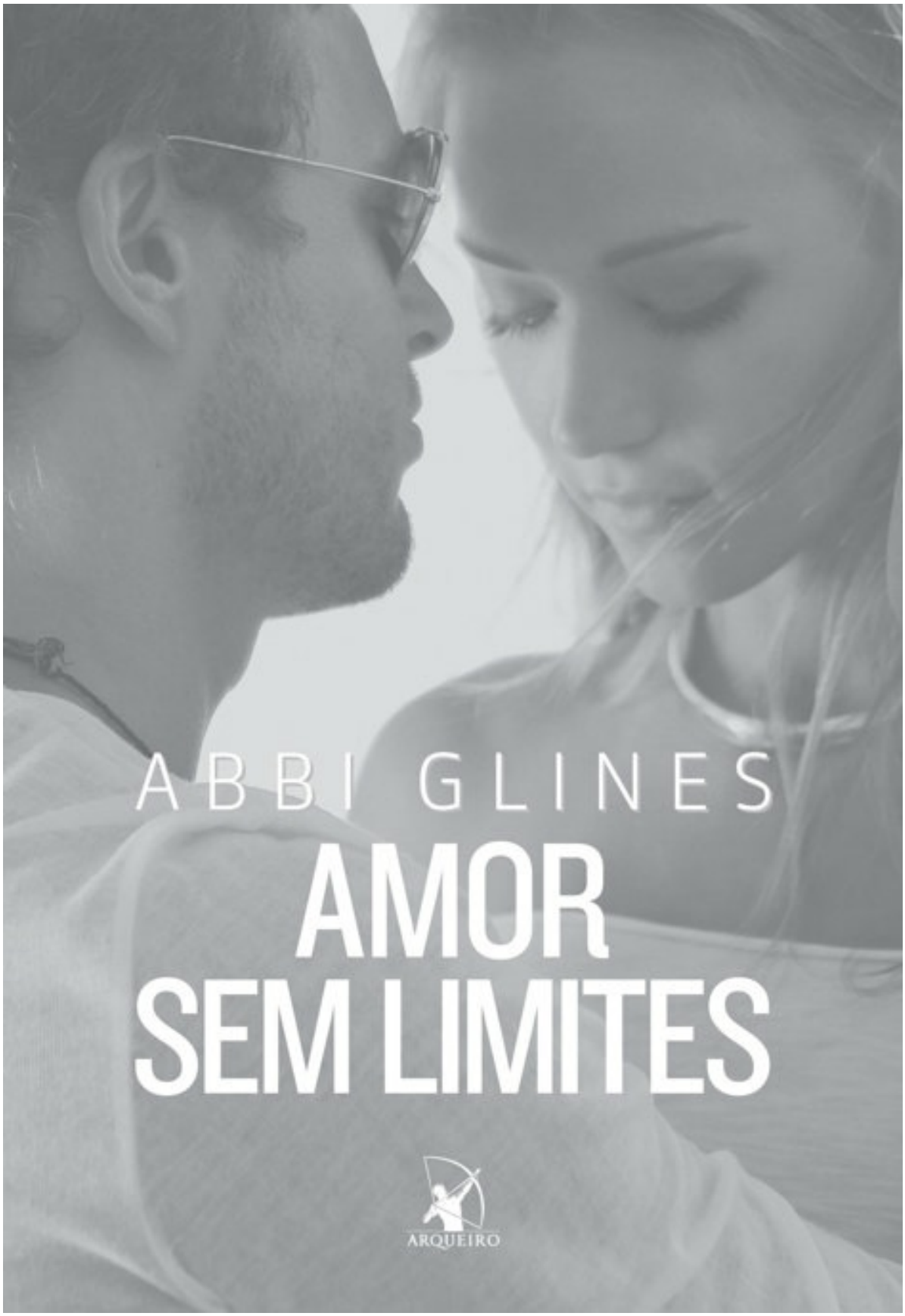
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


ABBI GLINES
AMOR SEM LIMITES
ARQUEIRO

Título original: *Forever Too Far*

Copyright © 2013 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Flávia Midori e Flora Pinheiro

diagramação: Adriana Moreno

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Win-iniciative/Neleman/Getty Images

adaptação para ebook: Marcelo Morais CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476a

Glines, Abbi Amor sem limites [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Forever too far Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-313-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

14-13896

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A todos aqueles que amam
a história de Rush e Blaire tanto quanto eu.
Obrigada por implorarem por um terceiro livro com eles.
Adorei escrevê-lo. Cada palavra.

"Quando encontrar seu motivo para viver, agarre-o. Nunca o perca de vista. Mesmo que isso signifique abrir mão de outros caminhos." – Rush Finlay

Prólogo

Se não estivesse tão hipnotizado por Blaire e pela forma como ela iluminava o ambiente, eu o teria visto entrar. Mas não vi. De repente, a conversa ao meu redor silenciou e todos os olhares estavam voltados para a porta atrás de mim. Olhei para Blaire, que ainda conversava com Woods e não percebera a mudança na atmosfera, passei-a para trás de mim num gesto de proteção e só então me virei para ver o que havia capturado a atenção do bar.

Os mesmos olhos prateados que eu enxergava todos os dias no espelho estavam voltados para mim. Fazia um tempo que não via meu pai. Normalmente, mantínhamos mais contato, mas, com Blaire entrando em meu mundo e tirando-o do eixo, não me sobrara tempo nem energia para procurar o meu pai e conversar com ele.

Então, ao que parecia, desta vez ele é que viera atrás de mim.

– É o seu pai – disse Blaire baixinho ao meu lado.

Ela saíra de onde eu a havia escondido atrás de mim e segurava meu braço agora.

– É, sim.

BLAIRE

Sem a maquiagem dos shows e a roupa de couro preta, ele parecia uma versão mais velha de Rush. Precisei andar rápido para acompanhar o ritmo dele, que segurava firme a minha mão enquanto caminhava a passos largos para longe dos outros clientes no bar. Seu pai ia na frente. Eu não saberia dizer se Rush estava feliz por vê-lo ou não. A única interação que houve entre eles foi o aceno de cabeça que Rush fez, indicando a porta. Ele obviamente não queria que essa apresentação tivesse plateia.

Dean Finlay, o baterista mais famoso do mundo, parou várias vezes no caminho para autografar objetos enfiados na frente dele. E não apenas por mulheres. Um cara chegou inclusive a pedir que ele assinasse um guardanapo do bar. O brilho ameaçador nos olhos de Rush enquanto tentava tirar o pai dali manteve o restante das pessoas longe. Em vez de se aproximarem, todos permaneceram em silêncio e ficaram assistindo ao baterista do Slacker Demon seguir em direção à porta.

A brisa noturna estava fria. Estremeci imediatamente, e Rush parou e enroscou os braços em mim.

– Precisamos ir para casa. Não vou fazê-la ficar parada aqui fora para conversar. Está frio demais – disse Rush ao pai.

Dean parou de caminhar e olhou para mim. Seu olhar me avaliou lentamente, e pude ver o instante em que ele notou minha barriga.

– Dean, esta é Blaire Wynn, minha noiva. Blaire, este é Dean Finlay, meu pai – disse Rush, com a voz estrangulada. Não parecia querer fazer essa apresentação.

– Ninguém me contou que eu ia ser avô – falou ele com a voz arrastada.

Não entendi ao certo como ele se sentia em relação a isso, porque seu rosto não deixou transparecer nenhuma emoção.

– Andei ocupado – foi a única resposta que Rush lhe deu.

Que estranho. Ele estava com vergonha de contar ao pai? Fiquei enjoada e comecei a me afastar dele.

Seus braços me apertaram mais, e pude sentir sua atenção focada completamente em mim.

– O que houve? – perguntou ele, dando as costas para o pai e abaixando-se para olhar direto nos meus olhos.

Eu não queria ter essa conversa na frente de Dean. Podia sentir os olhos dele em cima da gente. Sacudi a cabeça, mas ainda estava com o corpo tenso. Não consegui evitar: o fato de ele não ter contado ao pai estava me incomodando.

– Vou levá-la para o carro. Encontro você em casa – disse Rush por cima do ombro, sem tirar os olhos de mim. Baixei o olhar, desejando não ter reagido. Estava fazendo drama. Dean ia pensar que eu era uma chorona.

Abri a boca para argumentar quando Rush passou o braço pela minha cintura e me levou para o Range Rover. Ele estava ansioso. Não gostava de me ver chateada, algo em que

precisávamos trabalhar. Eu iria ficar chateada às vezes. Ele não podia controlar isso.

Rush abriu a porta do lado do carona, me pegou no colo e me botou dentro da caminhonete como se eu tivesse 5 anos. Quando achava que eu estava chateada, ele começava a me tratar feito criança. Nós realmente precisávamos trabalhar nisso também.

Ele nem sequer havia fechado a porta do motorista quando olhou para mim.

– Tem alguma coisa errada. Preciso saber o que é para consertar.

Suspirei e me atirei no banco. Era melhor acabar logo com aquilo, mesmo que eu fosse parecer meio sensível.

– Por que você não contou ao seu pai sobre o bebê?

Rush estendeu o braço e fechou a mão sobre a minha.

– É este o problema? Você está chateada porque eu não contei ao Dean?

Assenti e mantive os olhos em nossas mãos, pousadas em minha perna.

– Não tive tempo para procurá-lo. E sabia que ele apareceria quando eu contasse, porque iria querer conhecê-la. Eu ainda não estava pronto para ter companhia. Principalmente a dele.

Eu estava sendo boba. Ultimamente, minhas emoções estavam em alerta máximo. Ergui os olhos e encontrei seu olhar preocupado.

– Está bem. Eu entendo.

Rush se inclinou e beijou meus lábios suavemente.

– Desculpe por ter chateado você – sussurrou ele antes de me dar mais um beijo no canto da boca e se recostar no assento. Era em momentos como esse que eu me derretia toda. – Ele está aqui agora. Então vamos ver o que o trouxe antes que a minha mãe descubra. Quero você para mim. Não gosto de ter a minha família maluca em volta.

Rush não soltou a minha mão enquanto ligava o carro e começava a andar. Apoiei a cabeça no assento e me virei para olhar para ele. A barba por fazer o deixava parecendo mais velho e rebelde. Muito sexy. Pensei que seria legal ele deixar de se barbear com mais frequência. Gostava de senti-la também. Ele havia tirado o brinco e agora quase nunca o usava.

– Por que acha que ele está aqui? – perguntei.

Rush olhou para mim.

– Pensei que ele tivesse vindo para conhecê-la. Mas acho que ele não sabia sobre você ainda. Pareceu surpreso. O que quer dizer que isso pode ter a ver com Nan.

Nan. A irmã dele não voltara a Rosemary desde que recebera alta do hospital. Rush não parecia preocupado com isso, mas ele amava a irmã. Eu detestava ser o motivo pelo qual ela se mantinha afastada. Agora que ela sabia quem era seu verdadeiro pai e que eu nunca havia tirado nada dela, eu esperava que pudéssemos ser amigas, por Rush. Mas nada indicava que isso iria acontecer.

– Você acha que a Nan foi atrás do Kiro? – perguntei.

Rush deu de ombros.

– Não sei. Ela parece mudada desde o acidente.

O carro parou do lado de fora da grande casa de praia que o pai de Rush lhe comprara quando ele era apenas um garoto. Rush apertou a minha mão.

– Eu amo você, Blaire. Tenho muito orgulho de que vá ser a mãe do meu filho. Quero que

todo mundo saiba. Nunca duvide disso.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu assenti antes de pegar a mão dele e beijá-la.

– Eu estou sensível. Você pode me ignorar quando eu fico assim.

Rush balançou a cabeça.

– Não sei ignorar você. Eu quero tranquilizá-la.

A porta do lado do carona se abriu, e, quando virei a cabeça, vi Dean Finlay parado com um sorriso no rosto.

– Deixe-a sair do carro, filho. Está na hora de eu conhecer a mãe do meu neto.

Dean ofereceu a mão e eu lhe estendi a minha sem saber o que mais fazer. Seus dedos compridos seguraram a minha mão e ele me ajudou a descer do Range Rover. Rush chegou ao meu lado num instante, pegou minha mão da do pai e me puxou para si. O pai riu e balançou a cabeça.

– Caramba! Quem diria?!

– Vamos entrar – falou Rush.

RUSH

Dean foi até o sofá e se atirou nele antes de pegar um maço de cigarros. *Merda*. Eu não queria ter que lidar com ele agora.

– Não pode fumar aqui dentro nem perto da Blaire. Faz mal para o bebê.

– Caramba, garoto! – exclamou Dean, erguendo as sobrancelhas. – Tenho certeza de que sua mãe fumou quando estava grávida de você.

Eu não tinha dúvidas de que ela fazia isso e muito mais. De jeito nenhum eu exporia meu filho a essas coisas.

– Não quer dizer que seja saudável. Blaire não é igual à mamãe.

À menção de seu nome, Blaire entrou na sala trazendo duas cervejas. Eu não havia pedido que ela fosse buscar. Não gostava de vê-la servindo ninguém. Mas ela buscou mesmo assim. Fui até ela e a encontrei no meio do caminho.

– Não precisava fazer isso – falei, pegando as cervejas da mão dela e dando-lhe um beijo na testa.

– Eu sei. Mas temos visita. Quero que ele se sinta bem-vindo.

O sorriso em seus lábios tornava mais difícil eu me concentrar em meu pai. Queria levá-la para o quarto.

– Traga a cerveja, garoto, e pare de ser tão superprotetor. Vai sufocar a menina. Não sei que porra deu em você.

Blaire soltou uma risadinha, e eu decidi que, como ele a fizera rir, deixaria passar o que dissera.

– Aqui está – falei, enfiando a cerveja na mão dele. – Agora, por que você está aqui?

– O quê? Um pai não pode ver o filho quando quer?

– Estamos em Rosemary. Você nunca vem aqui.

Dean deu de ombros e tomou um gole da cerveja, então jogou um braço para trás no sofá e pôs os dois pés em cima da mesa de centro.

– É a maluca da sua irmã. Ficou *completamente* pirada. Precisamos de ajuda.

Tinha a ver com Nan. Eu achei que pudesse ser isso. Sentei na poltrona na frente dele e estendi a mão para Blaire. Não queria que ela ficasse de pé, como uma intrusa em nossa conversa. Ela se aproximou de mim e eu a puxei para se sentar no meu colo.

– O que a Nan fez? – perguntei, quase com medo de ouvir a resposta.

Dean tomou mais um longo gole de cerveja. Então passou a mão pelos longos cabelos desalinhados.

– A questão é o que ela não fez. A maldita garota está nos azucrinando. Não temos sossego. Terminamos a turnê há duas semanas e voltamos a Los Angeles para descansar um pouco. Ela apareceu e tudo virou um inferno. Ninguém tem paz. Kiro não sabe o que fazer com ela. Precisamos de ajuda.

Eu sabia que Nan andava sumida, mas não imaginava que ela tivesse ido a Los Angeles

procurar pelo Kiro. Ela sabia que meu pai e Kiro dividiam uma mansão em Beverly Hills. Durante toda a minha vida, fora lá que os dois moraram durante as turnês. Kiro fora casado duas vezes e saíra da mansão nesses períodos, mas voltara depois dos divórcios. A propriedade era conhecida como mansão Slacker Demon. Ninguém nunca sabia ao certo quais integrantes da banda estavam morando lá.

– Ela está hospedada na mansão? – perguntei.

Meu pai levantou as sobrancelhas de novo.

– Acha que sou idiota? O cacete que ela está lá. Só que ela aparece o tempo inteiro. Fica fazendo exigências e a porra toda. Kiro tentou aliviar as coisas e ter algum tipo de relacionamento com ela, mas ela não deixa. Ela não escuta e... Bom, ela descobriu que ele tem outra filha. Isso não foi muito legal.

Aparentemente, ela ainda não sabia sobre o filho de Kiro, mas Mase nunca dera as caras.

– Ela deve estar muito chateada – disse Blaire com preocupação na voz. Eu não entendia como ela podia se solidarizar com Nan. – Você precisa ir vê-la. Ajudá-la a lidar com isso e tentar que ela e Kiro tenham um bom relacionamento.

Eu ia discordar, mas Dean me interrompeu:

– Já gostei dela. Isso é exatamente o que você precisa fazer. Seu quarto está vazio, e você sabe que é confortável. Leve a Blaire com você, e isso vai me dar uma chance de conhecê-la e também de passar um tempo com você. Se não fizer isso, Kiro pode acabar matando Nan.

Blaire apertou meu ombro.

– Acho que devemos ir. Nan precisa de você.

Joguei a cabeça para trás e olhei para ela.

– Por que se importa com o que Nan precisa? – perguntei, espantado.

– Porque você a ama – foi a resposta dela, simplesmente.

– Essa é para casar. Agora chega de falar da Nan. Quero saber para quando é esse bebê e quando vai ser o casamento – disse Dean com a voz alegre, um tom muito diferente do que usava ao falar sobre Nan.

– Estou grávida de 20 semanas – contou Blaire, sorrindo para meu pai. – O bebê só deve nascer no meio de abril. Quanto ao casamento, íamos nos casar em quinze dias, mas não quero que isso atrapalhe Rush. Prefiro adiar o casamento e deixá-lo lidar com as questões de família primeiro. Ainda nem mandamos os convites. Então, mudar a data não é problema.

– Não. Eu não vou esperar mais para mudar seu sobrenome – contestei, mas Blaire pôs o dedo em meus lábios.

– Shhh. Não quero discutir isso. Não vou conseguir aproveitar nosso casamento sabendo que você tem problemas de família para resolver. Vamos curtir o dia de Ação de Graças com os nossos amigos, como combinamos, e então vamos para Los Angeles cuidar de Nan. Depois que tudo estiver resolvido, poderemos nos concentrar no casamento.

Eu não queria esperar. Detestava que ela ainda fosse Blaire Wynn com nosso filho na barriga. Queria que ela tivesse meu nome e que o mundo soubesse que eu a desejava e ao nosso bebê. Mas a seu olhar me disse que eu não venceria essa discussão.

– Eu só quero que você fique feliz – respondi por fim.

Blaire beijou a ponta do meu nariz.

– Eu sei disso. É um dos muitos motivos pelos quais eu amo você.

– Se vocês vão esperar até depois do dia de Ação de Graças para ir a Los Angeles lidar com aquela sua irmã, eu também vou. Além disso, faz anos que não passo esse feriado com você – anunciou meu pai.

Eu não sabia ao certo como me sentia em relação a isso.

– Adoraríamos tê-lo aqui, Sr. Finlay – disse Blaire a ele, com um sorriso alegre que transparecia sinceridade.

Puta que pariu. Eu ia ter que permitir isso.

– Me chame de Dean, querida. Já somos da mesma família.

A expressão satisfeita nos olhos dela me fez sorrir. Talvez ter meu pai por perto no feriado não fosse tão ruim, afinal. Se ele era capaz de fazer Blaire sorrir, eu daria um jeito de lidar com ele.

BLAIRE

Falar sobre o dia de Ação de Graças me fez lembrar minha mãe. Seria meu primeiro feriado importante sem ela. Quanto mais me dava conta disso, mais difícil ficava respirar. Forcei um sorriso e pedi licença antes de subir correndo a escada para tomar um banho. De qualquer maneira, Rush precisava de um tempo a sós com o pai.

Deixei as lágrimas que vinha segurando correrem livremente enquanto tirava a roupa e entrava embaixo do chuveiro. A água quente escorria por mim enquanto eu soluçava. No ano anterior, eu havia preparado nosso jantar de Ação de Graças e nós comemos juntas à mesa. Sem amigos e sem família. Apenas nós duas. Naquela noite, também chorei. Porque no fundo sabia que seria o último dia de Ação de Graças com minha mãe. As lembranças dos anos anteriores, com Valerie e meu pai, eram ao mesmo tempo doces e dolorosas. Sentia uma tristeza profunda por tudo o que havíamos perdido. Não imaginava que algo pudesse doer tanto assim, mas agora eu sabia que estava errada.

Encarar as festas de fim de ano sem a minha mãe ia ser difícil. Ela adorava o dia de Ação de Graças e o Natal. Nós sempre começávamos a decorar a casa para o Natal no dia de Ação de Graças. Depois, sentávamos na frente da TV e víamos *Natal branco* juntas à noite, enquanto comíamos as sobras do peru e da torta de batata-doce. Era uma tradição nossa. Mesmo depois de perdermos Valerie e de meu pai nos deixar.

Este ano, tudo seria diferente. Saber que Rush estaria comigo e que eu iria começar uma família diminuía a dor. Eu só desejava que minha mãe estivesse aqui para me ver tão feliz.

A porta se abriu e, quando me virei, vi Rush entrando no banheiro. Ele estava de testa franzida. Parou e me observou por um instante antes de arrancar a camisa e atirá-la no piso de mármore. Então abriu a calça jeans, que tirou junto com a cueca boxer. Fiquei observando-o entrar embaixo do chuveiro.

– Por que você está chorando? – perguntou ele, segurando meu rosto em suas mãos. Eu sabia que a ducha havia lavado minhas lágrimas, mas meus olhos ainda deviam estar vermelhos.

Balancei a cabeça e sorri para ele. Não queria que se preocupasse com minhas emoções.

– Ouvi você chorando quando abri a porta do quarto. Preciso saber o motivo, Blaire.

Suspirei e apoiei a cabeça em seu peito, então passei os braços em volta dele. Eu tinha perdido muita coisa, mas Deus havia me compensado mandando Rush. Eu precisava me lembrar de quanto era abençoada.

– Eu meio que me dei conta de que este vai ser meu primeiro dia de Ação de Graças sem a minha mãe – admiti.

Rush me abraçou com mais força.

– Sinto muito, querida – sussurrou ele nos meus cabelos enquanto me abraçava.

– Eu também. Queria que você a tivesse conhecido. Quer dizer, agora que você está mais velho. Queria que ela pudesse tê-lo visto adulto.

– Eu também queria. Tenho certeza de que ela era tão perfeita quanto você.

Sorrindo, quis discordar. Eu não estava nem perto de ser tão perfeita quanto minha mãe. Ela era uma daquelas pessoas especiais que o mundo não vê com frequência.

– Se o fato de meu pai ficar aqui for difícil para você, eu o mandarei embora. Quero que você tenha uma lembrança boa disso. Qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar, é só dizer, que eu faço.

As lágrimas rolavam pelo meu rosto de novo. Os malditos hormônios da gravidez estavam me transformando em uma fonte com vazamento.

– Ter você comigo melhora tudo. Só falar a respeito já ajuda. Minha mãe amava o dia de Ação de Graças. Eu tinha consciência de que o do ano passado seria o último que passaríamos juntas. Durante todo o feriado, fiz tudo o que podia para torná-lo especial para ela. E para mim. Eu sabia que precisava dessa lembrança.

Rush fez pequenos círculos nas minhas costas e me abraçou em silêncio. Ficamos ali parados sob a água por vários minutos. Finalmente, ele se afastou o bastante para olhar para mim.

– Posso dar banho em você? – perguntou.

Assenti, sem saber o que aquilo significaria. Ele puxou uma luva de banho do lado de fora do boxe e pegou um dos meus frascos de sabonete líquido. Então começou a lavar minhas costas e meus ombros. Segurou cada um dos meus braços como se eu fosse uma criança e os lavou com todo o cuidado. Fiquei ali parada observando-o concentrado em limpar cada centímetro do meu corpo. Não era nada sexual, o que me surpreendeu. Era algo mais doce e inocente do que qualquer coisa que já havíamos feito. Suas mãos não se demoraram ao lavarem entre as minhas coxas. Ele apenas pressionou os lábios sobre a minha barriga uma vez ao se ajoelhar na minha frente para lavar minhas pernas e meus pés.

Quando terminou, ele se levantou e começou a enxaguar meu corpo com as mãos. Cada toque parecia quase reverente. Como se ele estivesse me idolatrando, não me lavando. Quando meu corpo estava limpo, ele passou para os meus cabelos. Fechei os olhos enquanto suas mãos massageavam meu couro cabeludo. Meus joelhos enfraqueceram um pouco com o prazer que aquilo proporcionava. Rush tirou o xampu e passou o condicionador, dando a mesma atenção de antes, enxaguando meus cabelos na água corrente.

Meu corpo relaxou com esses agrados. Eu estava praticamente mole. Rush desligou a água e pegou duas toalhas grandes. Enrolou uma em meus cabelos e a outra ao redor do meu corpo. Então me pegou no colo, me carregou até o quarto e me deitou na cama.

– Descanse. Eu já volto – sussurrou ele antes de beijar minha testa e voltar ao banheiro.

A bunda dele era uma visão tentadora, e eu queria ficar acordada. Ele me deixara excitada ao me tocar daquele jeito, ainda que não tivesse sido essa a intenção. Tentei esperar por ele, mas meus olhos ficaram mais pesados, e eu apaguei.

Eu me aninhei ainda mais naquele calor. O cheiro era de sol e mar. Suspirando satisfeita, esfreguei o rosto contra a calidez reconfortante, que riu.

Meus olhos se abriram, e o peito nu de Rush estava pressionado contra meu rosto. Sorrindo, eu o beijei e olhei para ele. O sorriso divertido em seus lábios me fez dar risada.

– Você parece uma gatinha de manhã – disse ele, com a voz rouca e profunda. Devia ter acabado de acordar também.

– Se você não fosse tão gostoso, eu não iria atrás de você dormindo para me esfregar em seu corpo.

Rush piscou.

– Então que bom que eu sou gostoso, porque essa sua bundinha linda não vai se esfregar em mais ninguém. Ou eu teria que matar o sujeito.

Eu amava esse homem.

– Desculpe ter caído no sono tão rápido ontem à noite.

Rush balançou a cabeça.

– Não tem por que se desculpar. Adoro saber que a deixei tão relaxada que você caiu no sono fácil. Não gosto de vê-la triste.

Eu amava muito esse homem.

Fui me espreguiçando e me aproximando dele, passei as duas mãos por trás do seu pescoço e pressionei meu corpo contra o dele. Apertei as pernas com um frêmito de expectativa quando a ereção dele roçou na minha coxa. Eu precisava tê-lo. Depois daquele momento doce na noite anterior, precisava me sentir completamente ligada a ele agora.

– Faça amor comigo – sussurrei, enfiando a cabeça entre o pescoço e o ombro dele.

– Com todo o prazer – murmurou ele e deslizou a mão por entre as minhas coxas.

Ele levantou uma das minhas pernas e a pousou sobre o próprio quadril. Eu estava completamente aberta, e ficar exposta assim me deixou excitada. Seus dedos tocaram a parte interna das minhas coxas, me instigando ao roçar só de leve minha abertura carente e inchada. Gemi, querendo apressá-lo, mas ele não aceitava ser pressionado. Em vez disso, o gemido pareceu deixá-lo mais malvado. Seus dedos ásperos traçavam desenhos que iam do meu joelho até a parte de cima da minha coxa e voltavam.

Eu tinha certeza que aquela brincadeira dele estava me fazendo ficar constrangedoramente encharcada.

– Rush, por favor.

– Por favor o quê, doce Blaire? O que você quer que eu faça?

Eu já tinha dito o que queria. Pelo jeito, ele queria ouvir mais. Rush e sua conversa safada sempre me excitavam.

– Me toque.

– Estou tocando – respondeu ele.

– Me toque mais em cima – implorei.

Ele queria que eu falasse sacanagem. Eu ia provocá-lo também.

Ele passou o dedo na dobra da minha coxa, e eu agarrei o braço dele com força e estremeci. Ele estava muito perto.

– Aqui? – perguntou ele.

Me mexi de modo que o dedo dele chegasse mais perto. Ele começou a afastar a mão e parou.

– Puta que pariu – gemeu ele, deslizando o dedo para dentro de mim bem devagar. – Tão encharcada. Eu não consigo provocar quando você já está tão molhadinha assim – sussurrou ele.

Dei um grito quando ele passou suavemente a ponta do dedo sobre o meu clitóris. Eu estava com as pernas completamente abertas, e as mãos dele me tocando só me deixavam ainda mais maluca. Eu queria mais.

– Minha gata está tão pronta para mim – disse ele, enfiando dois dedos dentro de mim e pressionando meu ponto G.

O grito alto de prazer que saiu de mim foi mais do que ele podia aguentar. Rush me agarrou pela cintura, me colocou em cima dele e enfiou lentamente o pau dentro de mim.

– Caramba, como foi que ficou mais apertadinha? – murmurou ele, segurando meu quadril e mexendo seu corpo, de modo que cada centímetro dele ficasse dentro de mim. Era isso que eu queria. Ficar repleta. De Rush.

RUSH

Blaire não concordou com a minha ideia de passarmos o dia nus no quarto. Insistiu que nos vestíssemos e fôssemos fazer sala para Dean. Eu achava que ele compreenderia meu desejo de ficar trancado com Blaire, mas ela discordou. O que provava quão pouco ela conhecia da vida de astro do rock do meu pai.

Deixei-a secando os cabelos e desci para começar a preparar o café da manhã. Ela não havia comido muito na noite anterior durante a festa, e então chegara em casa e fora dormir antes de comer.

Dean estava na cozinha, tirando ingredientes de dentro da geladeira e colocando-os em cima da ilha. Fiquei observando por um instante, tentando entender o que ele estava fazendo. Ele pegou o leite e então fez uma pausa e olhou para mim.

– Bom dia. Eu não tinha certeza se vocês iriam sair do quarto hoje, depois do jeito como você subiu a escada ontem à noite indo atrás dela. Pretendia tentá-los com um café da manhã.

Encostei-me no balcão e cruzei os braços.

– Tentei mantê-la lá em cima comigo. Ela insistiu que viéssemos fazer sala para você – expliquei.

Dean riu.

– Tal pai, tal filho.

– Não tenho nada a ver com você. A mulher que engravidei é a que eu amo. Eu vou me casar com ela e passar o resto da vida me esforçando ao máximo para fazê-la sorrir.

Dean fechou a porta da geladeira e olhou para mim. Talvez ele não esperasse ouvir palavras como aquelas vindo da minha boca. Na última vez que passara um tempo com ele, eu tinha uma garota diferente na cama a cada noite.

– O que a torna diferente? Você já teve muitas garotas. Por que ela?

Se ele não estivesse sinceramente curioso, eu teria ficado puto. Mas ele só me conhecia de antes de Blaire.

– Quando ela entrou na minha casa pela primeira vez e eu pus os olhos nela, me senti atraído. Essa parte foi simples. Mas então a conheci. Ela era diferente de todas as outras garotas. Foi muito determinada, quando deveria ter se sentido derrotada. Sua vida tinha sido uma merda, e ela estava lutando para sobreviver. Não era alguém que recuasse ou desistisse. Comecei a admirá-la. Então tive um pouco dela e me perdi. Ela é tudo o que eu quero ser.

Lentamente, um sorriso tomou conta do rosto de Dean, que assentiu.

– Bem, então está certo. Acho que você sabe mais da vida do que o seu velho, porque nenhuma mulher me fez sentir assim. Que bom que você encontrou isso. É uma coisa rara, garoto, então não deixe escapar. Não vai acontecer de novo.

Eu nunca tive a intenção de deixar escapar. Dean olhou ao redor.

– Onde ficam as tigelas? Vou fazer ovos mexidos para a mãe do meu netinho.

Senti meu coração apertar.

– Na segunda prateleira à esquerda do fogão.

– Comece a preparar o bacon – ordenou ele, pegando uma tigela. – Ela precisa de proteína.

Eu não ia discutir. Sempre cuidava para que ela se alimentasse bem pela manhã.

– Ela vai querer waffle também. Tenho uma máquina – contei a ele.

Dean assentiu.

– Bom saber que você está cuidando bem dela.

Trabalhamos em silêncio por alguns minutos. Queria perguntar sobre Nan e Kiro, mas não queria que Blaire chegasse e nos ouvisse conversando justamente sobre isso logo no início do dia. Gostava que ela aproveitasse o café. Falar sobre Nan nunca era uma experiência agradável.

– Você já deve ter ouvido que Grant está saindo com Nan – disse Dean, batendo os ovos.

Congelei. *O quê?* Eu havia escutado direito?

– Eu o avisei que ela era tão louca quanto a mãe e que o melhor era correr dela. Sei que ela é sua irmã e que você a ama, mas a garota é venenosa. Um cara como o Grant não precisa disso. Ele sempre foi um bom rapaz. Detesto vê-la mastigá-lo só para cuspir depois.

Eu ainda não conseguia pensar no que dizer. Grant e Nan... Como isso tinha acontecido? Se havia alguém que sabia quanto Nan podia ser instável era Grant. Ele havia crescido vendo como a minha mãe e o pai de Nan, que nunca a reconhecera como filha, faziam a vida dela ser uma merda.

– Grant tentou ir falar com ela, mas Nan deu no pé com um cara que ela havia conhecido numa casa noturna, bem na frente dele. Acho que agora acabou. Ele lavou as mãos. Eu espero.

Por fim larguei a massa de waffle. Eu já não a misturava, só olhava fixamente para meu pai, como se as palavras dele não fizessem o menor sentido.

– Grant... estava com Nan? – A descrença na minha voz chamou a atenção de Dean. Ele se virou para olhar para mim.

– É. Pela sua cara, acho que você não sabia. Os dois estavam juntos fazia um tempo, pelo que sei. O coitado gostava dela de verdade. Mas ela é igual à mãe. Ele teve sorte de cair fora agora.

– Mas como?

Dean balançou a cabeça.

– Eu me fiz a mesma pergunta.

Não conseguia conversar sobre isso com ele. Saí da cozinha pela porta dupla que dava para a varanda dos fundos. Do lado de fora, peguei o celular e liguei para Grant. Nós contávamos tudo um ao outro. Ele estava saindo com minha irmã e nunca me disse nada.

– Oi, cara – cumprimentou-me com a voz animada.

– Eu sei sobre a Nan. – Foi tudo o que eu disse.

Grant soltou um suspiro cansado.

– Eu estava esperando poder contar a você sobre isso. Queria contar. É só que... ela não queria que eu contasse, daí teve o acidente. Depois, bem... acabou. Ela deixou bastante claro que não quer nada sério comigo. Eu não consigo lidar com esse negócio de ela dormir com um monte de caras. Para mim não era só um casinho. Eu jamais faria isso com Nan. Você sabe disso. Eu gostava dela de verdade. Talvez gostasse demais.

Afundei na cadeira ao meu lado e fiquei olhando fixamente para o mar.

– Por que você não me contou?

– Eu queria contar. Ela me implorou para não dizer nada. Eu gostava dela, Rush. Queria que desse certo. Fiz o que ela pediu. Mas me sentia um merda mentindo para você.

Ele gostava da Nan? Nossa!

– Dean disse que vocês terminaram.

– Ela terminou comigo. Não consigo fazer parte dos joguinhos dela.

Eu amava minha irmã, mas também amava Grant. Ela partiria seu coração, não era boa para ele. Meu pai tinha razão. Grant precisava de alguém que o amasse. Eu não sabia se Nan seria capaz disso. O motivo do meu alívio por terem terminado não era por não querê-los juntos, mas o fato de eu detestar pensar em Nan fazendo com Grant o que minha mãe tinha feito com os homens que a amaram. Grant merecia mais.

– Ela não vai conseguir fazer ninguém feliz enquanto não encontrar uma forma de ser feliz. Agora ela tem tanto ressentimento que vai tornar infeliz qualquer um que se aproxime demais. Não deixe que ela faça isso com você.

Grant ficou em silêncio por um minuto.

– Ela não é sempre tão mesquinha. Parte de mim chegou a se apaixonar por ela. Então ela acabou com isso ao me fazer ver como seria difícil amá-la.

– Eu amo minha irmã. Mas você merece mais. Nan não bate bem. De verdade. Ela tem muitos problemas.

– Obrigado. Eu imaginava que essa conversa fosse ser muito diferente. Não esperava que você se preocupasse comigo.

– Você é meu irmão. Eu quero o melhor para você também. Quero que tenha o que eu tenho. Corra atrás disso.

Grant soltou uma risada que deu a entender que ele não achava que isso fosse possível.

– Eis um objetivo difícil de atingir.

BLAIRE

Entrei na cozinha e encontrei Dean Finlay fritando bacon e assoviando a melodia de um dos maiores sucessos do Slacker Demon. Não consegui deixar de sorrir. Ele virou a cabeça e nossos olhares se encontraram. Tinha no rosto uma expressão que eu jamais imaginara ver em um astro do rock. Ele me lembrou um pai.

– Bom dia, flor do dia. Estou preparando o café da manhã para você e o meu neto. Eu tinha um ajudante, mas acho que acabei contando algo que Rush não sabia e que o deixou um pouco chocado. Ele saiu para fazer uma ligação. Vai voltar em alguns minutos – falou ele, enfiando um garfo numa fatia de bacon que deixou escorrendo em um prato forrado com toalha de papel.

Olhei para a janela atrás dele e vi Rush concentrado num telefonema.

– E o que foi que você contou a ele? – perguntei, pensando se deveria ir atrás dele.

– Que Grant e Nan estavam juntos fazia algum tempo. Nan acabou fazendo uma besteira que foi a gota d'água e eles terminaram. Rush não sabia de nada até agora.

Fiquei de queixo caído enquanto processava a informação. Grant e Nan? Sério?

– Também fiquei chocado. Não achava que o garoto fosse tão burro. Acho que aprendeu do jeito mais difícil que nem tudo que reluz é ouro.

Olhei para Rush lá fora. Ele estava se levantando e guardando o telefone no bolso. Perguntei-me se havia ligado para Nan ou para Grant.

– Por que não se senta e me deixa fazer seu prato? – ofereceu nosso convidado. – Você gosta de suco de laranja, leite ou os dois? O bebê provavelmente precisa de um pouco dos dois.

Voltei minha atenção de novo para Dean, ali parado de pé segurando um prato com bacon, ovos e um waffle. Ele havia acabado de preparar tudo aquilo para mim?

– Nossa, está com uma cara ótima – comentei.

– E está delicioso. Eu faço um café da manhã incrível. Agora vá se sentar e me deixe servi-la.

Mordi o lábio inferior para não sorrir feito uma idiota e me sentei à mesa. Rush abriu a porta e entrou assim que o pai colocou o prato de comida na minha frente.

– Não se preocupe com a sua noivinha linda. Já cuidei dela.

Rush sorriu para o pai e veio na minha direção. Ele se abaixou e deu um beijo na minha testa.

– Você está linda – sussurrou.

– Você está bem? – perguntei, sem conseguir disfarçar minha preocupação. Precisava ter certeza de que ele não estava chateado por causa de Grant e Nan.

– Estou. Acho que Grant criou juízo e vai ficar tudo bem.

Franzi a testa. Grant criou juízo? O que ele queria dizer?

– Conversamos sobre isso depois. Coma – instigou ele, dando uma piscadela, e foi se servir.

Dean pôs um copo de suco de laranja e outro de leite na minha frente, então sentou à minha esquerda. Estava com uma xícara grande de café na mão, mas só.

– Não vai comer? – perguntei, enquanto ele bebia da xícara fumegante.

Ele balançou a cabeça.

– Não. De manhã eu só bebo café.

Rush pôs o prato dele à minha direita. Ele o havia enchido com tudo o que restara na bancada.

Pelo jeito, estava com fome.

– Desculpe não ter ajudado você a preparar o café da manhã, mas obrigado por cozinhar.

– Foi um prazer. Fazia tempo que eu não preparava um café da manhã para você – respondeu Dean.

Gostei de ver Rush com o pai. Eles pareciam normais. Assim eu conseguia fazer parte da família. Duvidava que algum dia tivesse essa chance com a mãe e a irmã dele, mas o pai parecia me aceitar.

– Agora que sei que você sabe cozinhar, vou convocá-lo para me ajudar a preparar nosso jantar de Ação de Graças – informei ao Dean.

Ele sorriu.

– Eu adoraria. Há tempos que não tenho um jantar de Ação de Graças também. Estou ansioso para passar o feriado com vocês dois.

Fiquei feliz ao ver o sorriso de satisfação no rosto de Rush.

– Vou ao mercado hoje comprar os ingredientes que faltam.

– Vou com você – emendou Rush.

– Não. Você vai ficar aqui com seu pai. Vocês podiam jogar uma partida de golfe ou algo assim. Posso comprar o que precisamos sozinha. Além disso, acho que Bethy quer ir comigo. Ela vai fazer a torta de milho e a de abóbora para amanhã.

– Eu me recuso a jogar golfe. Mas botar a conversa em dia parece uma boa. Poderíamos ir a Destin ver o novo filme do James Bond. Ando querendo assistir. Até pago o almoço para você.

Pela expressão no rosto de Rush, percebi que ele não estava com muita vontade de ir, mas eu sabia que era apenas porque detestava ficar longe de mim. Estendi o braço e apertei a mão dele com força.

– Parece divertido. Vão fazer isso e eu passo um tempo com a Bethy.

Rush assentiu, mas notei que ele não queria ceder.

Comi uma garfada dos meus ovos e sorri para Dean.

– Isto aqui está ótimo. Obrigada.

Ele abriu um largo sorriso. Eu estava feliz que ele estivesse aqui. Não passaríamos o dia de Ação de Graças totalmente sem nossos pais.

– Por favor, Blaire. Eu imploro, por favor. – Bethy estava na minha frente balançando-se na ponta dos pés, de mãos postas, como se rezasse. A expressão de súplica em seus olhos me deu vontade de rir.

– Você não cresceu aqui? Como foi que nunca viu Dean antes? – perguntei, tirando uma sacola do mercado da parte de trás do Range Rover.

– Eu sou pobre. Você sabe disso! Eu trabalho para os ricos, não socializo com eles. Vamos lá, eu vou vê-lo amanhã, mas quero conhecê-lo agora. Sem Jace por perto para me ver toda

derretida.

Fingi ter ânsia de vômito.

– Ele é velho demais para você se derreter. Que nojo!

– Você está brincando, né? A última namorada de Dean Finlay tinha uns 21 anos. Alguém como ele nunca fica velho demais para a gente ficar derretida.

Eu discordava. Dean tinha quase 50. Tinha que ter. Por que saía com alguém mais jovem do que o próprio filho? Nojento.

– Está planejando deixar Jace e se tornar mais um risquinho na contagem da cabeceira do Dean? – brinquei, seguindo na direção da porta da casa da praia.

– Claro que não. Eu só quero... – Ela parou, pegou uma sacola e começou a subir a escada atrás de mim, toda atrapalhada. – Eu só quero conhecê-lo. Ver aqueles olhos dele e respirar o mesmo ar.

Desta vez eu ri de verdade. Não consegui evitar. Assim ela ia me matar de tanto rir.

– Ele é um cara normal. E também é pai do Rush, então duvido que Rush vá querer que você entre aqui agindo como uma tiete. Controle-se antes do jantar de Ação de Graças. Não vai ser o momento adequado para você ficar se derretendo toda pelo meu futuro sogro.

– Isso é doideira. Você se tocou, né? Doideira total! Ter o sinistro do Dean Finlay como sogro. Mulheres de todo o mundo querem dar para o cara. E você vai ser da família dele.

Estremeci e abri a porta. Às vezes Bethy passava um pouco do ponto. Como naquele momento.

– Vamos guardar as compras e falar sobre o cardápio de amanhã. Então posso contar da minha viagem para Los Angeles com Rush e o pai dele no fim de semana. Nan está dando problema para o Kiro.

Bethy entrou correndo atrás de mim.

– Você vai viajar? Neste fim de semana? Você não pode me deixar sozinha! Nem pelo Dean! Não!

Pelo menos eu a havia feito parar de pensar em pegar o Dean. Larguei a sacola em cima do balcão e me virei para olhar para ela.

– Rush precisa ir, e eu vou com ele. Além disso, se eu não for, acho que ele não vai. O pai dele pediu ajuda para lidar com Nan.

Bethy fez beicinho e se jogou no banco do bar à minha frente.

– Que droga. Não quero que você viaje.

Quanto mais eu pensava, menos vontade tinha de viajar. Mas eu não podia deixar Rush ir para Los Angeles sem mim. Ficaria com muita saudade dele. Além disso, seria uma oportunidade para eu conhecer melhor o pai dele. Estávamos prestes a formar uma família e eu queria que Dean fizesse parte dela. Eu só tivera notícias do meu pai uma vez desde que ele aparecera para me contar que não era o pai de Nan. Ele tinha me ligado uma semana depois de ir embora, para dizer que estava indo para o arquipélago de Florida Keys, atrás de um barco onde morar. Queria ficar sozinho. Também tinha dito que me amava.

Tentava não pensar muito no meu pai. Pensar nele só me deixava triste. Devia ter dito que o queria na minha vida, mas não disse. Eu o deixei partir. Pensar nas festas de fim de ano sem ele

me entristecia. Eu havia encontrado o meu lar, mas ele tinha perdido o dele.

– Você escutou alguma coisa do que eu acabei de dizer? – questionou Bethy, interrompendo meus pensamentos.

Olhei para ela.

– Desculpe. Estava pensando no meu pai – admiti. Então peguei a lata de ervilhas e comecei a guardá-la.

– Ah. Está pensando em convidá-lo?

Agora era tarde demais. Eu não tinha certeza se Rush ficaria incomodado ou não se eu o convidasse. Não havíamos falado muito sobre meu pai. Balancei a cabeça e me virei para pegar o açúcar.

– Não. Só estava pensando nele de um modo geral. Imaginando o que anda fazendo – respondi.

RUSH

Meu pai estava cantando na cozinha enquanto preparava o peru. Fiquei parado vendo Blaire misturar alguma coisa em uma tigela, sorrindo feliz. Meu pai tentava fazê-la cantar com ele, mas ela apenas ria e balançava a cabeça negativamente. Ia ser uma noite difícil para ela, e era bom vê-la sorrindo.

Durante toda a semana eu me perguntara se devia contar a ela que havia convidado Abe. Ele chegaria dentro de uma hora. Eu havia recebido uma mensagem de texto dele quando o avião aterrissou. Não conseguia decidir se essa surpresa era uma boa ideia. Queria que fosse uma noite especial para ela. Era o nosso primeiro dia de Ação de Graças juntos. Eu sabia que o fato de também ser o primeiro que ela passaria sem a mãe poderia ofuscar a noite e compreendia isso. Mas, se pudesse transformar nosso feriado em uma lembrança boa, em algo que ela fosse recordar com carinho, moveria céus e terras para que isso acontecesse.

– Está se escondendo aí atrás por medo de sujar as mãos, garoto? – perguntou meu pai, olhando por cima do ombro e me dando uma piscadela.

Blaire se virou com uma colher numa das mãos e um sorriso no rosto. Seu avental tinha umas franjinhas em volta e estampa de bolinhas cor-de-rosa. Ela estava encantadora.

Fui até ela e a puxei para perto de mim para poder beijar aqueles lábios lindos.

– Estamos cozinhando aqui. Não há tempo para esse tipo de coisa – brincou Dean, dando risada.

Blaire interrompeu o beijo e conteve um sorriso. O brilho em seus olhos demonstrou que ela estava tentando não rir. Adorava vê-la assim, ainda mais num dia como aquele. Mais uma vez, ela estava sendo mais forte do que muitos homens que eu conhecia. Continuava a me impressionar com sua força, cada vez mais.

– Posso ajudar? – perguntei, abaixando-me para dar mais um beijo no canto de sua boca.

– É claro. Pode me ajudar a botar este peru enorme no forno sem deixar cair nem queimar minha mão – respondeu Dean.

Blaire se afastou de mim.

– Ajude seu pai – falou ela, ainda se divertindo. Ótimo. Se Dean a alegrava, então ele servia para alguma coisa.

Alguém bateu de leve à porta, depois a voz de Bethy encheu a casa.

– Cheguei!

– Já não era sem tempo – respondeu Blaire.

Bethy entrou na cozinha seguida por Jace. Ele vinha carregado de sacolas de compras. Eu não sabia como poderíamos precisar de mais comida.

– Onde ponho essas coisas? – perguntou ele, sem fôlego.

– Bem aqui no balcão. – Blaire apontou para o único espaço disponível na cozinha.

Jace largou as sacolas, soltou um suspiro de alívio e então olhou para mim.

– Preciso de uma cerveja e de ver um pouco de futebol.

Abri a geladeira, peguei duas cervejas e dei uma a ele.

– Venha. Vamos liberar espaço aqui.

Jace olhou para Bethy, que estava imóvel encarando meu pai. Ele balançou a cabeça e se virou para mim.

– É, vamos sair daqui antes que a Bethy comece a tietar o seu pai.

– Bom ver você de novo, Jace – falou Dean enquanto saíamos da cozinha.

– Você também, Dean. Por favor, não ligue para minha namorada. Ela é meio tiete – pediu ele.

Passamos pela sala de estar e pela tela plana de 103 polegadas que Jace olhou, desejoso. Sabia que ele queria ver um jogo, mas eu precisava conversar com alguém sobre Grant.

Saímos para a varanda e eu me sentei em uma das espreguiçadeiras.

– Sente. Vamos ver um jogo, mas antes eu queria perguntar uma coisa.

Jace sentou ao meu lado e tomou um gole da cerveja.

– Você está sério.

– Você sabia do Grant e da Nan? – perguntei, observando-o com toda a atenção. Jace não sabia mentir. Seus olhos arregalados o denunciaram. Eu nem esperei pela confirmação. – Você não achou que era importante me contar isso? – continuei.

Jace largou a cerveja e soltou um suspiro de frustração.

– Merda. Eu sabia que você ia ficar puto quando descobrisse. Não quis ser eu a contar a você. Além disso, você estava naquela de ter perdido a Blaire e estar tentando reconquistá-la. Daí veio a gravidez dela. Grant nem sabia que eu sabia. Ele achava que estava mantendo segredo de todo mundo. Nós só fomos mais observadores do que você na época. Você só tinha olhos para Blaire. O restante de nós percebeu as coisas...

Ele tinha razão. Eu estava lutando pelo meu futuro. Estava focado em reconquistar Blaire e então protegê-la e ao nosso filho. Não me sobrara tempo para dar atenção a mais nada nem ninguém. Talvez tenha sido melhor eu não saber. Eu não precisava de distrações.

– Você tem razão. Foi melhor eu não saber. Precisava me concentrar na Blaire. Em mais nada.

Jace balançou a cabeça.

– Mas a coisa não terminou bem. Nan só deixa destruição por onde passa. Grant ficou arrasado de verdade, mas está se recuperando agora. Acho que vai se mudar de vez para Rosemary por um tempo. Quer manter distância dela.

Minha irmãzinha com certeza sabia causar problemas. Eu estava me cansando de sempre ter que livrar a cara dela. Mas não conseguiria ajudar Grant. Ele deveria saber que não podia se envolver num relacionamento com ela. Ela não era do tipo que se comprometia.

O telefone vibrou no meu bolso. Era uma mensagem do Abe. Ele havia chegado. Rezei que tê-lo trazido fosse a coisa certa a fazer. Queria que a noite fosse especial para Blaire. Ela já havia sofrido muito.

BLAIRE

Rush voltou para dentro de casa com uma expressão tensa no rosto. Não olhou para mim ao atravessar a cozinha. Parei de misturar a massa dos biscoitos, limpei as mãos no avental e fui atrás dele. Havia alguma coisa errada.

Segui às pressas pelo corredor até o hall de entrada. Rush estava abrindo a porta da frente. Ia sair? Ninguém havia tocado a campainha. Quando a porta se abriu completamente, vi meu pai parado com uma valise numa das mãos e um saco de papel na outra.

Ele estava mais magro e de barba. O homem de aparência elegante que ele fora um dia não estava mais ali. Parecia o capitão de um barco. Minha respiração falhou quando nossos olhares se encontraram por cima do ombro de Rush. Ele estava ali. Meu pai estava ali.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu comecei a caminhar na direção dele. Não passávamos uma festa de fim de ano juntos desde que eu tinha 15 anos. Mas agora ele estava ali. Rush olhou para mim, e compreendi a expressão que vira em seus olhos mais cedo. Ele não queria me chatear. Estava tentando me fazer uma surpresa, mas não tinha certeza de que iria me agradar.

Quando olhei para o rosto do meu pai, todas as mentiras e traições deixaram de ter importância. Ele também havia sofrido. Ainda estava sofrendo. Talvez merecesse. Mas talvez já tivesse cumprido sua pena. Porque, naquele momento, tudo em que eu conseguia pensar era no homem que cantava canções de Natal comigo enquanto recheávamos o peru no feriado de Ação de Graças, o homem que fazia questão de preparar uma torta de caramelo porque eu gostava mais dela que da de abóbora, o homem que passava horas cobrindo nossa casa de pisca-piscas. Não pensei no outro homem. Eu só me lembrava das coisas boas.

– Papai – falei, com a voz embargada pelas lágrimas.

Rush deu um passo para trás e o deixou entrar. Eu me atirei nos braços dele e inspirei o perfume que sempre me fazia pensar em família, segurança e amor.

– Oi, Blaire, minha ursinha – respondeu ele. Sua voz estava embargada de emoção. – Feliz dia de Ação de Graças.

– Feliz dia de Ação de Graças. – Minha voz saiu abafada contra seu casaco de couro. Eu ainda não estava pronta para soltá-lo.

– Não queria que você ficasse sem sua torta de caramelo. Então, quando o Rush me ligou, pensei que era melhor aceitar o convite e garantir que a minha menina tivesse sua torta.

Um soluço abafado saiu da minha garganta, seguido de uma risada.

– Eu não como uma torta dessas há um bom tempo.

– Bem, precisamos dar um jeito nisso, não? – disse ele, dando-me um tapinha nas costas.

Assenti e me afastei de seu abraço.

– É, precisamos.

Ele ergueu o saco que tinha na mão.

– Trouxe os ingredientes.

– Está bem. – Estendi o braço e peguei o saco da mão dele. – Pode deixar a mala no quarto amarelo, se quiser. Vou levar isto para a cozinha.

Papai assentiu e olhou para Rush.

– Obrigado – disse meu pai, então se virou e seguiu rumo à escada.

Não esperei até ele sair do meu campo de visão para abraçar Rush e lhe dar um beijo no peito.

– Eu amo você – falei.

Porque era mais do que um agradecimento. Ele havia feito por mim algo que eu sabia que não era fácil para ele. Rush não era muito fã do meu pai, mas deixara isso de lado e o trouxera até ali para me deixar feliz.

– Também amo você. Mais do que tudo – respondeu ele, me abraçando enquanto beijava o topo da minha cabeça. – Que bom que isso a fez feliz. Eu não tinha certeza se...

Levantei a cabeça para ver o rosto dele.

– Eu nunca vou me esquecer deste dia. O que deveria ser a pior festa de fim de ano da minha vida não vai ser mais. Você torna tudo melhor.

Rush me deu um sorriso.

– Que bom. Estou tentando de tudo para você ficar tão envolvida comigo que nunca consiga ir embora.

Rindo, fiquei na ponta dos pés e lhe dei um estalinho.

– Nunca. Eu não consigo sequer imaginar a vida sem você.

– Hummm, se continuar assim, vamos acabar voltando lá para cima – sussurrou ele bem perto da minha boca. Eu me inclinei para trás, passei as mãos no peito dele, depois o empurrei de leve.

– Teremos tempo para isso mais tarde. Tenho uma refeição para preparar e você, uma partida de futebol para assistir.

Rush levantou as sobrancelhas de repente.

– Minha doce Blaire, eu não sou do tipo que fica sentado assistindo. Prefiro viver a ação. Ver futebol não é páreo para ter você nua embaixo de mim.

Senti meu rosto corar quando a imagem de Rush em cima e entrando em mim me veio à mente. Sim, eu gostava disso também. Muito. Rush riu e segurou meu rosto entre as mãos, acariciando minhas bochechas com os polegares.

– Acho que alguém ficou excitada... Posso dar um jeito nisso. Prometo que vai ser rápido o bastante para você voltar logo à cozinha. – Ele baixou o tom de voz até um sussurro rouco.

Fiquei ofegante e consegui balançar a cabeça em negativa. Eu precisava ir cozinhar. Meu pai acabara de chegar e Bethy provavelmente estava enlouquecendo Dean na cozinha.

– Preciso voltar – retruquei.

Rush deslizou uma mão pela minha cintura e me puxou para junto de si. Abaixou a cabeça até estar com a boca na altura da minha orelha.

– Nós podemos entrar naquele escritório ali, e vou deslizar minha mão por baixo deste vestidinho lindo que você está usando e brincar com a sua bocetinha molhada até você ter que morder meu ombro para não gritar. Não vai demorar. Não quero que minha gata fique carente. Eu a quero satisfeita.

Ah, meu Deus. Tinha certeza de que a minha calcinha estava ensopada. Como se a gravidez já não me fizesse ficar com tesão o tempo todo, ainda tinha Rush para falar sacanagem e me deixar nesse estado.

– Cinco minutos – propôs ele e deu uma mordiscada na minha orelha.

Agarrei os braços dele e apertei antes que eu derretesse.

– Agora não. Não dá. Preciso terminar as coisas na cozinha, e meu pai acabou de chegar – argumentei, sem fôlego.

Rush soltou um suspiro derrotado.

– Está bem. Mas, caramba, como eu queria tocar você e fazê-la perder os sentidos na minha mão.

– Rush. Por favor – supliquei, respirando fundo para me acalmar. – Já estou precisando de um banho de água gelada. Não dificulte as coisas.

Dando uma risadinha, ele me soltou e deu um passo para trás.

– Tudo bem. Fuja de mim, doce Blaire. Tem cinco segundos antes de eu decidir ignorar tudo o que você disse.

Foi difícil, mas consegui mexer as pernas e fugir para a cozinha. A risada de Rush ficou mais alta, e não pude deixar de rir também.

RUSH

O peru estava ótimo. Tive de admitir que fiquei impressionado por Dean cozinhar tão bem. Blaire parecia mesmo feliz enquanto conversava com meu pai e o dela no jantar. Chegou a rir quando Bethy pediu que meu pai autografasse seu guardanapo.

Dean se aproximou e se sentou ao meu lado no sofá, então soltou um suspiro de satisfação. Também havia se divertido. Para mim, foi o primeiro dia de Ação de Graças que passei em casa com a família e os amigos. Foi a primeira vez que comi peru, torta de milho e de abóbora. Normalmente, eu passava o feriado em Vail. Saía para comer com alguns amigos e me embebedava num bar. Nunca era nada que valesse a pena recordar. Hoje havia sido diferente. Tinha sido uma prova do meu futuro com Blaire.

– Sua noiva é um doce – comentou Dean.

– É, eu sei.

– Ela está lá dentro lavando a louça com o pai. Achei melhor deixar os dois a sós. Dar a eles um tempo juntos. Foi uma merda o que ele fez com ela, mas estou feliz que estejam encontrando uma forma de fazerem as pazes. Abe já foi um bom homem. Quando soube que tinha voltado para a sua mãe, fiquei me perguntado que diabo havia acontecido com ele.

Eu também havia traído Blaire. Eu a havia magoado. Mas ela me perdoara. Tinha essa capacidade. Eu não poderia afirmar que conseguiria fazer o mesmo.

– Eu não a mereço. Provavelmente sou o cara mais sortudo do planeta.

Dean soltou uma risada triste.

– Que bom que ela faz você se sentir assim, porque, garoto, a sua vida não foi fácil. – Ele fez uma pausa e balançou a cabeça. – Eu queria ter sido melhor para você. A filha do Kiro, Harlow, tem ficado conosco nos últimos tempos. Isso é parte do problema com Nan. Ela não está muito feliz com o fato de Kiro ter uma filha de quem tomou conta. Ele pode não ter participado muito da vida de Harlow, mas tomou providências para que ela fosse bem-criada. A avó cuidou bem dela. Ela é uma boa garota. É difícil acreditar que seja filha do Kiro. A avó da pobrezinha morreu alguns meses atrás. Ela não está feliz por ter que morar em Los Angeles, mas está um pouco perdida no momento.

Eu só vira a filha do Kiro duas vezes. Na primeira, nós éramos crianças e Kiro tinha buscado Harlow para visitá-lo. Eu estava lá, mas tudo de que conseguia me lembrar dessa ocasião eram seus olhos grandes e inocentes e de que ela só falava sussurrando. Então, uns dois anos atrás, eu a encontrara de novo durante uma visita ao Dean. Ela havia crescido, era muito correta e ainda bastante inocente. Nós nos demos bem naquele fim de semana. Ela passou a maior parte do tempo dentro de casa. Kiro também. Foi a única vez que saí para farrear com o pessoal da banda e ele decidiu ficar para trás. Dean disse na época que ele era muito protetor em relação à filha.

Não podia imaginar que Nan estivesse lidando bem com o fato de Harlow existir. Mais uma coisa que eu teria de administrar.

– Assim que Blaire estiver pronta, nós vamos para lá. Vou cuidar de Nan. Ela só precisa

conversar com alguém que goste dela. Está magoada e insegura. Foi assim a vida inteira.

– Trouxe torta e café. Alguém quer? – ofereceu Blaire ao entrar na sala, outra vez de avental. Ver o contorno da barriguinha de grávida por baixo do tecido fez pulsar em minhas veias o instinto primitivo de pegá-la no colo e protegê-la.

Levantei e fui até ela.

– Eles podem se servir. Quero conversar com você sobre uma coisa. Você já alimentou e recebeu a todos por tempo suficiente – disse a ela, passando um braço pela sua cintura.

– Tudo bem, eu não me incomodo – respondeu Blaire. Eu sabia que ela não se incomodava. Mas eu, sim. Vê-la toda sorridente e feliz me deixava com vontade de agradá-la ainda mais.

– Só uns minutinhos – garanti a ela e a guiei pelo corredor na direção da escada.

– Rush, o que houve? – perguntou ela.

Mantive a mão na base da sua coluna e guiei-a até o escritório ao qual havia prometido levá-la mais cedo.

Ninguém mais usava aquele cômodo. Eu estava prestes a fazer uso dele.

– Você estava oferecendo a sobremesa lá. Eu quero a minha – expliquei a ela, trancando a porta atrás de mim e fazendo Blaire seguir de costas até a poltrona grande. – Sente-se – murmurei, e ela afundou no assento de couro.

Então me ajoelhei diante dela e levantei aquele vestidinho por suas coxas como vinha fantasiando fazer o dia inteiro. Ela abriu as pernas para mim. A calcinha de seda cor-de-rosa que ela vestia tinha um ponto molhado. Inspirei e senti seu perfume. Ela sempre tinha um cheiro bom demais.

– Rush – sussurrou ela, recostando-se na poltrona. – Não devíamos ficar fora muito tempo. Temos visitas.

Queria que fossem todos embora.

– Não vou demorar muito. Prometo. Eu só preciso cuidar de uma coisinha – respondi, passando o dedo pelo ponto molhado na calcinha dela. – Minha garota está precisando de uma atenção especial.

Blaire gemeu. Eu adorava esse som. Puxei a calcinha pelas pernas dela. Quando cheguei aos tamancos de salto que ela estava usando, descalcei um e depois outro antes de tirar sua calcinha, deixando-a no chão ao lado dos sapatos.

Agora eu podia sentir o cheiro da excitação dela. Pus uma das mãos em cada joelho e os afastei ainda mais para que pudesse admirar suas dobras rosadas. O clitóris inchado estava ali, implorando para ser tocado. Olhei para Blaire.

– Deite – instruí, e ela obedeceu. Seu corpo estremeceu, e entendi que ela queria aquilo tanto quanto eu. – Ponha aquela perna por cima do braço da poltrona e deixe esta no chão – falei, observando enquanto ela se abria completamente para mim.

Então me posicionei entre suas pernas abertas e passei a ponta do nariz por dentro de suas coxas, sentindo seu aroma – me deliciando com ele e com o tremor que minha carícia provocava na perna dela. Quando cheguei ao clitóris, passei o dedo por cima dele, e ela gritou, então cobriu a boca imediatamente para abafar o som.

– Está pronta para eu melhorar tudo isso? – perguntei, pressionando o polegar contra o

clitóris.

– Ah, meu Deus, por favor, Rush, eu quero você – implorou ela, erguendo o quadril para deixá-lo mais perto do meu rosto.

– Você tem um cheiro incrível – respondi, inspirando profundamente.

– Por favor – pediu ela, desesperada.

Eu não queria que minha garota precisasse implorar tanto. Deslizei a língua pelas dobras do buraquinho cor-de-rosa intocado até o outro, inchado e molhado, tão pronto para mim. Enfiei a língua em sua entrada quente várias vezes, enquanto ela se mexia e abafava seus gemidos com as mãos. O sabor de Blaire era incrível. Sempre foi, mas agora que ela estava grávida, algo o deixava ainda mais desejável. O sabor estava mais intenso e mais doce. Eu podia passar horas sentindo seu gosto e fazendo-a gozar na minha língua. Nunca me cansava. Parecia mais um vício.

– Nenhuma sobremesa tem um sabor tão perfeito – gemi contra o clitóris dela antes de abocanhá-lo e sugá-lo.

Passei o piercing da minha língua nele várias vezes, e os tremores e os gemidos de Blaire me indicaram que ela estava quase lá. Quase mesmo.

– Shhh, eu estou fazendo bem gostoso. Calma. Vou lamber a bocetinha da minha gata até ela não aguentar mais. Goze na minha boca. Quero sentir seu gosto.

Sabia que falar sacanagem a deixaria ainda mais excitada. Blaire soltou um grito estrangulado e levantou o quadril ao gozar na minha língua. Aquele sabor viciante que nunca era demais inundou a minha boca e eu o suguei, lambendo-a até ela tentar recuar, emitindo sons de dor e prazer.

– Rush, não, ah, meu Deus, não. Eu não consigo – gemeu ela, tentando afastar-se enquanto eu continuava a segurá-la e a sentir o sabor de cada pedacinho dela antes de deslizar a língua para dentro de novo. – Rush, eu não vou conseguir segurar. Eu vou gritar, estou sentindo mais um. Ah... ah... Rush!

Ela arqueou o corpo e mexeu o quadril enquanto eu me segurava dentro dela. Sua reação estava me deixando louco. Saber que ela estava prestes a gozar de novo foi muito mais excitante do que eu havia imaginado. Já estava com o pau dolorido de tão duro, com a cabeça apertada contra o zíper da calça. Se ela gozasse de novo, eu tinha quase certeza de que ia sujar a porra do meu jeans.

Em um movimento rápido, me levantei e abaixei a calça. Então agarrei seu quadril e meti nela.

– Caralho – gritei quando suas paredes apertadas me cercaram.

Blaire gozou mais uma vez, e desta vez não estava cobrindo a boca. Estava perdida em prazer. Atirou a cabeça para trás e, com o corpo selvagemente arqueado sob o meu, repetia meu nome sem parar.

Vê-la assim me fez enlouquecer. Agarrei a parte de trás da poltrona enquanto gozava dentro dela. Cada explosão do meu gozo provocava mais um grito estrangulado de prazer em Blaire. A certa altura, ela havia erguido as pernas e envolvido minha cintura; agora, saciada e exausta, ela as deixou cair de novo na poltrona. Tinha um sorriso satisfeito nos lábios e os olhos pesados.

– É ruim que eu nem me importe que alguém possa ter nos escutado? – perguntou ela. – Foi

incrível demais para eu me preocupar com qualquer outra coisa.

Eu me abaixei o bastante para conseguir beijar seus lábios.

– Eles não deviam estar na porra da minha casa se não queriam nos escutar – respondi.

Blaire riu.

– Meu Deus, Rush. Você me enlouquece.

Eu não conseguia parar de sorrir.

– Que bom.

BLAIRE

Despedir-me do meu pai não foi tão fácil quanto deveria. Tê-lo aqui ajudava a cicatrizar muitas mágoas. Eu o acompanhei até o lado de fora e desci a escada com ele, que estava com a mala na mão a caminho do sul da Flórida, para o barco em que agora morava.

– É bom ver você feliz. Vai ser mais fácil dormir sabendo que você está sendo amada e bem cuidada. Não acho que aquele garoto algum dia tenha imaginado ficar tão preso a você, mas ele está, e eu não poderia ficar mais satisfeito por isso.

– Você volta para o casamento e quando o bebê nascer? Quero você aqui.

Meu pai assentiu.

– Eu não perderia isso por nada no mundo.

Prendi o choro. Não seria justo. Ele já estava sozinho, não precisava ficar ainda mais atordoado por causa das minhas emoções.

– Vá pensando em como vai querer ser chamado. Dean já disse que quer ser Vô Dean. Você precisa escolher um nome também.

Meu pai sorriu. Gostava de vê-lo empolgado com alguma coisa.

– Vou pensar nisso e falo com você. Precisa ser mais legal do que o nome do Dean.

Passei meus braços ao redor dele e o abracei.

– Obrigada por vir. Senti sua falta.

– Eu também senti sua falta, minha ursinha, mas a culpa foi minha. Fiquei feliz por Rush ter me ligado.

Eu também tinha ficado feliz. Rush estava no centro de tudo de bom que acontecia comigo. Eu acreditava que ele sempre estaria. O que era estranho, considerando como tudo havia começado tão diferente.

– Tenha uma boa viagem e ligue quando chegar, para dizer que está tudo bem.

Meu pai assentiu e eu me afastei dele.

– Eu amo você – disse ele, com os olhos cansados cheios de lágrimas.

– Também amo você, papai.

Ele abriu a porta do carro alugado e fiquei parada na frente de casa enquanto ele se afastava. Desta vez, eu não estava com o coração partido. Só esperava que ele conseguisse encontrar a felicidade de novo. Estava na hora.

A porta de casa se abriu, e eu me virei e vi Rush parado na varanda, olhando para mim. Percebi que ele estava preocupado comigo por causa da partida do meu pai. Comecei a seguir na direção dele, e ele desceu a escada para me encontrar no meio do caminho.

– Está tudo bem? – perguntou ele no instante em que estava perto o bastante para me tocar.

– Está, sim. Obrigada de novo. Foi mais importante do que você imagina – assegurei a ele.

– Sempre que quiser vê-lo, basta me dizer. Eu o trarei de novo. É só dizer.

– Quero que ele venha para o casamento e quando o bebê nascer. Quero que conheça o neto. Ele não tem mais ninguém na vida além de mim. Nosso filho será parte da família dele também.

– Pode deixar. Vou comprar uma passagem para ele vir assim que for a hora.

Fiquei ali parada olhando para Rush. Na primeira vez que o vi, fiquei impressionada com a beleza dele. Nunca teria imaginado que aquele playboy temperamental pudesse ter um coração tão grande por baixo de toda aquela arrogância.

– O que mudou você? Você está tão diferente daquele cara que conheci em junho – falei, sorrindo para o rosto confuso dele.

Rush estendeu o braço e passou a mão pelos meus cabelos, enroscando os dedos nas mechas.

– Uma loira doce, determinada e gostosa pra caramba entrou na minha vida e me deu motivo para viver.

Senti o peito apertar e comecei a lhe dizer de novo quanto o amava... e então senti... o bebê.

Estendi a mão e agarrei o braço de Rush.

– Rush, ele está chutando – contei, encantada.

Já fazia algumas semanas que eu me perguntava se os pequenos tremores que eu sentia na barriga eram ele se mexendo. Queria acreditar que fosse. Mas agora eu realmente conseguia senti-lo. Não restava dúvida.

Rush largou meus cabelos e segurou minha barriga entre as mãos, olhando fixamente para baixo com uma expressão de espanto.

– Estou sentindo – sussurrou ele baixinho, como se temesse que o bebê fosse parar de se mexer. Em vez disso, ao som da voz dele, o bebê chutou de novo.

– Converse com ele, Rush – falei, contemplando a cena mais linda da minha vida. Ele se ajoelhou para ficar mais perto da minha barriga.

– Oi, filho – começou, e o bebê se mexeu imediatamente embaixo da mão de Rush. Ele levantou a cabeça e olhou para mim com um sorriso empolgado. – Ele está me ouvindo – disse, maravilhado.

Assenti.

– Está, sim. Converse com ele.

– E aí, como está aí dentro? A barriga da mamãe é tão bonitinha por dentro quanto é por fora?

Eu ri, e ele chutou.

– Imaginei que fosse. Você teve sorte: a mamãe é linda. Mas você vai ver isso em breve. Nós dois vamos ser os caras mais sortudos do planeta.

Ele se mexeu de novo, desta vez mais devagar.

– Fique bonzinho aí dentro. Estamos preparando as coisas para você aqui fora. Aproveite esse cantinho confortável por enquanto.

Rush passou as mãos pela minha barriga e olhou para mim.

– Ele está aqui de verdade. E consegue nos ouvir.

Dei risada e fiz que sim com a cabeça.

– Eu achava que vinha sentindo o movimento dele há algum tempo, mas nada parecido com isso.

– Meu Deus, Blaire, isso é incrível! – exclamou Rush, dando um beijo na minha barriga para se levantar.

– É mesmo, não é? – respondi, ainda maravilhada de pensar que tudo aquilo era meu. O homem diante de mim e a vida dentro de mim.

– Me avise quando ele se mexer de novo. Eu quero sentir – pediu Rush, pegando a minha mão.

Subimos a escada juntos, de mãos dadas.

RUSH

Fazia um tempo desde que eu estivera na casa do meu pai em Beverly Hills. Na última vez, passei a maior parte do tempo bêbado e na farra com ele. Esta seria uma visita muito diferente. Eu não era mais aquele cara. Larguei a mala de Blaire no quarto que meu pai dizia ser o meu. Era onde eu sempre dormia quando ia visitá-lo.

– Isto aqui é simplesmente... Nossa! – exclamou Blaire ao entrar, logo atrás de mim. Ela vinha parando e olhando para tudo desde que tínhamos passado pela porta da frente. Por sorte, Nan e Kiro não estavam em casa para nos receber. Queria um tempo para acomodar Blaire. A viagem de avião havia sido longa, dava para ver o cansaço no rosto dela.

– Você vai descobrir que as lendas do rock são um pouco exibidas. Elas gostam de ostentar o sucesso com coisas – expliquei.

– Dá para ver. Certamente fizeram um bom trabalho de ostentação nesta casa – comentou ela, indo até a cama e então percebendo que era alta demais para ela. Olhando por cima do ombro, franziu a testa para mim. – Como é que eu vou conseguir subir nesta coisa?

Tive que rir. Ela parecia perplexa.

– Vou arrumar um banquinho para você.

Blaire sorriu e balançou a cabeça.

– Que maluquice! E se eu quisesse deitar agora... como ia fazer?

Fui até ela, pus as duas mãos na sua cintura cada vez mais larga, levantei-a e coloquei-a em cima da cama.

– Assim – respondi, sentando-me ao lado dela antes de jogar uma perna por cima das pernas dela e fazê-la se deitar. – Se você não estivesse com uma carinha tão cansada, a gente ia testar esta cama – provoquei.

Ela cobriu a boca ao bocejar e me deu um sorriso sonolento.

– Eu consigo ficar acordada – garantiu, virando o peito na direção do meu.

Foi tentador, mas eu sabia que seu corpo precisava de descanso. Dei um beijo em seu nariz.

– Tenho certeza de que consegue, minha doce Blaire. Mas, agora, o que vou fazer é massagear seus pés e suas pernas enquanto você relaxa e cai no sono.

Seus olhos brilharam de satisfação.

– Ah, vai mesmo? Eles estão muito inchados por causa do voo.

– Deite a cabeça no travesseiro e eu vou tirar seus sapatos, que, por sinal, não são bem os calçados mais adequados para uma grávida. Você devia ter usado tênis, não salto.

Blaire bocejou de novo e deitou no travesseiro com um suspiro.

– Eu sei. Só não queria chegar ao aeroporto de Los Angeles parecendo desleixada.

Ela jamais pareceria desleixada.

– Isso seria impossível.

Blaire sorriu e fechou os olhos quando comecei a massagear seus pés.

– Está dizendo isso porque me ama.

– Mais do que a vida. Mas isso não me deixa cego. Você ficaria gostosa até usando um saco de batatas.

Ela não respondeu nada. Estava com os olhos fechados e mantinha o sorriso nos lábios. Dediquei minha atenção a massagear seus pés cansados, subindo até as panturrilhas. Quando terminei, ela respirava lenta e tranquilamente. Pus o cobertor sobre ela e deixei-a descansando.

Dean estava reclinado no sofá modular de couro preto que ocupava a maior parte da sala de jogos. As músicas do último álbum da banda saíam dos alto-falantes enquanto ele jogava Halo no Xbox, com um cigarro pendurado no canto da boca.

– Enquanto estivermos aqui, por favor, não fume perto da Blaire – pedi ao entrar na sala.

Dean olhou por cima do ombro e sorriu.

– Pode deixar. Não quero fazer mal ao bebê.

Ele pausou o jogo, largou o controle em cima da longa mesa vermelha que ficava na frente do sofá e pegou seu copo. Não precisei perguntar para saber que era uísque puro.

– Nossa garota está tirando uma soneca? – perguntou ele, pondo os pés em cima da mesa.

O fato de ele chamar Blaire de "nossa garota" me incomodou. Ela não era a garota de ninguém além de mim. Mas esse era o jeito de o meu pai falar. Ele agia como se fôssemos um conjunto. Sempre fizera isso.

– A minha garota está dormindo. Ela estava exausta – respondi, sentando na outra ponta do sofá.

Dean riu, tomou um gole do uísque e deu uma tragada no cigarro.

– Você é um homenzinho das cavernas possessivo em relação a ela, não é? Não puxou ao seu velho nisso.

Eu não puxara a ele em muitas coisas, mas não disse isso.

– Vou fazer tudo o que for preciso para fazê-la feliz. Mas vou ser eu que vou fazê-la feliz. Sempre. Só eu.

Dean soltou um assovio baixo e balançou a cabeça, tirando o cigarro da boca e batendo-o num cinzeiro.

– Promessa difícil de cumprir. Mas boa sorte. As mulheres podem ser umas escrotas às vezes, só por diversão. Ninguém consegue fazer uma mulher feliz quando ela está bancando a escrota.

Aquela conversa não fazia sentido. Ele nunca tivera uma Blaire na vida. Não fazia ideia de como ela era. Eu tinha um motivo para estar ali, queria apenas resolver o problema e ir para casa.

– Onde está Nan?

Dean suspirou e revirou os olhos.

– Não está aqui agora, felizmente. Ela é uma maluca.

– E onde está Kiro? – perguntei, decidindo ignorar a opinião dele sobre Nan.

– Estou bem aqui, porra! Aí está o cara! Olhe só para você, todo crescido e parecendo um homem. Como isso aconteceu em tão poucos meses, caramba? – A voz alta de Kiro era inconfundível.

Ele entrou na sala agarrado por uma mulher que parecia ter a minha idade. Os peitos dela estavam prestes a saltar da blusa justa que parecia um espartilho. Ela piscou para mim. Os cílios eram obviamente falsos. Ninguém tinha cílios tão longos.

– Vim dar um jeito na Nan – respondi, olhando para meu pai, que dava outra longa tragada no cigarro e avaliava a mulher que Kiro trouxera. Eu sabia que os dois dividiam às vezes. Não queria que Blaire ficasse perto dessas sacanagens.

– Puta merda, vou ficar lhe devendo minha bola esquerda. Ela está me deixando de cabelo em pé. Por favor, acalme aquela maluca e me ajude a encontrar um jeito de conversar com ela. Ela sempre foi louca assim?

Eu sabia que Nan tinha seus problemas, mas ouvir o homem que era a principal causa deles falar desse jeito me deixou puto. Eu me levantei e olhei furioso para ele.

– Se ela tivesse tido um pai que desse a mínima para ela, talvez fosse tão normal quanto a Harlow. Mas não teve. Você a deixou sozinha com a minha mãe. NENHUMA criança deveria passar por isso. Pelo menos meu pai foi atrás de mim. Passou tempo comigo. Fez com que me sentisse querido. Você nunca fez isso pela Nan. É por sua causa que ela é toda problemática. – Eu não queria ter estourado com ele no instante em que ele entrou em casa, mas ele havia falado merda sobre a minha irmã.

– É a irmã dele, Kiro. Cuidado com o que fala – alertou Dean.

Meu pai vinha falando merda sobre Nan também, só que não era culpa dele ela ter ficado daquele jeito.

A garota se aproximou mais de Kiro.

– Você disse que ia ser divertido. Eu quero me divertir, gato. Você deixou a minha bocetinha toda molhada na limusine. Ela está pronta para ser comida – ronronou.

Eis algo que eu não queria que Blaire visse e ouvisse. Sexo para eles era algo barato e sujo. Eu só queria que Blaire visse o sexo como era com nós dois. Não aquela perversão.

– Seja uma boa menina e vá tirando a roupa enquanto eu converso com o garoto aqui. Seja boazinha, e talvez eu o deixe beijar essa sua bocetinha quente e molhadinha também.

– Aaaaah, que delícia. Dois em vez de um. – Ela riu e puxou a faixa do top, que caiu no chão e deixou seu peito à mostra bem ali, na frente de todos. Cenas assim eram normais quando eu visitava meu pai, mas as coisas estavam diferentes agora.

– Hum... Ela colocou piercing nos mamilos – disse meu pai antes de virar o resto do uísque e se levantar.

– Vou voltar para o meu quarto e dar uma olhada em Blaire. Converso com você depois que ela for embora – avisei, enojado, e saí pela porta.

– O que foi que deu nele? – perguntou Kiro enquanto eu saía. – Ele costumava aproveitar essas bocetinhas gostosas.

Voltei logo para Blaire. Ela ainda estava enroscada na cama. Tirei os sapatos e me deitei ao seu lado, aconchegando-me nela. Eu gostava de tê-la perto de mim. Aquilo significava muito mais do que qualquer coisa que meu pai tivera na vida. A superficialidade dos relacionamentos dele me dava pena. Eu sabia o que ele estava perdendo. Mesmo com todo o sucesso que alcançara, ele não havia conseguido aquilo. Tantos anos desperdiçados.

BLAIRE

A boca de Rush traçou um caminho de beijos pelo meu pescoço com a água caindo da ducha acima das nossas cabeças como se estivesse chovendo. Desejei ter uma ducha daquelas na nossa casa. As mãos de Rush deslizaram ao redor da minha cintura, cobrindo minha barriga. Ele não conseguia tirá-las da minha barriga desde que sentira o bebê chutando, como se precisasse mostrar que era dele. Se não fosse tão fofo em tudo o que fazia para me proteger, aquilo me daria nos nervos.

Antes que eu tivesse chance de aproveitar por completo o fato de as mãos de Rush estarem em mim e de seu corpo estar tocando todo o meu, um berro furioso e agudo nos fez parar. Senti Rush ficar tenso atrás de mim.

– Nan? – perguntei, já sabendo a resposta.

– É. Acho que já descobriu que estou aqui – falou ele, dando mais um beijo em meu pescoço. – Termine o seu banho. Preciso resolver isso. Ela e meu pai não se dão bem.

Fiz que sim com a cabeça e continuei sob a água quente. Ele saiu do boxe e pegou uma das toalhas grandes e felpudas que estavam dobradas em cima de uma grande mesa de mármore com pedestal. Eu queria ir junto, mas ele não me pedira para acompanhá-lo. Nem pediria. Não queria que ninguém me aborrecesse.

Uma voz masculina grave começou a gritar, respondendo aos berros de Nan. Quem era esse? Eu havia passado pouco tempo com Dean, mas não achava que qualquer coisa no mundo algum dia tivesse conseguido irritá-lo a ponto de ele levantar a voz. Desliguei o chuveiro, peguei uma toalha e segui Rush até o quarto.

– Quem mais está aqui? – perguntei enquanto ele vestia uma calça jeans, sem botar qualquer cueca, e pegava uma blusa.

– Eu chutaria que é o Kiro. Pelo jeito, eles estão tendo um momento "pai e filha" – respondeu ele, num tom de voz frustrado.

Kiro. Eu só vira aquele astro do rock em fotos. Agora estava ali, na mesma casa que eu.

– Fique aqui. Foi por isso que viemos. Para que eu pudesse lidar com Nan. Ela está infernizando a vida de todo mundo e Kiro não sabe o que fazer. Assim que eu acalmá-la e ela estiver sob controle, poderemos voltar para Rosemary.

Assenti, segurando forte a toalha em que me enrolara. Rush saiu correndo em direção à porta, então se virou. Deu um sorriso e veio rapidamente até mim. Passou as mãos pelos meus cabelos molhados e segurou meu rosto entre as mãos, olhando para mim.

– Queria ficar aqui com você – sussurrou ele e baixou os lábios até os meus.

Agarrei os dois braços dele e os segurei enquanto sua boca roçava suavemente na minha antes que ele desse uma lambidinha no meu lábio inferior. Abri a boca para que ele pudesse sentir um pouco mais, só que outro berro agudo soou no andar de baixo. Rush deu um passo para trás e suspirou.

– Merda de família maluca – resmungou ele.

– Vá lá. Vou ficar bem aqui.

Fui surpreendida por uma batida na porta e apertei ainda mais a toalha ao meu redor. Rush parou na minha frente para bloquear a visão de quem quer que fosse.

– O que foi? – perguntou ele.

Espiei por trás dele enquanto a porta se abria devagar. Estava me preparando para Nan invadir o quarto. Em vez disso, havia uma garota mais ou menos da minha idade parada no corredor. Ela não se parecia com ninguém que eu poderia imaginar morando naquela casa. Seus longos cabelos castanhos cacheados batiam na cintura e estavam repartidos de lado. Ela não usava franja. O cabelo tinha um corte reto. Seus olhos cinzentos e intensos eram emoldurados por cílios escuros e espessos, mas ela não usava maquiagem. Vestia uma bermuda reta que ia até os joelhos e uma blusa cor-de-rosa clara de botões. Era um visual simples e elegante.

– Oi, Harlow – cumprimentou-a Rush, o que me surpreendeu ainda mais. – Estou descendo. Já a escutei.

A garota arqueou uma das sobrancelhas perfeitamente esculpidas.

– Vim pedir para me esconder aqui com vocês. Você vai mesmo descer lá para lidar com a situação? – O forte sotaque sulista me espantou. Quem era ela e por que falava daquele jeito? Estávamos em Beverly Hills.

– Foi para isso que eu vim, para ajudar na situação – respondeu Rush.

A garota assentiu e desviou o olhar para mim.

– Você deve ser Blaire.

– Sou – confirmei, olhando para Rush.

Rush me puxou para mais perto, ao lado dele.

– Blaire, esta é Harlow. Ela é a outra filha do Kiro. Harlow, esta é a minha noiva, Blaire.

– Eu sei tudo sobre Blaire. Dean já me contou. Você se importa se eu ficar aqui em cima com você? Nan não é muito minha fã, e prefiro ficar longe de gente furiosa.

– Ela precisa se vestir, e não sei se...

– É claro que sim, seria ótimo. Só vou pegar uma roupa da mala para vestir. Vai ser rapidinho – respondi, interrompendo Rush. Eu costumava ser boa em julgar o caráter das pessoas, e tinha gostado de Harlow. Ela parecia quase tímida. Tinha fala suave e nenhuma malícia no olhar. Também não olhara de modo provocante para Rush. Isso contava muitos pontos comigo.

– Tem certeza? Eu ia pedir para trazerem comida para você e...

– A ideia da comida é maravilhosa. Peça para mandarem algo para Harlow também, por favor – solicitei, antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa.

A risada de Harlow me espantou, e eu olhei para ela.

– Desculpe. É só que ele está sendo tão diferente do Rush que eu conheço. É divertido vê-lo assim.

É, eu gostava dela.

– Deixe eu me vestir e, você, vá cuidar da Nan antes que ela venha buscá-lo. Não quero vê-la ainda.

Isso pareceu tirar da cabeça de Rush a ideia de me manter na cama, debaixo das cobertas, feito uma inválida. Ele também não iria querer Nan perto de mim com aquele humor. Fez que

sim com a cabeça e seguiu em direção à porta.

Depois que ele saiu do quarto, fiz um sinal para Harlow entrar.

– Vou só vestir alguma coisa. Fique à vontade.

– Obrigada. Nunca estive no quarto do Rush antes. Normalmente fico lendo no meu. Mas fiquei curiosa quando Dean me falou sobre você – admitiu ela, dando um sorriso tímido.

– Também fiquei curiosa sobre você. Não sabia que Kiro tinha outra filha. A que eu conheço não é muito legal. Você não parece nem um pouco com Nan.

Harlow pareceu triste por um instante.

– Tive uma criação diferente. Minha avó teria me enchido de palmadas se eu algum dia agisse como Nan. Não fui uma criança que pudesse ficar fazendo exigências ou dando chiliques. Minha avó fazia questão de que eu me comportasse. Acho que era por isso que o papai gostava de me pegar. Eu não atrapalhava quando estava aqui. Ficava no meu quarto lendo a maior parte do tempo. Quando ele tinha tempo para mim, me levava ao cinema ou a um parque de diversões. Mas, tirando isso, minha vida era com a minha avó, na Carolina do Sul.

Então era por isso que ela tinha aquele sotaque.

– Eu cresci no Alabama. Estava me perguntando sobre seu sotaque – confessei.

Ela sorriu.

– Muita gente estranha. Ninguém espera que a filha de Kiro seja uma garota do campo.

Assenti, porque Harlow tinha razão. Ninguém espera por isso. Com aquele nome e um pai famoso, eu achava que ela seria mimada e esnobe. Ela não era nem uma coisa nem outra. Tirei um vestido da mala. Vinha usando mais vestidos agora que minha barriga estava grande demais para as calças jeans.

– Já volto – disse a ela, e fui me vestir no banheiro.

RUSH

Kiro estava sem camisa, sacudindo os braços tatuados com um cigarro entre os dedos e uma garrafa de rum na outra mão.

– Qual é o seu problema, caralho? Cacete, se você tem problemas com a sua mãe, vá torrar o saco da *porra* da Georgianna. Por que eu que preciso lidar com essas suas maluquices? – gritava Kiro para Nan quando entrei na sala de jogos.

Havia uma calcinha de renda preta em cima da mesa de bilhar, mas a garota com quem eu o havia deixado algumas horas antes não estava por perto. Pelo menos isso.

– Rush! Ouviu o que ele disse? Ele não dá a mínima para mim. Não se importa com o fato de ter me ignorado a minha vida toda. E sabia que ele tem uma filha? Uma vaca toda certinha que nem olha para mim – gritou Nan.

Eu me aproximei dela e segurei suas mãos.

– Respire fundo, Nan. Você precisa se acalmar para que nós todos possamos conversar. Ficar gritando não vai resolver nada.

Ela me olhou com raiva, mas fez o que eu pedi. Esperei que ela respirasse fundo algumas vezes e soltei suas mãos.

– Ótimo. Agora, sente-se lá naquele sofá e não fale nada. Deixe eu falar. Está bem?

Ela franziu a testa, mas fez que sim com a cabeça e foi até o sofá branco que contornava duas das quatro paredes da sala. Depois que ela se sentou, eu me virei para Kiro. Ele tomava mais um longo gole de rum. O cara precisava parar de beber e ir comer alguma coisa. Dava para ver as costelas dele. Sua tara por couro ia além da mobília e se estendia às roupas. Sua calça de couro estava folgada no quadril magro e tatuado.

– Nem acredito que você conseguiu fazê-la calar a boca por um minuto inteiro – resmungou Kiro e pôs o cigarro de volta nos lábios.

Olhei para Nan e balancei a cabeça. Eles eram muito parecidos. Ambos gostavam de ter a última palavra.

– Ela está chateada. Por favor, pense bem no que vai dizer e lembre-se de que ela é sua filha. A que você abandonou com a pior mãe que uma criança poderia ter. Agora – me dirigi para Nan –, você não pode odiar Harlow por ele ter decidido cuidar dela. Você odiava Blaire pelo mesmo motivo. Ela nunca fez nada contra você, mas você a odiava ainda assim. Existem apenas duas pessoas que podem ser culpadas pela forma como as coisas acabaram: Kiro e a nossa mãe. É deles que você pode ter raiva, não de todo mundo ao redor.

– Ela fez você me odiar. Você nunca me xingava. Eu a odeio porque ela tirou você de mim. Disso eu posso culpá-la. Ela tirou a única pessoa que me amava na família. Tudo o que você faz agora é me corrigir e me dar bronca. Você nem me telefonou quando saí do hospital – disparou ela e se levantou. – Cansei de tentar fazer vocês todos me amarem. Não devia ter que me esforçar tanto. Espero que estejam todos felizes! – Ela saiu correndo da sala e seguiu batendo os saltos pelo corredor e os degraus da escada. Não entendi se ela ia realmente sair ou só dar um chilique e

ver se eu iria atrás dela. Eu fora atrás dela mais vezes do que deveria. Era um dos motivos de ela ser desse jeito.

– Caralho. Eu precisava ter você por aqui o tempo todo. Você consegue se livrar dela sem problemas. Caramba, como foi fácil – falou Kiro, afundando no sofá e cruzando as pernas na altura dos tornozelos. Ainda estava agarrado à garrafa de rum e tinha o cigarro pendurado na boca. – Sente-se e me conte sobre a garota que eu ainda não conheci. Você saiu daqui correndo quando Princesa tirou a blusa.

O nome da mulher não era Princesa. Era assim que ele chamava todas as mulheres que comia. Quando eu era mais novo, ele me dissera que se chamássemos todas do mesmo jeito, não correríamos o risco de gemer o nome errado na cama. Na época, eu o achei um gênio. Talvez ele fosse mesmo, na música, mas com as mulheres ele era um idiota. Era um milagre que ainda tivesse um pau. Ele o enfiara em tantos lugares que eu estaria com medo de que caísse.

– Princesa também tem uma bocetinha linda. Você devia ter visto. Toda rosadinha e depilada. Acho que ela até passou óleo para mim.

– Não quero saber disso. Não levando em conta o motivo de eu estar aqui – interrompi-o antes que ele pudesse prosseguir.

Kiro riu e tomou outro gole da garrafa.

– Ela chupava feito um aspirador de pó – comentou ele.

– Papai, por favor. Eu não preciso ficar com essa imagem na cabeça. – A voz de Harlow me fez virar rapidamente à procura de Blaire. Ela estava parada ao lado de Harlow usando um vestido listrado azul-claro e branco de mangas compridas. O decote era grande demais, exibindo os seios, que estavam mais bonitos a cada dia da gravidez. O vestido também ficava muitos centímetros acima dos joelhos, e ela estava descalça.

– Puxa vida, quem diria, ela é uma gatinha de dar água na boca. Eu ofereceria meu colo, querida, mas acho que o cara aqui poderia me castrar se eu chegasse perto demais.

– Eu faria mais do que isso – rosnei, lançando um olhar furioso para Kiro antes de me aproximar de Blaire.

– Vocês não mandaram nada para comer, então descemos para pegar alguma coisa. Como a casa estava em silêncio, imaginamos que Nan tivesse ido embora – explicou Harlow.

Merda. Eu havia me esquecido da comida.

– Desculpe, gata. Nan estava gritando e eu esqueci. Venha, vou conseguir algo para você comer.

– Já pedi ao novo cozinheiro, o Sr. Branders, para nos preparar uma salada de frango – respondeu Harlow.

Blaire apertou meu braço.

– Eu estou bem. Não fique chateado.

Lidar com a minha família não era algo de que eu precisasse naquele momento. Eu tinha Blaire e nosso filho para cuidar. Por que eu concordara em vir? Ela não combinava com aquele estilo de vida. Senti cheiro de cigarro e virei Blaire na direção da porta.

– Vamos tirar você daqui. Ele está fumando – expliquei.

– Você vai mesmo fazê-la sair só porque eu estou fumando? – perguntou Kiro num tom

divertido.

Nem me dei o trabalho de responder. Só continuei guiando Blaire para a porta. Fiquei tentado a lhe pedir que prendesse a respiração até chegar ao ar fresco. Eu tinha que resolver logo toda a confusão de Nan. Blaire precisava do ar fresco e limpo de Rosemary, não daquele lugar infestado de nicotina.

– Deixe-o em paz – ralhou Harlow baixinho com Kiro.

– Dean não estava brincando. O garoto arrumou uma boceta – falou Kiro e deu uma gargalhada.

Cerrei os dentes e continuei levando Blaire para a cozinha.

– Ele parece interessante. Não fui apresentada a ele – disse Blaire.

– Você não quer ser apresentada a ele. Não é alguém que eu queira perto de você.

Blaire olhou para mim e franziu a testa.

– Por quê?

– Porque ele não tem moral. Nenhuma. Nada. E limites são uma língua estrangeira que ele não compreende. As mulheres se atiram em cima dele, e ele as come e passa para a seguinte. Não o quero olhando para você.

– Eu só queria poder confirmar a ele que, na verdade, você tem um pênis. Um pênis muito grande e bonito – sussurrou Blaire.

Eu me encolhi.

– Por favor, só chame de grande. Não chame de bonito. Isso o magoa.

Blaire riu e se apressou à minha frente.

BLAIRE

Eu não tinha certeza se um jantar de família era boa ideia naquela casa. Rush, no entanto, estava determinado a encontrar uma forma de ajudar Nan e Kiro a se entenderem. Eu havia passado o dia na piscina. Embora fosse final de novembro, a temperatura ainda estava em 26 graus. Eu estava acostumada com o estranho calor do inverno do Alabama, mas o sol parecia ainda mais quente aqui. Rush havia se deitado ao meu lado e feito um esforço tremendo para passar filtro solar em todo o meu corpo.

Depois do banho, eu estava me sentindo fresca e pronta para enfrentar aquela família maluca, pelo Rush. Havia gostado de Harlow, pelo menos durante o tempinho que tinha ficado com ela. Ela não estava brincando quando disse que passava o tempo todo no quarto. Quase não saía. Eu me senti mal por ela. Parecia uma vida solitária. Imaginei como devia ser a vida dela na Carolina do Sul. Será que tinha amigos de quem sentia falta?

Rush entrou no quarto, mas parou no instante em que pôs os olhos em mim.

– Não. Blaire, você está linda, gata. Incrível. Mas não pode usar esta roupa no jantar. Seus peitos estão me fazendo querer cancelar tudo e deixar você nua. E ainda tem as pernas de fora e o salto alto. Você não pode ir jantar assim. Kiro é um pervertido, e eu vou acabar matando ele. Por favor, vista alguma coisa que deixe menos peito e menos perna à mostra. Caramba, vista uma calça jeans, um suéter e um tênis.

Se ele não parecesse estar tão perturbado, eu teria ficado puta. Eu adorava aquele vestido. Fazia eu me sentir sexy, apesar da barriga. Quanto maior o bebê ficava, menos atraente eu me sentia. Minha cintura estava desaparecendo rapidamente.

– Nenhuma das minhas calças jeans me serve, e gosto deste vestido. Eu me sinto bonita com ele.

Rush suspirou e se aproximou de mim.

– Você está maravilhosa, do caralho! Bonita não é a palavra adequada para descrever você neste momento. Só que preciso que você pareça menos a gostosa provocadora de orgasmos e mais a noiva grávida. Não quero ouvir Kiro dizendo coisas grosseiras a seu respeito durante o jantar. Quero tentar conseguir uma trégua entre ele e Nan.

Tudo bem.

– Bom, já que colocou as coisas nesses termos, acho que eu posso me trocar – respondi.

– Sim, por favor. Por mim – implorou Rush.

– Você pode abrir o zíper, então? Já sofri muito para fechá-lo.

Rush levou a mão por trás de mim e abaixou o zíper, então puxou o vestido pelos meus ombros até ele ficar ao redor da cintura. Eu não estava de sutiã porque as costas eram muito abertas, e meus seios nus pareceram chamar a atenção dele.

– E coloque o sutiã – disse ele num sussurro rouco. Então baixou a cabeça e pôs um dos mamilos na boca. O piercing de metal da língua dele roçou na pele sensível, e eu agarrei seus ombros e me segurei firme.

– Rush, nós temos um jantar daqui a pouco – lembrei a ele enquanto ele abaixava meu vestido até o chão.

– Neste momento não dou a mínima para isso – murmurou ele, passando para o outro mamilo. Deslizou a mão para a frente da minha calcinha e enfiou o dedo em mim com um único golpe suave. Meus joelhos estremeceram.

– Por favor, eu... por favor.

– Por favor o quê? – perguntou Rush, pegando-me no colo e pondo-me em cima da penteadeira atrás de mim. – Abra as pernas – ordenou.

Fiz o que ele queria. Ele então deslizou a mão pelo meu púbis, enfiando e tirando o dedo de mim num ritmo constante. Cada vez que tirava o dedo, espalhava a umidade pelo meu clitóris antes de metê-lo de novo. Eu estava muito perto de um orgasmo. Rush parecia saber me fazer atingi-los com facilidade.

– Está gostoso? Alguém está toda molhadinha – disse ele no meu ouvido, e eu estremeci quando seu dedo saiu e foi um pouco para trás, na direção da minha outra entrada.

Ele serpenteou ao redor e, surpreendentemente, isso me excitou. Achei que fosse me incomodar. O gemido que deixei escapar não passou despercebido.

– Está gostando? – perguntou ele e enfiou gentilmente o dedo na entrada. Senti a pressão no clitóris. Fechei bem os olhos e apenas assenti com a cabeça. – Caralho, gata. Não vou conseguir enfrentar esse maldito jantar pensando em você toda excitada enquanto eu brinco com o seu cuzinho.

Agora eu não queria ir jantar. Queria gozar.

Rush levou o dedo de volta ao meu clitóris e o circundou várias vezes, então o beliscou com o polegar e o indicador enquanto mantinha o anelar dentro de mim. Agarrei os braços dele e dei um grito quando o orgasmo que vinha se formando finalmente explodiu.

Fiquei jogada em seus braços, e ele me segurou forte contra seu corpo ao tirar a mão da minha calcinha. Começou a lamber os dedos, um por vez, e senti meu estômago se agitar ao vê-lo fazer aquilo. Um sorriso tomou conta dos lábios dele quando tirou o último dedo da boca.

– Acho que isso vai me conter até esse pesadelo terminar. Mas me faça um favor: fique com esta calcinha. Quero descer sabendo que eu a deixei toda molhada.

As palavras dele fizeram meus peitos doerem de excitação de novo. Se ele não parasse, nós jamais conseguiríamos descer para o jantar.

– Vista alguma coisa que vá me deixar calmo e vamos enfrentar o inferno que está nos esperando – sussurrou Rush, pondo-me de pé. – A menos que queira ficar aqui. Trago comida para você, se preferir não ir.

De jeito nenhum eu iria ficar escondida lá em cima enquanto ele descia para lidar com Nan. Eu iria também. Pretendia manter a boca fechada, mas estaria lá para dar apoio moral.

– Eu vou com você. Me dê um segundo. Estou um pouco fraca e sem ar.

Rush sorriu.

– Exatamente como eu gosto de deixá-la.

Recolhi meu vestido do chão e o joguei nele. Então fui até o closet, onde havia pendurado minhas roupas, e peguei outro vestido, que tinha um decote mais discreto e terminava abaixo dos

joelhos. Se usasse minhas botas de cano longo, ficaria bem bonitinha. Pus o vestido e me virei para pegar as botas.

– Você vai de botas? Essas botas? – perguntou Rush ao me ver calçar o primeiro pé.

– Vou – respondi.

Rush soltou um grunhido e balançou a cabeça.

– Essas malditas botas fazem um homem imaginar que você não está usando nada além delas.

– Rush! Precisa parar com isso. Você acha que todo mundo quer me ver nua. Caso não tenha percebido, estou com barriga de grávida. Homem nenhum quer me ver nua... exceto você.

Rush ergueu as duas sobrancelhas.

– Você realmente acha isso, não acha?

– Eu não acho, tenho certeza.

Rush soltou um suspiro derrotado.

– E este é um dos motivos pelos quais você é tão terrivelmente irresistível. Venha, minha doce Blaire. Vamos jantar.

RUSH

Com Blaire ao meu lado durante o jantar, não ia conseguir me concentrar em Nan. Eu ficava querendo proteger Blaire. Quando Nan despertara do coma e soubera do bebê, quase parecera se render um pouco a Blaire. Então descobrira que seu pai não era Abe, mas Kiro.

Desde então, Nan afundava cada vez mais, fora de controle. Eu compreendia seu desejo de ter um pai que a amasse. Eu odiara Abe Wynn durante anos pelo fato de minha irmã ser tão frágil. Mas não fora culpa dele. Minha mãe deveria ter sido honesta e a porra do Kiro devia ter se apresentado, como o meu pai, e feito alguma coisa.

Blaire apertou minha mão com força quando entramos na sala de jantar. Olhei ao redor e fiquei aliviado ao ver que Nan ainda não chegara. Queria que Blaire estivesse sentada e tranquila antes que minha irmã aparecesse.

– Você convoca esta reunião familiar e se atrasa – comentou Kiro com a voz arrastada, reclinando-se na cadeira e observando Blaire. Eu estava começando a odiar o cara. Por diversos motivos.

– Nan ainda não chegou. Não estamos atrasados – respondi, levando Blaire para a outra ponta da mesa e acomodando-a entre mim e Dean.

– Está calibrado que só. Começou com o rum cedo – explicou Dean a Blaire. O olhar constrangido do meu pai me lembrou de que ele não era tão insensível quanto o amigo. Eu já sabia disso. Ele não havia me ignorado. Mas Kiro também não fizera isso com Harlow. No entanto, eu me perguntava se ela teria tido o mesmo destino de Nan se a avó não a tivesse acolhido. Kiro apenas mandara dinheiro. Fora a avó quem a criara. Ele só aparecia com pôneis e promessas que nunca cumpria.

– Só estou sendo eu mesmo – alegou Kiro em voz alta da sua ponta da mesa comprida. – Você vai manter essa sua menina bonita bem longe de mim, não vai? – provocou, dando uma risada. – Só estou olhando, garoto. Não vou tocar. Ela está carregando um filho seu. Fico longe das grávidas. Não quero mais ser responsabilizado por filho nenhum.

Blaire ficou tensa ao meu lado, então pousei a mão em sua perna. Não precisava ficar incomodada com aquilo. Era uma boa notícia. Ainda que eu também quisesse que ele parasse de olhar para ela.

– Papai, deixe Rush e Blaire em paz. Sua provocação só está deixando todo mundo desconfortável – falou Harlow. Ela estava sentada em silêncio à esquerda de Kiro. Como quase nunca falava, eu não estava acostumado com sua voz suave. Ainda me espantava que aquele sujeito a houvesse gerado. Ela não tinha nada a ver com Kiro. Era também a única pessoa capaz de acalmá-lo. Sua voz parecia tranquilizá-lo.

– Tudo bem, querida. Não quero estragar seu jantar. Eu só estava brincando.

– Chega de brincadeiras – respondeu ela, dando uma ordem gentil.

Blaire baixou a cabeça ao meu lado.

– Gostei dela – sussurrou, tão baixinho que quase não escutei. Sorri. Eu não estava errado a

respeito de Harlow, se Blaire gostava dela. Era realmente uma boa moça. Nan ia infernizá-la.

Todos ouvimos o estrondo de sapatos batendo no piso de mármore que levava à sala de jantar. Fiquei tenso e me preparei para Nan. Ela adentrou a sala de jantar usando um vestido azul curto rodado e salto agulha, com os longos cabelos ruivos presos no alto de forma que os cachos emolduravam seu rosto. Cuidara de estar bonita para a ocasião. Essa era Nan. Fiquei observando enquanto ela encarava cada um da mesa com uma expressão arrogante no rosto.

O brilho irritado em seus olhos quando notou Blaire não foi nada comparado à expressão de ódio que lançou para Harlow. Esperei para ver se ela ia dizer alguma coisa que eu precisasse abafar. Harlow manteve o olhar baixo, brincando com o guardanapo no colo. A tensão no ambiente era imensa, e detestei pensar que Nan achasse necessário fazer isso para conseguir atenção.

– Sente, garota, e pare de ficar aí fazendo cara feia. Nós queremos comer – falou Kiro num tom de desdém, e os olhos de Nan foram tomados pela raiva. Ela olhou para a outra cadeira ao lado dele, mas passou direto por ela e sentou ao lado de Dean. A garotinha que havia dentro dela ainda temia ser rejeitada. Ela sabia que meu pai não faria isso.

– Eu não sabia que você a tinha trazido – disparou Nan.

Blaire estava tão tensa ao meu lado que senti vontade de abraçá-la até que relaxasse.

– É claro que trouxe. Ela vai aonde eu vou.

Nan revirou os olhos.

– Sinto falta do velho Rush.

– Eu, não – rebati.

– Isto é um assunto de família. Você acha que consegue passar alguns instantes longe ou está planejando sufocá-lo pelo resto da vida?

A mágoa de Nan estava se transformando em amargura. Mas eu não a deixaria descontá-la em Blaire. Inclinei-me sobre a mesa e a encarei com firmeza.

– Nunca mais fale assim com ela. Se Blaire não tivesse concordado em vir comigo, eu não estaria aqui. Não subestime a importância dela. Ela está comigo. Respeite isso.

Nan se empertigou, mas se recostou na cadeira. Eu detestava falar com ela desse jeito quando sabia que ela estava sofrendo. Só que Blaire vinha primeiro. Sempre.

– Estou morrendo de fome. Onde está a porcaria da comida? – gritou Kiro.

Duas mulheres de 20 e poucos anos entraram apressados trazendo bandejas. Normalmente, não havia garçons para servir as refeições na casa. Dean e Kiro não eram muito chegados a refeições formais. Mas Dean havia chamado um bufê para cuidar do jantar daquela noite. As mulheres pareciam fãs deslumbradas enquanto serviam os aperitivos e ofereciam as bebidas.

– Olhe só você – falou Kiro, deslizando a mão pela perna de uma das mulheres.

– Papai, não – sussurrou Harlow.

Kiro soltou uma risada e piscou para a atendente.

– Mais tarde.

– Meu Deus. Não acredito que minha mãe tenha dormido com esse homem – disse Nan um pouco alto demais.

– Não comece, Nannette – alertou Dean.

Tarde demais. Pude ver o ar de divertimento e tédio nos olhos de Kiro.

– Por que não, garotinha? Sou um deus do rock, porra. Um. Deus. Do. Rock. – Ele tomou um gole de sua bebida e sorriu. – Todas as mulheres querem uma provinha. Com sua mãe não foi diferente.

– Papai, por favor – pediu Harlow, estendendo a mão e tocando o braço dele gentilmente.

– Minha mãe era jovem demais para saber no que estava se metendo – replicou Nan.

– Ela não era tão jovem assim. Só estava fazendo o possível para dormir com todos nós. Acho que ela leva o título de "ter dado para todos os integrantes do Slacker Demon", e isto não é um feito qualquer. Dean é mais exigente do que a maioria.

O rosto de Nan empalideceu, e eu sabia que precisava intervir antes que a situação saísse do controle.

– Obrigada, Kiro, por garantir que soubéssemos dos hábitos sexuais da nossa mãe quando ela era jovem. Agora, podemos seguir em frente e tentar nos dar bem?

Kiro assentiu.

– Claro. Vamos comer um pouco disto aqui.

As atendentes se apressaram ao redor da mesa com as bandejas de comida, perguntando o que queríamos.

Blaire rejeitou a maior parte dos aperitivos. Aceitou apenas uma fatia de pão.

– Por que você vai comer só isso? – perguntei, preocupado.

Ela se inclinou para perto de mim, para que ninguém pudesse ouvi-la.

– Porque não posso comer carnes cruas nem queijos não pasteurizados durante a gravidez.

Merda. Mais uma coisa que eu não sabia. Empurrei a cadeira para trás e segui para a cozinha. Tinham que preparar algo que ela pudesse comer.

BLAIRE

Nem precisei perguntar para saber o que Rush estava fazendo. Ele ia voltar com algo que eu pudesse comer. Se não estivesse com tanta fome, tentaria impedi-lo, mas eu realmente queria mais do que pão.

– Você transformou meu irmão no seu cãozinho de estimação. É patético – sibilou Nan do outro lado da mesa.

– Chega de veneno, Nan. Blaire está grávida e precisa comer. Rush está cuidando do que é dele – respondeu Dean antes de tirar uma ostra crua da concha e pô-la na boca.

– Nunca ouviu falar de métodos contraceptivos? Ou este sempre foi o seu plano, prendê-lo com um bebê?

Era muito provável que eu tivesse que passar o resto da vida lidando com esse tipo de atitude da Nan. Ficar chateada e me afastar não seria uma opção. Claro, eu não pretendia enfiar uma arma na cara dela de novo, mas não iria deixar que ela falasse assim comigo só porque era irmã de Rush.

– Entendo que você esteja magoada e com raiva, mas eu não fiz nada para você. Então, por favor, dê um tempo.

Dean riu. Os olhos de Nan brilharam com mais intensidade. Ah, que ótimo. Eu só havia conseguido irritá-la ainda mais.

– Escute aqui, sua vaquinha, não importa o que você pensa que tem, porque você não tem. Eu sou irmã dele. Tenho o mesmo sangue. Ele vai escolher a mim, se chegar a esse ponto. Então, não ouse me ameaçar.

Por mais que eu quisesse voltar para o quarto de Rush e me esconder, sabia que isso só pioraria as coisas. Precisava mostrar que não ia baixar a cabeça.

– Isso não é uma competição. Você é a irmã dele. Eu sou a mãe do filho dele. Ele não precisa amar apenas uma de nós, Nan. É infantil e arriscado pensar assim. Rush está aqui porque ama você e quer ajudá-la. Não dê um tapa no rosto dele me tratando dessa maneira.

Nan abriu a boca, mas a fechou em seguida. Estava com o maxilar tenso, de tanto cerrar os dentes.

– Grande Blaire – falou Kiro, e a dor que passou pelo olhar de Nan me fez sentir pena dela. Eu sabia como era ter um pai que não nos quer. Mas também sabia como era ter um pai que nos adora. Ela, não.

– Nem sei por que eu tento. Ninguém aqui me aceita. Rush era tudo o que eu tinha, e agora ele se agarrou a você, que me odeia – gritou ela, levantando-se e atirando o guardanapo na mesa. – Você pegou Rush. – Ela apontou para mim, e então voltou a atenção para Harlow e continuou: – E você, você tem o amor do meu pai. Eu não tenho nada. – Ela deu meia-volta e saiu correndo da sala.

Rush entrou na hora em que ela se afastava batendo os saltos com força no piso. Ele olhou para Kiro com raiva estampada no rosto.

– O que foi que você fez? Eu só saí por cinco minutos.

Kiro deu de ombros e apontou na minha direção.

– Não olhe para mim. Foi a sua mulher quem a fez sair correndo.

A raiva de Rush se transformou em confusão enquanto ele voltava o olhar para mim.

– Blaire? O que aconteceu?

Balancei a cabeça.

– Ela estava me acusando, e eu só lhe disse a verdade.

Rush soltou um suspiro e saiu atrás da irmã.

Fiquei ali sentada me perguntando se deveria sair também. Ou se deveria ficar. Meu pão estava esquecido no prato e meu estômago tinha dado um nó.

– Este jantar em família está se transformando num fracasso. Mais alguém quer sair correndo antes da salada? – perguntou Kiro alegremente. Eu não conseguia entender como ele podia fazer piada sobre o que acabara de acontecer.

Dean estendeu a mão e apertou meu braço.

– Ele vai voltar. Às vezes, Nan só precisa do Rush. Ele sabe disso.

Infelizmente, eu sabia também.

Quando o jantar terminou, Rush ainda não tinha voltado. Kiro já estava agarrando o traseiro da atendente por baixo do vestido dela. Harlow ignorava a cena e terminava seu vinho em silêncio. Dean tinha a atenção voltada para a outra atendente. Eu estava convencida de que as duas estavam no cardápio deles. A que era alvo de Dean não parava de rir e arrumar desculpas para se aproximar dele. Por sorte, ele ainda não atacara nenhuma parte do corpo dela. Eu estava mais do que pronta para me levantar e sair.

– Acho que está na hora de você e Blaire irem para a cama – sugeriu Kiro a Harlow, sem olhar para ela. Estava concentrado nos peitos da atendente, ainda com a mão enfiada debaixo da saia dela.

– Concordo plenamente – respondeu Harlow, levantando-se e olhando para mim com um sorriso constrangido.

Eu me levantei e comecei a agradecer a Kiro e Dean pelo jantar, mas então vi a mão de Dean no meio das pernas da outra atendente e decidi me apressar para seguir Harlow.

– Sinto muito que você tenha testemunhado aquilo. Papai está bebendo mais agora que tem a Nan para infernizá-lo. Quando bebe, ele... hã... precisa de muitas mulheres.

Em outras palavras, ele saía pegando geral. Assenti. No entanto, qual era a desculpa de Dean? Acho que era apenas uma lenda do rock cheia de tesão e acostumada a ter o que queria.

– Imaginei que Rush já estaria de volta a essa altura – respondi, querendo mudar de assunto.

Harlow assentiu.

– É, eu também. Estou descobrindo que Nan pode dar muito trabalho.

Dar trabalho era pouco. Eu estava pensando em algo mais na linha de "ser uma vaca".

– Ela me odeia. Acho que preciso aceitar e aprender a viver com isso – confessei. – Só não gosto do que isso faz com Rush.

Um grito agudo e um gemido vieram da sala de jantar. Harlow fez um som de náusea.

– Argh, venha. Podemos pegar o elevador em vez da escada. Vai abafar o barulho.

– Eles estão simplesmente... transando na sala de estar? – perguntei, impressionada com a falta de privacidade e o fato de as outras pessoas da equipe do bufê poderem ouvi-los da cozinha.

– Eles transam em qualquer lugar. Acredite em mim. Você não ia querer saber o que eu vi ao longo dos anos. Acho que é o motivo pelo qual ainda sou virgem. Bom, isso e o fato de ser tímida demais.

Era um milagre que Harlow ainda fosse inocente com aquele tipo de comportamento do pai.

– Eu era virgem até conhecer Rush. Às vezes é melhor esperar até o cara certo aparecer.

Harlow sorriu e fez que sim com a cabeça.

– É. Mas também existe a chance de isso nunca acontecer. Não sou muito sociável. Minha vida aqui é muito isolada. Sempre odiei sexo por causa do que ele fazia com meu pai. Mas nos últimos tempos venho me perguntando se talvez eu não precise apenas encará-lo sob um ponto de vista diferente. Você e Rush parecem felizes juntos.

Fiquei triste por ela. Aparentemente, Harlow havia crescido superprotegida pela avó e depois vira apenas o outro extremo, com Kiro. Ela devia estar muito desorientada em relação a isso.

– Você teve namorados na Carolina do Sul? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Não muitos. Minha avó não gostava que eu tivesse namorados. Ela dizia que isso só levava a sexo e que eu devia esperar até o casamento. Era o que a Bíblia dela mandava. Mas se eu não namorasse, como iria me casar? – Harlow deu uma risadinha. – Mas isso não tinha importância. Eu nunca conseguia saber o que dizer quando um cara por quem eu me sentia atraída estava por perto. Ficava tímida e sem jeito. Muito constrangedor. Acho que estou melhorando com a idade.

Harlow tinha uma beleza clássica. Era elegante e perfeita. Era difícil acreditar que não tivesse saído com um monte de caras.

– Vou para o meu quarto. Tenho um livro para terminar. Descobri autores *indies* no meu Kindle e estou meio viciada.

– *Indies*? – perguntei.

Harlow fez que sim com a cabeça.

– E-books publicados pelos próprios autores. Encontrei alguns diamantes brutos.

Talvez eu devesse comprar um Kindle.

– Boa leitura! – desejei-lhe e segui para o quarto de Rush.

RUSH

Nan estava um caos e em lágrimas. Por mais que fosse egoísta, fiquei arrasado por ela. Ainda era minha irmãzinha e fora maltratada. Pelo pai e pela mãe. Durante toda a minha vida, eu tentara ser a pessoa com quem ela pudesse contar, mas não tinha sido o suficiente. Ela precisava se sentir amada e aceita por pelo menos um dos pais terríveis que tinha.

– Ela me odeia. – Nan fungava e soluçava. – Ela me fez de boba bem ali, na frente do Kiro. Nem se importou com o fato de eu estar tentando encontrar uma forma de fazer com que ele me aceite.

Eu tinha certeza de que Nan levara Blaire a dizer as coisas que tinha dito, mas não fiz essa observação. Só agora, depois de uma hora, eu estava conseguindo fazer Nan se acalmar o bastante para conversar comigo. Ela precisava de alguém naquele momento, e eu tinha certeza de que era a única pessoa no planeta que se importava com seus problemas.

– Eu sei que você a ama, mas ela é má. Ela é fria e má. Você se lembra de quando ela apontou aquela arma para mim. – Nan fungou e limpou o rosto encharcado de lágrimas.

– Aquilo foi um pouco diferente. Mamãe e Abe haviam acabado de tirar o chão de debaixo dos pés dela. Ela estava perturbada e você a provocou.

Nan soltou uma risada irônica.

– Você sempre vai ficar do lado dela. Mesmo que ela tire sarro de mim e da minha necessidade de ter um pai que me queira bem ali, na frente de todo mundo. Na frente da Harlow. Do Dean. Do Kiro. Ela não se importa com os meus sentimentos.

Blaire estava grávida e com mais dificuldade de controlar suas emoções. No entanto, eu precisava pedir que ela ficasse calada perto de Nan. Quanto antes eu conseguisse fazer minha irmã e Kiro se entenderem, antes poderíamos ir embora. Eu não gostava de ter que ficar fazendo malabarismos para agradar as duas. Era demais.

– Ela não deveria ter dito o que disse. Embora você também não devesse ter dito nada para ela.

– Eu só estava lembrando a ela que você também me ama. Ela olhava para mim com tanto ódio.

Blaire tinha muitos motivos para odiar Nan. Eu sabia disso. Só desejava que ela conseguisse deixar tudo para trás. Quando ela insistiu em que viéssemos a Los Angeles, eu pensei que fosse sua forma de perdoar Nan. Parecia que eu estava enganado.

– Vou resolver as coisas com Blaire. Isso não vai voltar a acontecer. Mas você precisa encontrar maneiras de pôr essa amargura de lado, Nan. Não vou conseguir ajudá-la se você continuar a agir dessa forma na frente de Kiro. Ele está acostumado a lidar com Harlow. Com você, não. Harlow é quieta e fica na dela. É só para isso que Kiro está preparado, e tenho certeza de que ela descobriu isso rápido, ainda criança. Você precisa perceber que Kiro não vai aceitá-la do jeito que você é. Ele é uma lenda do rock, é mimado e egoísta. As pessoas o idolatram e ele adora isso.

– Eu odeio a minha vida. Eu... eu acho que às vezes seria mais fácil para todo mundo se eu simplesmente desse um fim a ela.

Senti uma dor no peito e a abracei.

– Você não pode fazer isso porque eu amo você. Eu quero você por perto. Você precisa de uma chance para encontrar a felicidade, Nan. Não faça isso. E nunca mais, NUNCA mesmo, diga uma coisa dessas.

Ela assentiu encostada em meu peito e começou a chorar baixinho. Imaginei se a mágoa de minha irmã algum dia teria cura.

Só voltei para a casa horas depois. Nan ficou no hotel. Ela se recusava a ficar ali com Kiro e Harlow. Mandei duas mensagens de texto para Blaire e não recebi resposta. Fiquei preocupado, mas repetia a mim mesmo que ela estava apenas dormindo.

Subi correndo para nosso quarto e, ao abrir a porta, encontrei-a dormindo enroscada em cima da cama. Ainda estava de vestido e parecia sentir frio. Fui até ela e comecei a tirar sua roupa com todo o cuidado. Não queria acordá-la, mas também não a queria dormindo de forma desconfortável.

Depois de despi-la, pus as cobertas por cima dela. Não conseguia acreditar que ela tivesse dito algo para magoar Nan. Mas minha irmã havia sido enfática ao afirmar que Blaire a atacara. Deviam ser os hormônios da gravidez. Dei um beijo na testa dela, me levantei e fui tomar uma ducha. Não fazia nem um dia que tínhamos chegado, e eu já estava estressado e pronto para ir embora.

Bateram à porta assim que minha cabeça encostou no travesseiro. Ou pelo menos foi a impressão que tive. Blaire se revirou em meus braços, e eu notei o sol entrando pelas janelas. Talvez eu tivesse dormido um pouco.

– Quem é? – perguntou-me Blaire com a voz rouca de sono.

Eu não tinha a resposta, mas não a queria sendo despertada daquele jeito. Sabia que havia ficado acordada até tarde esperando por mim.

– Não sei. Fique aqui – respondi, beijando-lhe a testa antes de sair da cama e vestir uma calça jeans.

Abri a porta do quarto e encontrei meu pai com cara de ressaca e furioso.

– Precisa desarmar uma bomba. O que quer que tenha dito a Nan na noite passada não ajudou. Ela está a caminho – rosnou Dean.

Era um passo na direção certa. Ela precisava de uma oportunidade para se acostumar com Kiro. Seria bom para os dois.

– Então minha conversa ajudou. Está na hora de Kiro aceitá-la e recuperar o tempo perdido.

Dean soltou uma risada sem humor.

– Isso não vai acontecer, Rush. Se foi isso que disse a ela, só falou o que ela queria ouvir. O Kiro é o Kiro. Porra, ele não é nenhuma figura paterna, e é isso que ela quer.

Talvez. Mas eu precisava pelo menos ajudá-la a tentar.

– Só desça para ajudar antes que tudo vire um inferno – pediu Dean, então se virou e saiu.

Fechei a porta e me virei para Blaire. Ela estava sentada na cama com os cabelos desalinhados e o lençol puxado até o peito. O que eu queria mesmo era entrar na cama de novo com ela e me esquecer de toda aquela confusão de Nan.

– Desculpe – disse a ela, voltando para a cama.

Ela franziu a testa.

– A que horas você chegou ontem à noite?

– Tarde. Nan deu trabalho.

Blaire assentiu rigidamente, então baixou o olhar. Sentei ao seu lado, pus um dedo sob seu queixo e levantei sua cabeça para que olhasse para mim.

– Ei, o que houve?

Ela soltou um suspiro cansado.

– Você podia ter me ligado. Fiquei esperando. Adormeci preocupada com você.

– Eu liguei – garanti a ela. – Você não atendeu.

Blaire pegou o telefone e olhou para a tela.

– Você me ligou depois das onze. Eu já havia caído no sono. Você poderia ter me ligado antes.

Blaire tinha razão. Eu deveria ter ligado. Malditos Nan e Kiro. Nunca mais a deixaria em segundo plano. Eu havia jurado que ela viria sempre primeiro – e fora sincero. Ainda assim, na noite passada eu a decepcionara.

BLAIRE

Eu estava fazendo um esforço tremendo para não parecer um bebê chorão, mas estava chateada.

– Eu deveria ter ligado mais cedo. Sinto muito. Nan ameaçou se matar, e eu entrei em pânico. Entrei no modo irmão protetor.

Ele sempre estava no modo irmão protetor com Nan. Eu sabia que teria que suportar muita coisa dela ao vir para cá, mas estava sendo mais difícil do que eu imaginara. Principalmente depois da forma como ela me tratara na noite anterior. Nem por um instante eu acreditaria que ela pudesse se matar.

– Ela está manipulando você. Detesto vê-la fazendo isso.

Rush se levantou, passou a mão pelos cabelos e foi até a janela. Ele não concordava comigo. Percebi isso pela forma como seus ombros ficaram tensos. Ele parecia estar na defensiva.

– Ela está perturbada e magoada. Sei que ela foi uma vaca com você no passado, mas agora preciso da sua ajuda. Por mim, você poderia não dizer coisas que a magoassem? Eu estou realmente preocupado com a estabilidade mental dela no momento.

Coisas que a magoassem? Eu não tinha dito nada de mais a Nan. Ele acreditava nisso?

– Fui eu que disse que devíamos vir. Compreendo que ela precisa da sua ajuda. Por que você acha que eu diria algo que a magoasse? – perguntei, levantando-me.

Rush jogou a cabeça para trás e fechou bem os olhos como se não quisesse ter aquela conversa. Havia alguma coisa errada.

– Sei o que você disse a ela ontem, à mesa. Ela me contou. E, sim, você tem todo o direito de dizer isso, mas neste momento eu preciso que você não diga. Quanto antes eu resolver isso tudo, antes estaremos de volta a Rosemary, longe deste pesadelo.

– E o que eu disse a ela ontem? Não estou entendendo – respondi, sentindo um nó no estômago. Nan estava mentindo a meu respeito? Fora ela quem tinha dito coisas agressivas, não eu.

– Ela acha que você tirou sarro dela. Eu... Acho que é melhor você não falar com ela.

Sentei de novo na cama e repassei mentalmente as conversas da noite anterior. Como ela poderia ter achado que tirei sarro dela? Ela havia me atacado!

Uma batida suave na porta interrompeu o que eu estava prestes a dizer, e Rush soltou um resmungo frustrado antes de ir pisando duro até a porta para abri-la.

– Desculpem. Não quero atrapalhar, mas Nan está exigindo saber qual é o quarto do papai. Eu não iria querer acordá-lo. Seria péssimo. – A voz suave de Harlow parecia ansiosa.

– Merda – resmungou Rush. Ele olhou para mim. – Desculpe. Volto em alguns minutos. Deite e descanse. Não vou deixar mais ninguém incomodar você.

Depois que a porta se fechou, deixei as lágrimas rolarem. Quando eu disse a ele para vir lidar com os problemas de Nan, achava que seria mais fácil. Eu esperava que, depois do acidente e de ela ter dito algo sobre fazer parte da vida do bebê, Nan estivesse mais flexível. Estava errada. Vir para Los Angeles havia sido uma péssima ideia.

Minha barriga endureceu, e eu congelei. Fiquei sentada, imóvel, esperando que o bebê chutasse para me assegurar de que estava tudo bem. Nada aconteceu. Pus as mãos na barriga e senti outra cólica. Me encolhi e tentei acalmar meu coração, que começou a disparar. Havia alguma coisa errada. Senti uma onda de náusea, deitei e fechei os olhos. Talvez eu tivesse me levantado rápido demais. Precisava começar a tomar mais cuidado. A tensão daquela casa estava me afetando.

Mantive os olhos fechados e respirei profunda e lentamente. A cólica passou e senti um chutinho leve na mão. Então, com esse pequeno conforto, caí no sono de novo.

Quando abri os olhos, o sol havia mudado de posição e brilhava forte pelas janelas. Já devia ter passado do horário do almoço. Peguei o telefone e olhei a hora. Era uma da tarde. Acho que estava mais cansada do que imaginava.

Rolei de lado para me levantar e vi uma bandeja de comida na mesinha de cabeceira. Me enrolei no lençol e me aproximei dela. Sorri ao pegar o bilhetinho com a letra familiar de Rush.

Desculpe por hoje de manhã. Você estava exausta, e eu descarreguei em você. Nada disso é culpa sua. Só quero que tudo termine para levá-la de volta para casa. Coma um pouco. Vou ver se consigo conversar com Kiro.

Amo você mais do que a vida.

Rush

Levantei a tampa de prata que protegia meu prato e encontrei morangos frescos e creme, salmão e uma fatia de torrada. Meu estômago ainda não estava muito bem, então decidi ficar longe do salmão, mas peguei um morango, mergulhei-o no creme e dei uma mordida. O sabor doce na minha língua me fez sentir melhor. Terminei os morangos e a torrada sentada na beira da cama, depois me levantei e fui tomar um banho.

RUSH

Fazia um calor incomum para o final de novembro. Eu tinha vestido um short e uma camisa de malha e fora aproveitar o sol da Califórnia.

Blaire ainda não havia saído do quarto. Se não levantasse logo, eu arrumaria outra bandeja e subiria para lhe dar comida na boca. Era bom que dormisse, mas ela precisava comer também. Harlow tinha dito que não achava que Blaire houvesse comido o bastante no jantar. Eu devia ter ficado com ela e ido atrás de Nan depois de Blaire estar na cama.

Se minha irmã melodramática não fosse tão instável, eu não precisaria ajudá-la. Só que eu não conseguiria me perdoar se a ignorasse e algo acontecesse com ela. Por mais insuportável que fosse, ela ainda era minha irmã. Ainda via a menininha de rabo de cavalo que me dava sorrisos banguelas. Ela era minha garotinha quando éramos criança. Ninguém mais havia cuidado dela. Para mim era difícil esquecer isso.

– Cadê aquela sua garota? – perguntou Kiro ao sair para o pátio dos fundos, onde eu decidira me esconder de Nan.

– Está dormindo – respondi, satisfeito ao ver que Kiro estava fumando fora, em vez de dentro de casa.

– Ela é um doce. Me lembra a minha Harlow – disse ele, e enfiou de volta na boca o cigarro que segurava.

– É. Ela é absolutamente perfeita – concordei.

– Você precisa protegê-la um pouco mais de Nan. Sua irmã ficou destilando veneno sobre ela ontem à noite. Sua garota se saiu bem. Fiquei muito impressionado. Mas você precisa cuidar melhor dela – disse ele com sua voz arrastada, então bateu a cinza do cigarro e se virou para entrar em casa.

Eu ia perguntar do que ele estava falando, mas Nan passou em alta velocidade pela porta, de biquíni e salto alto.

– O que está fazendo, garota? – perguntou Kiro num tom irritado.

– Vou pegar um sol. Por quê? Quer ir comigo? Talvez conversar comigo? – disparou Nan, cheia de ódio na voz. Tive vontade de sacudi-la e perguntar por que ela precisava ser tão difícil.

– Não. Eu quero é saber quando você vai se mandar da minha casa. Você não para de fazer drama. Harlow nem sai da porra do quarto. Está na hora de você ir perturbar a sua mãe por um tempo e me deixar em paz.

Estremeci ao ver a dor no olhar de Nan. Caramba, Kiro era muito insensível.

– Por que eu estou tentando? Você não quer me conhecer. Você não dá a mínima para me conhecer. Você tem Harlow e isso basta. Eu não sou nada para você – berrou Nan.

– Harlow não é uma vaca egoísta, Nan. Tente ser um ser humano normal, e talvez eu tenha vontade de conhecê-la. Tive motivo para não ficar com sua mãe, garota. Adivinhe qual – rosnou ele, passando por ela e entrando na casa.

Nan ficou com o olhar vazio, parada diante da porta, fitando-a fixamente. Merda. Levantei e

fui até ela. Ela me viu e balançou a cabeça.

– Não. Eu não quero você também. Você também me odeia. Você a escolheu. Todo mundo escolhe outra pessoa. Ninguém me quer – gritou Nan, depois deu meia-volta e disparou para dentro da casa.

Parei na porta e ouvi o barulho dos saltos dela batendo com força no piso até desaparecer. Eu precisava ir atrás dela, conversar com ela, mas ia esperar um pouco até que se acalmasse. Ela precisava de um tempo sozinha.

– Isso não pareceu nada bom – disse Blaire, interrompendo meus pensamentos. Eu me virei e a vi descendo a escada. Estava com os longos cabelos presos para cima e vestia um maiô azul-claro com uma saída de praia branca transparente que ia dos ombros até a metade da coxa. Estava com os olhos descansados, mas o que acabara de ouvir havia provocado uma expressão preocupada.

– É, foi horrível – respondi, diminuindo a distância entre nós e puxando-a para mim antes de beijar aqueles lábios rosados e carnudos. Não gostava de vê-la tensa. Ela enlaçou meu tronco e abriu de leve a boca. Senti o sabor de hortelã da pasta de dentes dela e aproveitei o calor suave de seu beijo.

Ela mexeu os lábios nos meus e deixou escapar um gemido baixinho. Levá-la de volta ao quarto pareceu uma boa ideia. Ela começou a recuar e eu fitei seus olhos semicerrados. Ela estava sorrindo satisfeita.

– Harlow disse que estava quente hoje. Pensei em tomar um pouco de sol. Passei muito tempo dentro de casa – disse ela.

Ela precisava de ar fresco.

– Acho uma boa ideia. Por que não vai se deitar em uma das espreguiçadeiras? Faço massagem nos seus pés.

Os olhos dela brilharam de empolgação, e quase dei risada. Ultimamente ela adorava massagem nos pés. Eu sabia que era por não estar acostumada ao peso extra do bebê.

– Que ideia maravilhosa – concordou ela, apressando-se em se instalar na espreguiçadeira mais próxima.

Meu telefone tocou no bolso, mas o ignorei. Blaire olhou para mim, que pairava acima dela.

– Não vai atender? – perguntou.

Enfiei a mão no bolso e vi o número de Nan na tela. Eu devia ignorá-la. Aquilo não podia ser coisa boa. Eu queria um tempo com Blaire. Queria massagear os pés dela e ver as carinhas que ela fazia ao meu toque.

– Atenda, Rush. Se não atender, vai ficar preocupado – incentivou ela.

Resmungando um palavrão, apertei para atender e segurei o telefone no ouvido. Antes que eu pudesse dizer alô, fui recebido pelos soluços altos de Nan.

– Não venha atrás de mim. Eu disse para você ontem à noite que queria acabar com tudo e quero mesmo. É isso. Todo mundo me odeia, e eu cansei. Adeus, Rush – gritou ela ao telefone antes de encerrar a ligação.

– Puta que pariu! – rosnei, enfiando o telefone de volta no bolso. Precisava ir atrás dela. Queria acreditar que Blaire tinha razão e Nan não faria mal a si mesma, mas não podia

simplesmente tomar isso por certo.

– Ela está ameaçando se matar de novo – contei, olhando para Blaire e a expressão decepcionada em seu rosto. Eu a estava desapontando. Detestava isso. Queria que não tivéssemos vindo, mas também jamais conseguiria me perdoar se alguma coisa acontecesse com Nan.

– Vá. Tudo bem. Ela precisa de você, então está dando um jeito de chamar sua atenção – respondeu Blaire.

Fazia sentido. Ela provavelmente tinha razão.

– Não dá para saber se ela realmente não vai tentar alguma coisa. Não consigo acreditar que seja apenas uma ameaça.

– Eu sei.

– Sou tudo o que ela tem, Blaire – disparei, irritado, sem querer. Eu não estava bravo com ela. Estava bravo com o fato de ela ser tão compreensiva sem precisar. Estava bravo porque ela continuava em segundo plano por causa da minha família. Odiava que ela simplesmente me deixasse ir todas as vezes sem fazer pressão para que eu ficasse. Eu odiava tudo isso.

– Eu sei – repetiu ela. Desta vez, pude ouvir a mágoa em sua voz e me odiei por ser a causa dela.

– Desculpe, eu só...

– Você só precisa ir ver a sua irmã. Eu entendo. – Blaire terminou a frase por mim. O tom duro na voz dela me deixou preocupado, mas eu não tinha tempo para tratar disso. Quanto mais eu demorasse ali, pior as coisas ficariam. Eu a recompensaria mais tarde. Também diria a Nan que iria interná-la em um hospital psiquiátrico se não parasse de ameaçar se matar. Então voltaríamos para Rosemary. Eu queria minha vida de volta.

BLAIRE

Ao longo dos dias seguintes, as coisas passaram de tensas a ruins e, depois, a péssimas. Rush mal ficava na mansão. Quando ficava, era por pouco tempo. Nan e Kiro brigavam, ela saía correndo e Rush saía logo atrás dela.

Eu sabia que este era o motivo pelo qual havíamos viajado para Los Angeles, mas não esperava que as coisas chegassem a esse ponto. Nan era mais imatura do que eu imaginava. Kiro era um idiota. Harlow percebia isso, mas sabia lidar com a situação. Em vez de ficar andando de um lado para o outro da casa berrando que não era amada, ela passava a maior parte do tempo enfiada no quarto, lendo. Às vezes, quando estava quente, ela ia lá para fora comigo.

Eu sentia falta de Rush. Sentia falta de ver seu sorriso. Ele não sorrira muito nos últimos dias. Na noite anterior, eu sugerira que ele desse algum espaço para Nan, para que ela percebesse que ele não sairia correndo atrás dela quando desse um ataque. Para ver como ela lidaria com a situação. Ele ficara frustrado: "Ela está ameaçando se matar, Blaire. Não posso ignorar isso. Também não acredito que ela vá fazer isso, mas ainda não consigo ignorar. Alguém precisa se importar com ela e esse alguém sou eu. Ninguém mais dá a mínima."

Depois disso, eu não disse mais nada. Ele não queria me escutar, e eu não queria que ele estourasse comigo. Eu estava ficando cansada. A situação toda estava me cansando.

Eu começava a compreender por que Harlow se escondia. Por duas vezes eu havia flagrado Kiro comendo uma garota que parecia ter a minha idade. Não era uma imagem que eu desejasse ter na cabeça. Ele simplesmente fazia sexo onde quer que lhe desse vontade. Aprendi e ficar bem longe da sala de jogos. Aquela mesa de sinuca não era usada para sinuca.

Uma batida à porta interrompeu meus pensamentos e, para variar, fiquei contente. Não queria ficar remoendo a distância que havia entre mim e Rush naquele momento. Isso me deixava tensa. Harlow enfiou a cabeça pela porta.

– Quer ir até a piscina comigo? Papai não está em casa, então não tem nenhuma rapidinha acontecendo por lá – propôs ela, dando um sorriso tímido.

Nós também havíamos flagrado Kiro nu na piscina não com uma, mas duas garotas. Foi constrangedor. Ele riu tão alto que tenho certeza que os vizinhos o escutaram. Em vez de ficar envergonhado, ele achou a situação hilária.

– Parece uma boa ideia. Vou vestir o maiô e me encontro com você lá – respondi. Harlow era a única coisa boa naquele lugar. Eu ansiava por voltar a Rosemary e ter meu Rush de volta, em vez daquele Rush tenso e furioso que tomara o lugar dele. Mas ia sentir falta de Harlow.

Vesti rapidamente o maiô e a saída de praia antes de descer para a piscina, que era impressionante. As quedas-d'água e a fonte no meio eram apenas a cobertura do bolo. Os detalhes e o planejamento daquela piscina faziam com que parecesse uma floresta tropical exótica. Só de olhar para ela a pessoa já se sentia mais calma.

Harlow estava sentada em uma espreguiçadeira com seu leitor digital quando cheguei. Sentei ao lado dela e estiquei as pernas. Era o dia mais quente desde que eu chegara. Fazia 27 graus. O

que era loucura, se pensássemos que faltavam dois dias para dezembro, que traria o inverno.

Eu tinha acabado de perguntar a Harlow sobre como eles comemoravam as festas de fim de ano quando algo me interrompeu.

A cólica estava de volta. Puxei os joelhos e aninhei minha barriga, fazendo um esforço enorme para não chorar. Queria ter contado a Rush sobre isso depois do último episódio, mas, antes de eu ter a chance, ele saíra de novo com Nan.

– Blaire? Você está bem? – perguntou Harlow ao meu lado.

– Não sei – respondi sinceramente. Uma lágrima rolou, e eu detestei que ela me visse daquele jeito. Queria ir para casa.

Harlow se aproximou e sentou na beira da minha espreguiçadeira.

– Está com dor? – perguntou ela.

Apenas assenti. Harlow franziu a testa e olhou ao redor.

– Onde está o Rush?

– Foi ver a Nan – respondi, encolhendo-me quando outra cólica veio.

Harlow se levantou.

– Não acho normal que uma grávida fique se encolhendo e chorando de dor. Precisamos ir a um médico. Posso levá-la ao meu. Ele é fã do papai, então vai atendê-la sem hora marcada. Ligo para o consultório dele no caminho.

Eu não queria transformar aquilo numa cena, então a solução mais fácil era deixar que Harlow me levasse. Assenti e ela pegou minha mão e me ajudou a levantar.

– Preciso trocar de roupa primeiro – falei, olhando para o maiô e a saída de praia que eu usava.

– Então vá se trocar, que eu vou também. Depois vou parar meu carro na entrada da frente.

– Obrigada – respondi, então entrei na casa e subi até o quarto de Rush. Pensei em ligar para ele, mas mudei de ideia. Ele já tinha que cuidar da irmã. Talvez o que eu estava sentindo não fosse nada além de gases. Eu ligaria para ele se o médico achasse necessário. Não havia por que estressá-lo mais.

A vozinha na minha cabeça sussurrava o que eu não queria admitir. *Você está com medo que você e o bebê não venham em primeiro lugar. Não quer que ele precise escolher.*

Afastei esse pensamento. Troquei rapidamente o maiô por uma calcinha, pus o vestido e desci. Eu me sentiria melhor depois que um médico garantisse que eu estava bem. Assim que cheguei ao último degrau, senti outra pontada e precisei me agarrar ao corrimão da escada para me equilibrar. A cólica me fez gemer.

– Você está bem? – O tom preocupado na voz de Dean me surpreendeu.

Forcei um sorriso e assenti.

– Sim, estou. Só vou a uma consulta com o ginecologista da Harlow. Volto logo. Diga ao Rush que ligo se precisar.

– Onde ele está? – perguntou Dean atrás de mim, depois que segui na direção da porta.

– Com a Nan – respondi, então abri a porta e segui para o Audi conversível de Harlow.

Harlow não errara ao dizer que o médico me atenderia imediatamente. Assim que chegamos, a enfermeira nos levou ao consultório, sem me pedir que preenchesse nem assinasse nada.

– Vou esperar aqui fora – avisou Harlow.

Fiquei agradecida por ela não entrar comigo. Eu gostava de Harlow, mas ainda não éramos íntimas o bastante para que ela fosse minha acompanhante num exame.

– Tire a parte de baixo da roupa. Pode ficar com a parte de cima. E cubra-se com o lençol que está na mesa. O médico virá em seguida – informou a mulher. Assenti com a cabeça e agradeci. Depois que a porta se fechou atrás dela, entrei no banheiro e tirei a parte de baixo da roupa.

A mancha vermelha na minha calcinha me fez parar e respirar fundo. O terror começou a invadir meus pensamentos, dificultando a respiração. Fiquei ali, olhando fixamente para a calcinha e me perguntando se aquilo era normal, se estava tudo bem. Eu devia ter ligado para Rush. Comecei a rezar. Não rezava sempre, mas, naquele momento, precisava que alguém protegesse meu filho.

Depois da minha oração silenciosa, saí do banheiro, fui até a mesa de exames e me cobri. Fiquei um pouco aliviada quando alguém bateu de leve na porta e, depois de uma breve pausa, a abriu. A ajuda havia chegado. O médico saberia o que fazer. Eu esperava que sim. Um homem muito mais jovem do que eu imaginava entrou, seguido pela enfermeira que havia me levado até a sala.

– Srta. Wynn, sou o Dr. Sheridan. Harlow me disse que você está sentindo cólicas e que está muito longe do seu médico da Flórida.

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim, senhor. Também estou sangrando um pouco. – As palavras saíram engasgadas, de um jeito que eu não esperava.

– Fique calma. Isso pode ser algo simples, como desidratação. Não se preocupe, que isso não vai ajudar – disse ele, sentando-se ao meu lado e me fazendo apoiar as pernas. – O que está fazendo tão longe de casa? – perguntou ele, começando a me examinar.

– Meu noivo e eu estamos visitando o pai dele – expliquei apenas. Não havia por que contar a ele o real motivo de estarmos ali.

– Quanto você conhece Harlow? – perguntou ele.

– O pai do meu noivo é Dean Finlay – falei, imaginando que, se o cara era fã de Kiro, deduziria o restante.

Ele fez uma pausa.

– É mesmo? Então o bebê que estamos examinando aqui é neto de Dean Finlay?

Assenti e desejei que ele parasse de fazer tantas perguntas e continuasse com o exame. Eu precisava saber que meu filho estava bem. Ele pareceu ficar mais sério em relação ao exame.

– Não quero assustá-la, Srta. Wynn, mas precisamos fazer um ultrassom para conferir como está o bebê. Depois disso, quero monitorar você e ele por umas duas horas aqui no consultório. É um procedimento de rotina. Só estou tomando precauções para me assegurar de que tudo esteja bem. Também vou pedir que beba um pouco de líquido. Melanie irá lhe trazer algo para beber assim que terminarmos o ultrassom. Temos uma sala nos fundos só para isso, com uma cama confortável. Melanie irá diminuir as luzes e pôr uma música relaxante enquanto você descansa.

Ele não estava me internando. Isso era bom... não era? Consegui assentir de novo.

– Vou pedir que Melanie diga a Harlow qual vai ser nosso procedimento, caso ela queira fazer outra coisa até você ligar. Tudo bem para você? – perguntou ele.

Eu havia me esquecido de Harlow.

– Sim, é claro. Diga que eu falei para ela ir. Eu a avisarei quando estiver liberada. Não quero que fique esperando aqui todo esse tempo.

O médico fez que sim com a cabeça e saiu. A enfermeira, que eu deduzi ser Melanie, me ajudou a me levantar.

– Vista a parte de baixo de novo, e vou levá-la até o ultrassom.

RUSH

Quando cheguei ao quarto de hotel de Nan, estava furioso. Havia deixado Blaire chateada, e era tudo culpa da minha irmã. Se ela não fosse tão egoísta, eu nem estaria ali. Eu tinha de lhe dizer que ela precisava crescer e pronto. Já estava cansado. Não podia continuar fazendo isso. Ela precisava dar um jeito na vida. Eu era sua muleta.

Bati na porta do quarto e esperei. Havia me informado na recepção, e Nan voltara fazia cerca de quinze minutos, portanto eu sabia que ela estava ali. Esperei alguns instantes, bati de novo e nada. Mais joguinhos. Comecei a bater com mais força.

– Nannette, abra esta porta! – gritei.

Um funcionário do hotel parou ao me ver esmurrando a porta.

– Minha irmã está aqui e não está atendendo. Estou preocupado com ela – menti. – Pode abrir a porta?

O sujeito ainda não parecia muito seguro a meu respeito. Pela expressão no rosto dele, percebi que estava prestes a chamar a segurança. Nan adoraria isso. Enfiei a mão no bolso de trás da calça e peguei minha carteira.

– Olhe minha identidade. Sou Rush Finlay. Minha irmã, Nannette, está neste quarto. Mandar me tirarem daqui é uma péssima ideia.

– Sim, senhor – respondeu o funcionário. Tinha reconhecido meu sobrenome. Em Los Angeles, isso acontecia muito mais do que na Flórida.

Ele abriu a porta e eu entrei na suíte pronto para gritar com Nan por estar sendo infantil. Foi quando a vi caída no sofá. Ela estava em uma posição estranha. Corri até ela e tomei seu pulso. Senti uma pulsação muito leve nos dedos. Quis chorar de alívio.

– Preciso de paramédicos, AGORA – rugi para o homem, que estava parado na porta, boquiaberto.

– Sim, senhor – respondeu ele, tirando o telefone da cintura e dizendo a quem quer que estivesse do outro lado da linha o que estava acontecendo.

– O que você fez, Nan? – perguntei, com o coração batendo dolorosamente. Sentia a garganta apertada e não conseguia respirar fundo. Eu não tinha acreditado nela. Achara que ela só estava tentando chamar atenção. Eu fizera igual a todas as outras pessoas de sua vida. Eu a havia ignorado. Eu era um irmão horrível. Segurei-a junto a meu peito, e meu telefone vibrou no bolso. Tirei-o do bolso, vi o nome de Harlow na tela e o coloquei de lado. Não estava a fim de falar com Harlow. Ela era parte dos problemas de Nan. Eu não tinha nada para dizer a ela naquele momento.

Fiquei ninando minha irmã suavemente. Era tudo culpa de Kiro. Ele iria pagar por isso. Se alguma coisa acontecesse com Nan, ele pagaria por isso.

– Eu estou aqui, Nan. Não vou deixá-la, mas você não pode me deixar – sussurrei, enquanto esperava pelo socorro.

Pareceu passar uma eternidade antes de eu ouvir passos fortes no corredor e o recepcionista

indicando:

– Aqui.

Três paramédicos entraram correndo no quarto, e passei Nan para eles. Começaram checando seus sinais vitais comigo parado ali e observando sem ter o que fazer. Ouvi meu telefone tocar no chão, onde eu o havia atirado. Precisava pegá-lo.

– Ela tomou alguma coisa. Você sabe o que foi? – perguntou um dos homens.

– Não, acabei de chegar aqui – respondi, entorpecido. Ela tivera uma overdose. Puta merda. Corri até o banheiro e encontrei dois frascos de remédios controlados dentro da pia. Muitos analgésicos. – Puta que pariu! – rugi.

Um paramédico apareceu ao meu lado e pegou os frascos da minha mão.

– Precisamos fazer uma lavagem estomacal. Você é da família? – perguntou ele.

– Irmão – consegui dizer.

– Serve. Vamos tirá-la daqui. Você pode ir na ambulância – falou ele.

Assisti num torpor de descrença enquanto eles punham o corpo inerte de Nan em cima da maca e começavam a carregá-la para fora do quarto. Fui atrás. Meu telefone tocou a distância, mas eu o deixei lá. Naquele momento, precisava salvar minha irmã.

Seis horas depois, eu estava sentado ao lado da cama de hospital de Nan. Ela ainda não havia acordado, mas os médicos acreditavam que ela se recuperaria por completo. Ao que tudo indicava, eu a encontrara a tempo. Quando cheguei, ela havia acabado de desmaiar por causa dos remédios.

Estava sem meu telefone e precisava ligar para Blaire. A essa altura, ela devia estar preocupada comigo. Até aquele momento, eu não me sentira pronto para falar com ela. Não era culpa dela o que estava acontecendo, mas eu estava sensível demais para falar com qualquer um. Antes que pudesse pensar em qualquer outro assunto ou qualquer outra pessoa, precisava que me garantissem que Nan ia sobreviver. Agora me sentia culpado por não ter ligado para Blaire.

Deixar o telefone no quarto de hotel de Nan não tinha sido nada inteligente. Na hora eu estava em estado de choque e nada fazia sentido. O que eu tinha de fazer agora era procurar ajuda para Nan, tirar Blaire de Los Angeles e voltar para Rosemary. Precisava ligar para minha mãe. Era ela quem devia estar lidando com essa situação, não eu.

Kiro não ia fazer nada a respeito. Nan queria algo que jamais teria. Estava na hora de se desapegar. Uma enfermeira abriu a porta e entrou no quarto. Olhei para ela e decidi que era o momento de desistir de tentar ser tudo para Nan, porque eu era péssimo nisso.

– Preciso conversar com o médico. Quando ela puder, quero que seja internada em um lugar onde a ajudem a se recuperar. Ela precisa de ajuda, e não consigo dar conta – disse em voz alta pela primeira vez na vida. Eu estava admitindo que havia falhado com minha irmãzinha. Em vez de me sentir culpado, foi como se tirasse um imenso peso dos ombros.

– O Dr. Jones estará aqui em breve. Ele também vai querer interná-la. Ela realmente precisa de ajuda. Que bom que você está de acordo. Isso sempre facilita as coisas.

Nada em relação àquilo seria fácil, mas era o melhor para todo mundo.

BLAIRE

Rush ainda não tinha voltado. Ele não havia respondido a nenhuma das minhas ligações ou mensagens. Eu passara mais de quatro horas na clínica e ele não me ligara nem uma vez. Meu filho estava bem, mas o médico tinha dito que eu precisava descansar, ingerir mais líquidos e não me estressar. Se eu não seguisse suas orientações, precisaria ficar de repouso na cama. Permanecer em Los Angeles lidando com os problemas de família não ia me ajudar. Eu precisava ir embora.

Olhei para meu telefone para conferir se não havia perdido alguma ligação desde a última vez que o conferira, três minutos antes. Estava tentando não me preocupar com Rush. Tinha que diminuir o estresse. Meu filho precisava disso.

Harlow ficara muito quieta no carro. Compreendi que ela não sabia o que dizer. Rush não tinha aparecido nem ligado. Ela também tentara telefonar para ele. Mas o silêncio dela fora bem-vindo. Eu não queria falar sobre o assunto.

Voltar para Rosemary não parecia uma boa ideia naquele momento, porque eu queria distância de Rush também. Rosemary só me faria sentir saudade e pensar nele. Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Abri-a e encontrei um Dean de aparência cansada.

– Rush ligou para Kiro e disse que Georgianna está vindo para cá. Não sei quanto tempo levará para chegar, nem de onde vem, para começo de conversa. Só achei que talvez você quisesse saber que a rainha má está a caminho.

Só escutei que Rush havia ligado para Kiro. O resto não importava.

– Quando foi que ele ligou? – perguntei.

– Há mais ou menos uma hora, eu acho. Kiro acabou de me dizer.

Rush estava bem. Estava com o telefone. Só não queria me atender. Mais uma vez, deparei com a verdade brutal de que Nan era mais importante. Balancei a cabeça e fechei a porta.

Repassei minha lista de contatos até encontrar o número de meu pai. Ele atendeu no segundo toque.

– Blaire? – A voz surpresa dele serviu para me lembrar como era raro que eu lhe telefonasse. Pude ouvir o vento do barco.

– Papai, preciso sair daqui. Posso ir visitar você? – perguntei, recusando-me a chorar. Eu havia feito uma ligação igual a esta uma vez e, embora ele tivesse me decepcionado, no fim achei que havia encontrado a felicidade. Já não tinha tanta certeza.

– Claro que sim. Qual o problema?

– Só não estou mais aguentado. Preciso de um lugar onde possa pensar.

– Venha até o aeroporto de Key West, que estarei esperando por você. É só me dizer que horas seu avião chega.

– Está bem. Eu ligo assim que tiver o horário. Obrigada.

– Não me agradeça. Sou seu pai. É para isso que estou aqui.

Fechei os olhos bem forte e desliguei o telefone. Eu ia mesmo deixar Rush. Isso me partia o coração. Acessei o aplicativo da companhia aérea no telefone e encontrei o primeiro voo que ia de Los Angeles para Atlanta. Lá eu pegaria o voo para Key West. Depois de marcar tudo, arrumei minhas roupas rapidamente e chamei um táxi.

Eu sabia que a atitude adulta seria deixar um bilhete para Rush, mas estava brava demais com ele. Mandaria uma mensagem de texto mais tarde. Talvez depois que ele decidisse que era importante retornar minhas ligações.

Ninguém me viu saindo da casa e entrando no táxi. Fiquei contente por não precisar me explicar. Não tinha obrigação de fazer isso.

RUSH

Georgianna estava vindo para Los Angeles. Acompanharia Nan para interná-la na clínica que o médico indicara. Nossa mãe provavelmente faria questão de que fosse a mais moderna, por isso eu me adiantara e havia me assegurado de que fosse a melhor. Georgianna estaria mais preocupada com a aparência do que com o bem-estar mental de Nan. Alguma coisa estava errada com minha irmã e ela precisava de ajuda. Eu tinha uma família para cuidar. Não podia continuar sendo responsável por ela.

Assim que Nan acordou e conversou comigo, eu lhe disse que nossa mãe estava a caminho. Quando ela caiu no sono de novo, saí e fui buscar meu telefone. Blaire havia me ligado várias vezes, assim como Harlow. Eu a havia deixado preocupada e tinha muito do que me desculpar. Abri a primeira mensagem de texto enviada por Blaire.

Harlow me trouxe ao médico dela. Eu estava com cólicas. Fizeram um ultrassom, e estou num quarto sendo monitorada.

Senti um nó no estômago. O bebê. Ah, meu Deus, não. Comecei a correr para os elevadores enquanto apertava o botão para ler a mensagem seguinte.

Onde você está?

NÃO! Eu precisava saber se ela estava bem.

Você está bem?

Porra! *Ela* estava bem? Era só aquilo. Não havia mais mensagens dela. Cliquei na primeira mensagem de Harlow.

Blaire está com cólicas e sangramento. Eu a trouxe ao meu médico. Vão mantê-la aqui por algumas horas para observá-la e garantir que esteja bem. Me ligue, que eu explico onde estamos.

Isso havia sido oito horas atrás. PUTA QUE PARIU! Também era a única mensagem de Harlow. Era por isso que ela estava tentando me ligar. CHEGA! CHEGA, PORRA! Eu ia levar Blaire para casa imediatamente.

A última mensagem que eu havia recebido de Blaire era de cinco horas atrás. Onde ela estava?

Liguei para o número dela, mas caiu direto na caixa postal. Ela estava no hospital? Não, não, ela não podia estar no hospital. Blaire tinha que estar bem. Nosso filho tinha que estar bem. Liguei para o número de Harlow.

– Alô.

– É o Rush. Como está Blaire, onde ela está? Eu estava sem meu telefone. Pelo amor de Deus, me diga que ela está bem. Por favor – implorava descontroladamente enquanto saía correndo do hotel a caminho do meu carro.

– Ela está bem. Acho que está preocupada com você e talvez... magoada – respondeu Harlow.

Senti um nó se formar na minha garganta.

– Estou a caminho. Por favor, diga a ela que estou chegando. Nan tomou uma porrada de analgésicos e eu estava no hospital com ela. Tiveram que fazer uma lavagem estomacal – expliquei. Eu não queria Blaire brava comigo, mas, mais importante, não a queria magoada.

– Ah. Eu sinto muito – disse Harlow apenas.

– Por favor, conte à Blaire. Estou a caminho daí agora – repeti.

– Ela não desceu para o jantar. Bati na porta do quarto para lhe dar um prato de comida, mas ela não respondeu. Não quero entrar lá caso ela esteja dormindo. Ela teve um dia muito longo.

Ela não tinha descido para comer. Não atendia à porta. O medo de alguma coisa ter acontecido com ela, de encontrá-la como havia encontrado Nan, me apavorou.

– Por favor, abra a porta e veja como ela está. Confira se ela está bem – implorei.

– Está bem – respondeu Harlow depois de uma pausa.

Desliguei e atirei o telefone no assento do carona enquanto acelerava pela Sunset Drive.

Quando abri a porta da frente da casa e encontrei Harlow parada no hall de entrada com meu pai, congelei.

– O que foi? – perguntei, com medo de me mexer.

– Ela foi embora. As malas dela sumiram. E ela não está em outro quarto, porque eu procurei – respondeu Harlow.

Balancei a cabeça e entrei.

– Foi embora? Ela não pode ter ido embora! Para onde teria ido?

– Provavelmente para algum lugar onde não precise lidar com as merdas de Nan e com o noivo saindo correndo e deixando-a sozinha, sem atender às suas ligações. É o que eu acho. Você é um idiota, exatamente como eu, filho – falou Dean com desprezo antes de se afastar.

– Precisei contar. Ele me pegou correndo de um quarto para outro, conferindo se havia alguém dentro – sussurrou Harlow.

– Ela deixou um bilhete? – perguntei, discando o número dela de novo, e mais uma vez a ligação caiu na caixa postal.

Harlow negou com a cabeça.

Passei correndo por ela e subi a escada de dois em dois degraus. Voltei a correr quando cheguei lá em cima. O dia havia passado de ruim a completamente desastroso. Abri a porta do quarto com violência e fui recebido por um silêncio que me deixou com as pernas bambas. Pude

ver a cama ligeiramente desarrumada no local em que ela havia se deitado mais cedo. Harlow tinha razão. Ela fora embora. Não havia mais nenhum sinal de Blaire no quarto. Ela precisara de mim, nosso filho precisara, e eu estava com Nan, de novo. Bem feito para mim!

Fechei a porta, encostei na parede e deixei o corpo deslizar até o chão para chorar. O medo de perder Nan havia me apavorado, mas a ideia de perder Blaire e nosso filho era insuportável. Eu não merecia Blaire. Havia prometido que estaria sempre ao seu lado, mas continuava me afastando dela por causa da minha família. Estava na hora de eu parar de permitir que isso acontecesse. E se fosse tarde demais?

Balancei a cabeça e sequei as lágrimas. Eu a encontraria e imploraria seu perdão. Eu me arrastaria aos pés dela. Faria o que fosse preciso. E então nunca mais sairia do lado dela. Por ninguém.

BLAIRE

– Aqui estamos. Não é muito, mas é meu – disse meu pai ao subir no barco com uma cabine pequena que certamente tinha só uma cama. Eu tinha esperanças de que houvesse algum sofá lá dentro também.

Tinha ficado muito aliviada ao descer do avião no pequeno aeroporto e encontrar Abe esperando por mim. Estava preocupada em talvez ter gastado minhas últimas economias em passagens de avião para ir encontrar um homem que não aparecesse. Desta vez, ele estava lá para me ajudar.

– A boa notícia é que tem um beliche e uma cama de casal. Eu fico com o beliche e você pode ficar com a cama. Vai ser melhor para você e o bebê. Também comprei algumas coisas para você no mercado, as que eu sabia que você gostava. A geladeira é minúscula, mas tenho uma caixa térmica também, para as coisas que precisam ficar geladas.

Dentro do velho barco, reconheci traços do meu pai. Seu chapéu preferido, que minha mãe lhe dera no dia dos Pais quando eu era pequena, estava pendurado no gancho da entrada da cabine. A mala de pesca que Valerie e eu havíamos escolhido para ele em um Natal estava no canto, com a vara de pesca que ele comprara em uma de nossas férias de verão em família na Carolina do Norte. Eu não imaginava que ele ainda tivesse essas coisas.

– Está perfeito, papai. Obrigada por me deixar vir para cá. Eu só precisava dar um tempo – falei, virando-me para ele.

O bigode e a barba dele estavam compridos, mas ainda assim pude ver sua boca franzida de preocupação.

– Qual é o problema, ursinha? Você parecia tão feliz há uma semana. Como as coisas ficaram ruins tão rápido?

Eu não queria falar sobre o assunto ainda.

– Peguei no sono no avião, mas dormi mal. Já faz bem mais de 24 horas desde a última vez que deitei numa cama. Posso tirar um cochilo primeiro? – perguntei.

Papai pareceu ainda mais chateado com o fato de eu estar cansada.

– Você não devia estar se cansando assim. Por que voou à noite? Deixe para lá, pode me contar depois. Entre ali, vá para aquele quarto depois dos degraus. Vou trazer sua mala para baixo. Não temos muito espaço, mas podemos dar um jeito.

Nem quis tomar banho no banheiro minúsculo ou trocar de roupa. Estava cansada demais para pensar em qualquer coisa.

– Só quero dormir um pouco – falei.

A cama preenchia todo o "quarto". Tocava em todas as paredes. Ainda na porta, subi nela engatinhando e deixei meus sapatos caírem, então me enrosquei no colchão e dormi.

Acordei no meio da tarde. O balanço suave do barco era relaxante. Que bom que não me

deixava mareada. Não teria sido agradável. Estiquei as pernas, me sentei na cama e enfiei a mão no bolso para ligar o telefone. Vinha evitando fazer isso. A essa altura, Rush já devia saber que eu não estava mais em Los Angeles e devia estar chateado. Ainda não estava pronta para lidar com ele. Ainda precisava de um tempo para decidir o que fazer.

Não conferi meus recados nem as mensagens de texto depois de ligar o telefone. Simplesmente coloquei-o de volta no bolso e subi os degraus que levavam ao convés principal. Meu pai não estava por perto, mas no aeroporto me contara que trabalhava na marina em troca de manter o barco atracado sem custos e que precisava trabalhar naquela tarde.

A geladeirinha tinha algumas garrafas d'água. Peguei uma e também uma banana do cesto de frutas sobre a geladeira e saí para me sentar ao sol. Ventava, mas o dia estava ensolarado. A temperatura regulava com a de Los Angeles.

– Abe sabe que você está no barco dele? Ele não parece ser o tipo de cara que sai com garotas tão novas – perguntou uma voz grave atrás de mim. Virei-me e vi um cara de 20 e poucos anos de pé no barco ao lado. Estava sem camisa, com a calça jeans frouxa no quadril. Era magro, porém forte. Tinha o cabelo castanho comprido com fios clareados pelo sol preso num rabo de cavalo baixo. Havia várias mechas soltas.

Não consegui ver seus olhos, porque ele usava óculos estilo aviador.

– Sabe falar? – perguntou ele com um sorriso, tomando um gole da garrafa d'água que tinha na mão.

– Sim – respondi, ainda um pouco perplexa. Não esperava que meu pai tivesse vizinhos. Era um barco, pelo amor de Deus. Quantas pessoas moravam em barcos?

– Onde está Abe? Ou você invadiu? – Ele estava sendo implacável em seu questionamento.

– Não sei. Acabei de acordar, e ele não estava aqui – respondi.

O cara levantou uma sobrancelha.

– Então ele sabe que você está aí?

Ele era o quê, um policial?

– Abe é meu pai. Ele sabe muito bem que estou aqui – respondi, um pouco mais irritada do que gostaria.

Ele abriu um sorriso de dentes brancos perfeitos. Não era o que eu esperava de um sujeito que tinha aquele cabelo e morava num barco.

– Você é a Blaire. Muito prazer. Sou o Capitão – apresentou-se ele, e tomou outro gole da garrafa d'água.

– Capitão?– repeti sem querer. Sei que pareci mal-educada.

– É – respondeu ele.

– É... é um nome estranho – comentei.

Ele deu uma risada baixa.

– Na verdade, não. Eu moro neste barco desde os 16 anos. Já faz dez. Se é para alguém ser Capitão, que seja eu. – Ele me deu uma piscadela e então voltou para sua cabine.

Novamente sozinha, eu me recostei na cadeira e apoiei as pernas à frente, sobre um balde virado de cabeça para baixo. Meu telefone começou a tocar, e eu me perguntei se devia conferir quem ligava. Se fosse Rush, eu ia querer atender. Talvez fosse hora de fazer isso. Ele precisava

saber onde me encontrar.

Olhei para baixo e, claro, o nome de Rush estava na tela. Atendi a ligação e levei o aparelho até a orelha. Eu estava abalada demais quando fugi. Precisava de espaço e de tempo. Agora sentia falta dele. Como eu poderia me casar se nem ao menos conseguia ficar ao seu lado quando ele precisava de mim? Será que eu ficaria zangada assim sempre que ele não estivesse por perto e eu precisasse dele?

– Blaire? Por favor, meu Deus, me diga que foi você que atendeu o telefone. – A voz de Rush estava repleta de pânico. Me senti culpada.

– Sou eu – respondi.

– Onde você está, gata? Por favor, me diga onde você está. Eu juro que nunca mais vou deixar você. Cansei de lidar com as merdas da minha irmã e de ser o pai que ela não teve. Eu só preciso de você. Por favor, onde você está? Eu estou em Rosemary, e você não está aqui. – Ele estava muito preocupado. Eu o havia assustado. Senti a garganta apertar e os olhos arderem.

– Estou em Key West com meu pai – respondi.

– Droga. Ele foi buscá-la no aeroporto? Você está no barco? Tem comida aí para você? – Rush fez uma pausa nas perguntas e respirou fundo. Percebi que ele tentava se acalmar.

– Ele foi me buscar, e eu estou bem. Foi ao mercado antes que eu chegasse, e já comi – fiz uma pausa e fechei os olhos bem apertados para conter as lágrimas. Eu não queria chorar. Rush perderia as estribeiras se me ouvisse chorar. – Sinto muito. Fiquei chateada e precisava dar um tempo de tudo. Precisava de tempo para pensar.

– Eu sei que você está chateada. Você tinha todo direito e ficar. Passou por um susto sem mim, e eu me odeio por isso. Era mesmo para ter me deixado. Caramba, *eu* teria me deixado. – Ele parou e respirou fundo. – Posso ir buscá-la? Por favor? Eu preciso de você, Blaire.

Seria sempre assim? Eu sempre viria em segundo lugar, depois de Nan? Nosso filho ficaria em segundo lugar? Eu sabia que ele acreditava que não ia mais se preocupar com ela, mas também sabia que não seria assim. Ele amava a irmã e ter que ignorá-la quando ela precisasse dele seria a morte. O que eu tinha de perguntar a mim mesma era se conseguiria viver sem ele.

Não. Simples assim. Mesmo com o coração ainda doendo por ele não ter estado comigo e com o bebê no dia anterior, eu precisava de Rush e ainda não conseguia imaginar a vida sem ele.

– Nan teve uma overdose. Eu a encontrei inconsciente no quarto do hotel. Deixei meu telefone lá quando saí correndo com os paramédicos para levá-la ao hospital. Foi por isso que não atendi. Me desculpe, Blaire. Eu sinto muito, muito mesmo. – O tom de súplica em sua voz me partiu o coração. Eu deveria saber que fora algo sério que o impedira de entrar em contato. Rush sempre atendia minhas ligações e respondia minhas mensagens.

– Nan está bem? – perguntei, não por me importar com ela, mas sim com Rush.

– Está. Fizeram uma lavagem estomacal. Minha mãe vai interná-la em uma clínica em Montana. Não posso continuar tentando controlá-la. Tenho que me concentrar em você e no nosso filho.

Ergui o olhar quando meu pai entrou no barco. Ele trazia um saco de papel em uma das mãos e um galão de chá na outra. Eu não conseguiria ir embora tão rápido. Tinha acabado de chegar, e gostava de vê-lo feliz. Ou ao menos contente.

– Quero ficar com meu pai por um tempo – falei, sabendo que ele iria discutir. Estava com muita saudade dele, e sabia que Rush sentia o mesmo

– Tudo bem. Posso ir visitá-lo também? – perguntou ele.

Meu pai estava me observando e deu um sorrisinho. Não precisava dizer a ele o que Rush pedira. Ele já sabia.

– Diga para o garoto vir. Tenho espaço para mais um.

– Seria ótimo. Estou com saudade – respondi.

Rush soltou um suspiro.

– Meu Deus, gata, eu estou com saudade também. Muita saudade. Vou pegar o primeiro voo.

RUSH

Eu precisava encontrar Blaire. Precisava abraçá-la e ter certeza de que não a havia perdido e que o nosso filho estava bem. Depois, iria convencê-la a voltar para casa e se casar comigo imediatamente. Eu não queria mais esperar. Não deveria ter esperado tanto tempo.

Meu avião partiu mais cedo e aterrissou trinta minutos antes da hora prevista. Eu não queria ter que esperar até o horário combinado para que Blaire chegasse, nem queria que ela viesse ao aeroporto sozinha. Peguei um táxi e pedi ao motorista que me levasse à marina. Poderia achar o barco de Abe. Key West não era uma cidade grande. Eu encontraria Blaire antes que ela saísse.

Já no píer que ficava entre as fileiras de barcos atracados, procurei por algum sinal de Blaire ou Abe. Eu havia telefonado, mas a chamada caíra direto na caixa postal. Havia veleiros, pesqueiros e até casas flutuantes naquele lugar. Várias embarcações tinham gente morando nelas. Eu estava chegando à parte final do píer quando vi um cara de pé na popa de um barco. Estava com os braços cruzados no peito nu enquanto olhava fixamente para a embarcação ao lado. Eu estava prestes a lhe perguntar se sabia qual era o barco de Abe Wynn quando acompanhei seu olhar.

Longos cabelos loiros lhe caíam pelas costas e voavam ao vento. O vestido que usava era um dos preferidos dela ultimamente, por ser uma das poucas peças que ainda lhe serviam. A barriguinha que crescera nas últimas semanas estava ocupando mais espaço, deixando a roupa um pouco mais curta do que eu gostaria. Ao vê-la, eu me senti completo de novo... até perceber que era ela que o cara sem camisa encarava. Blaire não tinha notado, porque estava de costas, olhando para a água azul cristalina matizada pelo sol poente. Mas eu notei.

O homem das cavernas dentro de mim quis derrubá-lo do barco e atirá-lo na água. Mas eu não podia fazer isso. Por mais furioso que ficasse por saber que ele estava olhando para o que era meu, eu compreendia. Ela era de tirar o fôlego. Eu também queria parar e admirá-la.

Segui meu segundo impulso de homem das cavernas e fui direto para o barco do pai dela, pulando a bordo e pegando-a nos braços antes que ela pudesse se virar para ver quem era.

– Rush – disse ela, com um suspiro satisfeito, e o homem das cavernas teve vontade de bater no peito. Ela sabia que era eu. Adorei isso. Enterrei o nariz em sua nuca e respirei profundamente. Como era bom aquele cheiro. Naquele momento, seu aroma doce estava misturado com o do mar. Quis arrancar sua roupa e descobrir se o corpo inteiro dela estava com perfume de oceano.

Pus as duas mãos em sua barriga, apenas para lembrar a mim mesmo de que nosso filho estava a salvo. Ele estava saudável e Blaire estava bem. Toda vez que eu pensava nela sangrando e com cólicas, meu coração parecia parar. Eu praticamente a abandonara nos últimos dias, tentando controlar Nan para podermos ir embora. As últimas palavras que eu dissera a Blaire haviam sido ríspidas, e eu só conseguia pensar nisso quando descobri que ela fora embora. Será que o que eu tinha dito provocara as cólicas? Eu não a merecia, mas não iria abrir mão dela.

– Me desculpe. Meu Deus, Blaire, eu sinto tanto, tanto. Eu amo você. Isso nunca mais vai

acontecer – prometi, embora as palavras parecessem familiares aos meus ouvidos. Hesitei, percebendo que já dissera aquilo antes. Eu nunca deveria ter ido a Los Angeles.

– Eu amo você – respondeu ela apenas.

– Eu também amo você – falei mais uma vez, abraçando-a enquanto assistíamos ao sol se pôr sob a água.

Quando finalmente escureceu, abaixei a cabeça para falar no ouvido dela.

– Tem um hotel onde possamos dormir esta noite? Quero você, e não vai dar pra ser em silêncio.

Blaire se virou e enlaçou meu tronco. Seus olhos verdes estavam brilhando de divertimento.

– Eu consigo ficar quietinha – respondeu ela.

Levantei a mão e passei uma mecha de seu cabelo para trás da orelha, então tracei seu maxilar antes de sentir a maciez carnuda de seu lábio inferior.

– Eu, não.

Um sorriso satisfeito levantou os cantos de sua boca, e ela ficou nas pontas dos pés para me dar um beijo na boca.

– Você pode sussurrar suas safadezas no meu ouvido – atiçou.

Puxei seu lábio inferior com os meus e o suguei um pouco antes de deslizar a língua para dentro de sua boca, para sentir seu sabor. Ela se agarrou aos meus braços e gemeu baixinho, encaixando-se em mim. Porra, de jeito nenhum eu ficaria quieto naquela noite.

– A menos que você queira que seu pai me ouça gemendo por causa do gosto doce da sua bocetinha e gritando seu nome quando entrar em você, acho que vamos precisar de uma porra de um hotel.

Blaire colou mais o corpo ao meu e soltou outro gemido.

– Meu Deus, Rush. Se continuar falando assim, vou ter um orgasmo aqui mesmo.

Segurei-a pela bunda e puxei-a contra meu corpo antes de cobrir sua boca de novo com a minha. Se ela estava tão acesa a ponto de gozar só com palavras, eu nunca ia deixar isso passar.

Uma tosse fez Blaire se paralisar em meus braços. Ela se soltou lentamente de mim e espiou por cima do meu ombro. Ficou com o rosto vermelho e enfiou a cabeça em meu peito. O fato de ela se grudar outra vez em mim foi a única coisa que me impediu de perder as estribeiras. Não gostava da ideia de que ela ficasse constrangida por ele nos ver juntos.

Olhei para trás por cima do ombro e vi o cara que observava Blaire quando cheguei. Tê-la de novo em meus braços me fizera esquecer tudo ao nosso redor. Não que a presença dele pudesse ter feito diferença. Eu queria que ele soubesse que ela era minha. Queria que todo mundo soubesse.

– Talvez seja melhor vocês procurarem um quarto – disse o cara com um sorrisinho, ao acender um cigarro.

– Estamos ótimos aqui. Talvez você precise olhar para o outro lado – respondi. Cuidei para adicionar um tom ameaçador à minha voz.

O cara riu e soltou uma baforada de fumaça.

– Gosto de ver o pôr do sol. Seria uma pena um sujeito perder uma visão tão linda do próprio barco.

O jeito como ele piscou para ela, nos meus braços, fez meu sangue ferver. Blaire deve ter notado minha tensão, porque pressionou o corpo contra o meu e me deu um beijo no peito.

– Vamos entrar. Quero ficar a sós com você – disse ela, de forma que apenas eu a escutasse.

Olhei de novo para ela e relaxei. Ela era minha. Eu precisava me acalmar.

– Estou indo atrás de você.

Blaire segurou meus braços e me puxou para dentro da pequena cozinha. Dali eu via a porta que levava para o outro cômodo, e a ideia de me enfiar lá com Blaire foi extremamente tentadora.

– Quanto tempo seu pai ainda demora para chegar? – perguntei, guiando-a na direção dos degraus.

– Não sei bem – respondeu ela com uma risadinha.

– O quarto tem porta com chave?

BLAIRE

– Tem, mas eu não sei que horas meu pai volta. Não podemos simplesmente entrar lá – respondi, sem conseguir deixar de rir.

– Minha doce Blaire, se eu não entrar em você logo, muito mais gente além do seu pai vai ficar sabendo que estamos transando. Aquela mesinha da cozinha está me parecendo bem boa no momento.

Estremeci de expectativa quando ele me puxou para o quarto.

– Só uma cama – disse ele ao olhar para o quartinho. – É isso aí.

Subi engatinhando na cama desfeita e ele me seguiu, mas primeiro se virou para trancar a porta de correr. As sacanagens que ele dissera e o meu estado de tesão constante me deixaram tão excitada que não ia ser preciso muito tempo para me fazer gozar. Eu estava tremendo de tanto que queria ser tocada por ele.

– Tire – disse ele, olhando para meu vestido.

Puxei o vestido por cima da cabeça e o joguei no colchão. Não havia colocado sutiã, mas estava de calcinha. Seus olhos se acenderam de tesão quando ele olhou para meus seios. Adorava saber que a gravidez não diminuía o desejo dele por mim. Na verdade, ele parecia ainda mais atraído.

Rush tirou a camisa e ficou de joelhos na minha frente. Segurou meus seios em suas mãos grandes e provocou meus mamilos, fazendo-me gemer e me esfregar ainda mais nele. Desceu as mãos até a barriga, acariciando-a gentilmente.

– Minha – disse apenas, com admiração e reverência na voz.

Então, deslizou uma das mãos para o meio das minhas pernas e para dentro da calcinha. Descobriu exatamente quanto eu estava excitada.

– Humm, minha doce Blaire me quer aí. Gosto disso. Gosto disso pra caralho – gemeu ele, deitando-me de costas no colchão antes de arrancar minha calcinha. Passou o polegar pela sola dos meus pés, então agarrou meus tornozelos e os puxou acima dos ombros dele.

– Rush. – Tentei impedir que começasse a me lamber só porque queria outra parte dele dentro de mim. Mas sua língua estremeceu em meio às minhas dobras e lambeu até meu clitóris, fazendo qualquer pensamento racional desaparecer. Agarrei os lençóis e, me contorcendo de prazer, gritei o nome dele. Já não importava quem fosse me ouvir. O piercing em sua língua provocava meu clitóris incansavelmente enquanto ele ia e vinha pelo meu sexo inchado.

– Tão doce – murmurou ele sem me soltar, e eu desmoronei. Meu corpo estremeceu, e eu tive certeza de ter gritado seu nome alto o bastante para os vizinhos escutarem. Quando consegui abrir os olhos de novo, ele estava nu e se erguendo entre minhas pernas.

Ergui o quadril ao encontro do pau dele e adorei ver a expressão de prazer em seu rosto quando foi a vez dele de sussurrar meu nome.

Rush segurou minha cintura e me puxou de encontro a suas investidas. Ele entrava e saía de mim num ritmo constante. Senti o prazer aumentando e fiquei louca para explodir de novo.

Comecei a levantar o quadril mais alto enquanto agarrava seus braços para me içar mais rápido.

Rush parou e me fez recostar na cama, movimentando-se mais devagar sobre mim. Sua boca cobriu a minha, e ele começou a me beijar como se tivesse todo o tempo do mundo, quando, na realidade, eu estava a poucas estocadas de mais um orgasmo. Ele percorreu minha língua com a dele, brincando com ela e depois lambendo meus lábios antes de me dar beijos castos nos cantos da boca e sugar meu lábio superior.

– Não me deixe de novo – pediu. – Não posso perder você.

Ele moveu o quadril e mergulhou fundo em mim mais uma vez enquanto gemia. Eu enlouqueci, me agarrei a ele e prometi qualquer coisa que ele quisesse. O grito que ele deu ao gozar me fez ter outro orgasmo.

Quando finalmente consegui respirar, Rush estava me acomodando em seus braços e aninhando a cabeça no meu pescoço. Seu hálito quente me provocava e me tranquilizava ao mesmo tempo.

– Eu amo você. Amo pra caralho – disse ele com a voz rouca.

– Também amo você. Amo pra caralho – respondi, com um sorriso feliz.

Ele riu, mas não olhou para mim. Manteve o rosto enterrado no meu pescoço.

– Quero você de novo. Desculpe – disse ele.

Confusa, franzi a testa e me afastei um pouco para ver o rosto dele.

– Está se desculpando por quê?

– Porque talvez eu esteja insaciável esta noite. Foram 24 horas muito longas.

– Quer dizer que você quer mais agora? – perguntei.

Rush deslizou as mãos para o meio das minhas pernas.

– É, gata, eu quero.

Rush estava dormindo quando ouvi meu pai entrar no barco. Fiquei grata por ele não ter testemunhado o que acontecera. Rush caíra no sono de cansaço. Mas antes me deixara completamente satisfeita. Lutei contra o sono porque queria esperar meu pai. Peguei minha roupa, me desvencilhei dos braços de Rush e me vesti. Precisava dizer a meu pai que Rush estava ali. Como não havia lhe contado muita coisa, ele precisava de uma explicação.

Destranquei a porta e olhei para Rush, que ainda dormia tranquilamente. Saí do quarto e subi a escada na ponta dos pés. Meu pai estava sentado à mesa da cozinha, servindo-se de um copo de leite. Olhou para mim e sorriu.

– Não queria acordá-la – disse ele.

– Tudo bem. Eu já estava acordada – respondi. Acenei com a cabeça para a frente do barco, do lado de fora, onde nossas vozes não seriam tão facilmente ouvidas no andar de baixo. – Podemos conversar?

Papai olhou na direção da escada, franziu a testa e então fez que sim com a cabeça e se levantou para voltar para o lado de fora da cabine.

Fechei a porta para abafar nossa conversa e então me virei para meu pai.

– Rush chegou – expliquei. – Ele está dormindo.

Pela expressão no rosto dele, vi que havia compreendido. Ele assentiu.

– Ótimo. Que bom que o garoto foi esperto o bastante para vir buscá-la.

Papai gostava de Rush. Tinha sido por causa dele que nos conhecemos, para início de conversa. Ter a aprovação dele me deixava feliz. Isso tornava as coisas muito mais fáceis. Eu queria manter um relacionamento com meu pai e, por muito tempo, Rush não tinha sido fã dele.

– Foi por causa da família dele que eu vim embora. De Nan, principalmente. Ela é... demais, às vezes.

– Ela é um pesadelo. Ela não é minha filha, pode ser direta ao falar dela. Passei tempo suficiente com ela para saber que precisa de muita atenção de um pai.

Concordei com a cabeça e me sentei no banco localizado na lateral do barco, enfiando as pernas embaixo do corpo.

– Não quero odiá-la, porque Rush a ama. Mas é difícil. Ela está decidida a tirá-lo de mim. Às vezes acho que ela pode conseguir.

Meu pai sentou numa cadeira dobrável desbotada que um dia tivera as cores do arco-íris.

– O garoto ama você mais. Sempre vai amar. Qualquer um vê isso, ursinha. Você só precisa aprender a não deixar Nan intimidá-la.

– Estou tentando. Mas aí, quando ela precisa, ele está lá. Muitas vezes quando eu preciso dele também. Ela sempre ganha. Eu sei que parece bobeira e que estou sendo egoísta, mas preciso que ele me escolha. Preciso que ele escolha a mim e ao nosso filho em vez de todo o resto. Eu não... não sei se ele algum dia vai fazer isso. – Dizer isso em voz alta me deixou com um nó na garganta. É difícil admitir nosso pior medo. Mas eu precisava que alguém me escutasse.

– Você merece ser a número um. Você passou por muita coisa, por culpa minha. Está na hora de um homem fazê-la se sentir a pessoa mais importante do mundo dele. Não é egoísmo. É normal. Aquela irmã mimada dele usa o fato de não ter tido pai como desculpa para ser uma vaca e infernizar todo mundo. Você teve mais problemas do que ela, perdeu a irmã, o pai e a mãe. Sofreu mais do que aquela garota jamais poderia sequer imaginar, mas, ainda assim, você sabe amar. Você sabe perdoar e é forte. Você será uma mãe maravilhosa e uma esposa incrível.

Meu pai soltou um longo suspiro.

– Rush viu Nan como filha dele a vida toda. Ele a criou. Ela é adulta agora, e está na hora de ele deixá-la se virar. Ele está tentando descobrir como fazer isso, e acho que vai conseguir. Rush ama você. Eu sei que ama. Qualquer um pode ver isso no rosto dele.

Eu torcia para que ele tivesse razão.

– Eu o amo tanto que tenho medo de que continue a perdoá-lo, mesmo que ele sempre a escolha.

Papai concordou com a cabeça e se inclinou para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos.

– Se isso acontecer, acho que vou ter que ir a Rosemary dar uma surra no garoto. É só me ligar. Vou estar sempre do seu lado.

Sorri diante da expressão sincera no rosto dele ao ameaçar bater em Rush por mim. Era esse o homem que eu crescera amando. O homem que ameaçara Cain com seu rifle de caça em nosso primeiro encontro. Fui até ele e passei os braços ao redor do seu pescoço.

– Eu amo você – sussurrei.

– Amo você também, minha ursinha Blaire.

Uma tosse alta me assustou, e eu olhei para trás e vi o cara de mais cedo, outra vez parado no convés de seu barco, nos observando. Ele estava começando a me assustar. Pelo menos desta vez estava usando uma camisa, ainda que desabotoada.

– Boa noite, Capitão – falou meu pai, e o cara levantou a cerveja para cumprimentá-lo.

– Boa noite – respondeu ele. Mas não saiu. Só ficou ali parado.

– Esta é Blaire, minha filha.

– Nós nos conhecemos mais cedo – disse ele e piscou para mim de novo. Meu desconforto foi imediato. Rush não ia gostar que ele fizesse isso. Talvez não fosse boa ideia eu passar alguns dias ali. Eu estava grávida. Será que ele não via? Por que flertaria com uma grávida?

– Ah, bem, que bom. Que bom que vocês se conheceram. – Meu pai pareceu nervoso. Alguma coisa estava errada. Será que o cara era perigoso?

A porta da cabine se abriu e um Rush sonolento e amarfanhado surgiu no convés. Desta vez, estava sem camisa e com a calça jeans desabotoada. Duvidava que sequer tivesse vestido uma cueca. Parecia ter acabado de acordar e perceber que eu não estava, então vestira a calça correndo e saíra atrás de mim. Olhou para mim, para o Capitão e para mim de novo. A expressão furiosa no rosto dele me surpreendeu. Ele não tinha visto o sujeito piscar para mim, tinha?

– Oi, Abe – disse ele com a voz arrastada, vindo até mim e puxando-me na sua direção. Sim, definitivamente ele estava reclamando sua propriedade. Por que ele se sentia ameaçado? Não sabia que eu era louca por ele?

– Oi, Rush. Fiquei muito feliz por reencontrar a Blaire, mas gostei de ver que você foi inteligente o bastante para vir buscá-la – respondeu Abe. O tom de advertência em sua voz foi muito claro. Ele estava informando a Rush que não gostava que eu me sentisse em segundo plano.

Rush concordou com a cabeça e deu um beijo na minha testa.

– Não vai acontecer de novo – garantiu ele ao meu pai.

Meu pai fez que sim com a cabeça.

– Que bom. Da próxima vez, não vou ser tão compreensivo – alertou ele.

– Recém-casados? – perguntou Capitão, ainda parado nos observando.

Os músculos de Rush ficaram tensos, e me aproximei para acalmá-lo. Ele queria estar casado. Ficou incomodado por outro cara questionar nosso relacionamento.

– Eles estão noivos – explicou meu pai.

Capitão apontou a cerveja na minha direção, como se estivesse indicando minha barriga.

– Você inverteu um pouco a ordem das coisas, não? – O tom de acusação na voz dele fez Rush se mover antes que eu conseguisse impedi-lo. De repente ele estava atravessando o barco. Estendi a mão e agarrei seu braço no instante em que ele pôs o pé no degrau de fora.

– Muito bem, pode parar – disse meu pai num tom autoritário que eu não estava acostumada a vê-lo usar. – Eu ia esperar e explicar a Blaire sem a merda de uma plateia, mas parece que preciso fazer isso agora, já que você irritou Rush. – Ele olhava irritado para Capitão.

Do que meu pai estava falando? Que tipo de explicação?

Rush parou de se mexer e olhou furioso para o meu pai.

– Ninguém fala com a Blaire assim. Estou me lixando para quem ele seja.

– Eu não estava falando com a Blaire. Estava falando com você – disse Capitão, de um jeito arrastado e entediado, e tomou mais um gole da cerveja.

Peguei o braço de Rush com as duas mãos e o segurei com força.

– Já chega, garoto – disparou meu pai para Capitão. Pensei em argumentar que ele não era um garoto, mas um homem capaz de machucar meu pai sem esforço. Preferia que ele mantivesse uma relação amistosa com os vizinhos.

Capitão levantou as duas mãos e deu de ombros.

– Tudo bem – respondeu ele. Fiquei chocada ao vê-lo recuar tão facilmente.

Papai suspirou e olhou de novo para mim.

– Talvez você queira voltar a se sentar – disse ele.

Eu não tinha certeza se queria ouvir o que ele tinha para me dizer. Por que eu precisava me sentar? Rush se sentou, me puxou para seu colo e passou os braços ao redor da minha cintura.

Meu pai olhou para Capitão e franziu a testa. Qualquer que fosse o assunto a seguir, ele não queria me contar. Isso me deixou nervosa.

– Quando eu tinha 16 anos, engravidei minha namorada de escola – começou ele, e agarrei com força os braços de Rush. – Becca Lynn não estava pronta para ser mãe, e eu com certeza não estava pronto para ser pai. Nós concordamos em dar o bebê para adoção. Os pais de Becca Lynn trataram de encontrar pais adequados para a criança, e assim foi. Não ficamos juntos. Terminamos por conta do impacto da gravidez e do que havia acontecido. Depois da formatura, ela foi para a faculdade na costa oeste e eu fui para a Georgia. Nunca mais a vi – disse meu pai.

Ele deu um suspiro e me analisou por um instante antes de prosseguir. Os braços de Rush haviam me apertado um pouco mais, e eu estava me segurando nele. Ainda não tinha certeza de como a história terminava, mas fazia ideia.

– Depois que você e Valerie nasceram, eu percebi quanto eram preciosas. Eu amava tanto vocês duas que desabei uma noite e contei à sua mãe sobre o bebê que tivera com Becca Lynn e fora dado para adoção oito anos antes. Pela primeira vez, fiquei triste com a perda daquele filho, que eu achava que não quisesse. Sua mãe tomou para si a tarefa de encontrá-lo. Ela procurou durante anos. Todas as pistas sempre levavam a nada. Eu acabei desistindo. Ela nunca desistiu. – Papai deu uma risada triste. – Então, no ano passado, o investigador que a sua mãe havia contratado entrou em contato comigo, porque tinha descoberto uma pista. Eu não esperava por isso. Não sabia o que fazer com aquela informação. O garoto já era adulto. Eu tinha certeza de que não fazia mais sentido. Então recebi outra ligação. Meu filho queria me conhecer.

Girei o tronco para olhar Capitão. Ele estava encostado em seu barco olhando para a água, mas ouvindo. Estava com o corpo tenso, esperando. Ele era... Eu tinha um irmão?

– Então tudo aquilo aconteceu, e eu admiti meus erros. Precisava recomeçar. Tentar agir direito no que me restava de vida, porque tudo o que eu havia feito até então era ferrar com tudo. As únicas coisas boas na minha vida tinham sido amar sua mãe e ter sido abençoado com você e Valerie. Então, liguei para meu filho e vim conhecê-lo. – Ele fez uma pausa e acenou com a cabeça na direção de Capitão. – River Joshua Kipling, também conhecido como Capitão, é seu

irmão.

– Caralho – sussurrou Rush, e fiquei com vontade de dizer a mesma coisa. Será que os segredos do meu pai nunca acabavam?

– Capitão foi o último presente de sua mãe para mim. Se ela não tivesse sido tão determinada em encontrá-lo, eu nunca o teria conhecido.

Meu pai não estava tão sozinho quanto eu imaginava. Mas essa história não me deixava chateada nem magoada. Eu estava... feliz. Estava aliviada. Ele tinha muito o que consertar na vida. Eu sabia que, ao tentar criar laços com o filho, ele estava tentando reparar o erro de não tê-lo assumido. Meu bebê chutou contra as mãos do pai. Não conseguiria me imaginar dando-o para adoção. Nunca chegando a conhecê-lo ou abraçá-lo. Devia ser como perder parte de si mesmo. Meu pai não tinha sido um homem completo desde os 16 anos. Desde que abrira mão de parte de si. Meu coração se partiu de pena dele. Afastei-me dos braços de Rush e fui até meu pai.

Passei os dois braços pelo tronco dele e o abracei. Ainda não sabia como traduzir em palavras quanto estava feliz por ele. E "feliz" talvez nem fosse o termo certo. Eu estava mais do que feliz. Eu estava grata. Estava na hora de ele se curar. Isso fazia parte do processo.

– Isso incomoda você, ursinha Blaire? – perguntou ele, prendendo-me num abraço.

– Estou feliz que você o tenha encontrado – respondi sinceramente. Por ora, era tudo o que conseguia dizer.

– Obrigado. – Sua voz estava tomada de emoção.

– E eu estou muito feliz por não precisar dar uma surra em você por ficar olhando para a minha mulher – ouvi Rush dizer e sorri encostada no peito do meu pai.

RUSH

Ficamos por mais cinco dias para que Blaire pudesse conhecer um pouco o irmão. Foi muito mais fácil tolerar Capitão depois que eu soube que ele não estava olhando para Blaire com intenções sexuais. Ele só estava curioso em relação à irmã. Compreendi isso. Mas também fiquei feliz ao fazer as malas e voltar para casa. Faltavam apenas três semanas para o Natal, e eu queria passá-lo em Rosemary com Blaire. Na nossa casa. E também queria dar meu sobrenome a ela e bater no peito de orgulho feito um maluco.

Blaire fora direto para a cama quando chegamos a Rosemary. Sorriu alegremente quando entramos em casa e então olhou para mim e disse que, a menos que eu quisesse ficar só abraçadinho, era para deixá-la sozinha no quarto para tirar uma soneca. Como eu tinha quase certeza de que não conseguiria ficar apenas abraçado, permaneci no andar de baixo aproveitando o fato de estar em casa.

Peguei um refrigerante na geladeira e fui sentar no deque e inspirar o ar do golfo. Sentira falta dali. Ainda não estava devidamente instalado quando ouvi a porta atrás de mim se abrir.

Grant surgiu fazendo um aceno de cabeça e sentou ao meu lado. Não conversávamos desde antes do jantar de Ação de Graças, quando eu ligara para falar com ele sobre Nan. Eu havia andado ocupado desde então, e tinha certeza de que ele estava me evitando. Pelo visto, a rede de notícias de Rosemary estava funcionando, porque fazia menos de trinta minutos que havíamos chegado, e ele já estava ali. Eu sequer imaginava que Grant estivesse na cidade. Normalmente, ele passava os invernos esquiando. Pelo que eu sabia, ele iria para Vail.

– Como ela está? – Foram as primeiras palavras que ele disse.

Ele não estava perguntando de Blaire. Percebi pelo tom triste que era de Nan que ele estava falando.

– Muito ferrada. Você sabe disso.

Grant soltou um suspiro e cruzou os tornozelos.

– É, eu sei. Mas liguei para ela ontem à noite porque estava bêbado, fraco e numa crise de burrice. Sua mãe atendeu. Disse que Nan está em tratamento.

– Ela tentou se matar com remédios. Eu a encontrei e a levei para o hospital a tempo. Ela ficou bem na parte física, mas não na emocional. Kiro é um merda de pai. Harlow sabe disso, mas Nan nunca vai aceitar a situação como Harlow aceitou.

– Quem é Harlow? – perguntou Grant, e me dei conta de que havia partes da minha história de que nem ele conhecia. Eu havia mantido minha vida em Rosemary separada da minha vida com meu pai.

– A outra filha de Kiro. Dela ele cuidou. Bom, ou pelo menos deixou com a avó que a amava, longe daquele mundo dele. Harlow era o brinquedinho bonito que ele pegava de vez em quando e depois devolvia para a avó quando cansava de ser pai. Funcionou porque Harlow é tranquila, educada e fica na dela, fora do caminho. Nan não é nada disso. Então, ela não serve.

Grant soltou um suspiro.

– Caramba.

"Caramba" era pouco.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, olhando para o mar. Eu não sabia quanto ele havia se envolvido com Nan, mas esperava que conseguisse se afastar. Ela não era estável. Jamais seria. Não faria Grant feliz.

– Vocês vão se casar logo? – perguntou Grant, afinal.

Sorrindo, pensei em Blaire no quarto, enroscada na minha cama... na nossa cama.

– Vamos. Quando ela acordar, vou dizer que ela tem uma semana para planejar o casamento. Não posso esperar mais. Já esperei demais.

Grant deu uma risada.

– Eu sou o padrinho, certo?

– É claro. Infelizmente, acho que você vai acabar entrando com a Bethy, então prepare-se para Jace ficar na sua cola. Não tenho dúvida de que Blaire vá escolher Bethy. A alternativa seria Jimmy, mas duvido que você o queira apertando sua bunda.

– Eu me viro com Bethy e Jace – respondeu Grant, num tom divertido. – Mas Jimmy vai mesmo entrar junto com as amigas da noiva?

Sorri e assenti com a cabeça.

– Vai. Ela o convidou quando começamos a planejar o casamento.

Eu havia deixado passagens de avião com Abe e Capitão antes de partir. Blaire queria o pai aqui e, depois de vê-la aproximando-se de Capitão, percebi que iria querer o irmão também. Os dois concordaram em vir em uma semana. Mas Blaire ainda não sabia disso. Eu não estava com ânimo de discutir, caso ela tivesse um motivo para adiar a cerimônia.

– Nan vem ao casamento? – perguntou Grant.

Eu nunca havia imaginado que iria me casar sem a presença de minha mãe e minha irmã. No entanto, não queria que nada estragasse as lembranças do nosso casamento para Blaire, e sabia que elas dariam um jeito de fazer justamente isso. Eu não poderia permitir.

– Não. Ela não pode vir. Ainda odeia Blaire – respondi.

Grant fez que sim com a cabeça e seus ombros relaxaram. Ele não queria vê-la. Isso era óbvio. Eu não podia culpá-lo.

– Sabia que o idiota do Woods vai se casar com aquela garota de Nova York porque os pais querem? Ele ainda não está noivo, mas vai ficar em breve. Ele admitiu para mim outro dia, tomando tequila, que precisava se casar com ela se quisesse ficar com o clube. O pai está pegando pesado. Woods vai ser muito infeliz com aquela mulher toda rígida.

Fiquei chateado pelo Woods. Sabia como era estar ansioso para se casar e passar o resto da vida com a mulher amada. Todo mundo deveria experimentar essa sensação. Não era certo começar um casamento com arrependimento e amargura.

– É escolha dele, eu imagino. Ele poderia dizer não.

– E fugir, como Tripp? Não é um plano muito bom também – respondeu Grant.

Tripp era alguns anos mais velho do que nosso grupo. Era primo de Jace, e todos nós gostávamos dele. Os pais o pressionaram para que organizasse a própria vida de acordo com os planos deles, e ele se mandou. Deixou milhões de dólares para trás e fugiu. Foi imortalizado por

nosso olhar de adolescentes porque teve coragem de tocar o foda-se e ir embora. Agora que estávamos mais velhos, compreendíamos melhor o sacrifício que ele havia feito. Eu só esperava que ele fosse feliz.

– É melhor do que se casar com uma vaca mimada – falei.

– É verdade. – Grant fez uma pausa e tomou um gole do meu refrigerante. O cretino sabia que eu não ia mais beber depois disso. – Como está o seu pai?

– Do mesmo jeito. Bebendo e fumando demais. Transando com mulheres da minha idade que ele nem conhece. Você sabe como é.

Grant sorriu.

– Sei. Mas que vidão, hein!

Aquilo não era vida, mas, como sabia que Grant não iria concordar comigo, fiquei quieto. Ele nunca tivera alguém como Blaire, então não fazia ideia de quanto a vida do meu pai era vazia. Ele devia ser muito solitário.

– Todo mundo sabe que vocês estão de volta à cidade. Estão a fim de companhia esta noite?

Não. Eu queria Blaire só para mim. Passamos cinco dias dividindo um barco com o pai dela. Tempo de mais.

– Hoje, não. Blaire precisa descansar.

– Ou você quer ficar só com ela? Seja sincero, cara.

– É, eu quero ficar só com ela – respondi com um sorriso.

BLAIRE

Rush havia marcado a data do nosso casamento. Ele me deu uma semana. Nem tentei discutir. A determinação em seu olhar deixou claro que não adiantaria. Eu estava mais do que pronta para me casar com ele, mas tinha a sensação de que ele tinha medo de que eu pudesse desistir. Principalmente depois do que havia acontecido com Nan na casa do pai dele.

Nós iríamos nos casar doze dias antes do Natal. O plano era passarmos as festas de fim de ano em casa e partir no dia primeiro para uma longa lua de mel. Ele havia ficado dividido entre me levar para conhecer o mundo e não querer que eu viajasse muito. Estava preocupado com que me cansasse demais. O que também dificultava os preparativos do casamento. Acabei convencendo-o de que o que eu queria mesmo era ficar na cobertura dele em Manhattan. Como nunca fora a Nova York, seria uma aventura para mim. Também teríamos o conforto da casa dele, e meu obstetra iria me indicar um colega que pudesse me atender enquanto estivéssemos lá.

Por sorte, Rush tinha dinheiro suficiente para que o casamento fosse organizado às pressas e, ainda assim, ficasse lindo. Eu queria uma cerimônia simples, na nossa casa. Surpreendentemente, as coisas simples também demandavam muita preparação. Eu não teria conseguido fazer nada sem Bethy. Jimmy também ajudou muito, mas os dois quase se mataram mais de uma vez. Estavam disputando o controle.

Rush havia contratado Henrietta para ficar conosco durante toda a semana antes do casamento. Vê-la entrando na despensa todas as noites para ir a seu quarto sob a escada sempre me fazia sorrir. Eu tinha boas lembranças daquele quarto.

Quando a campainha tocou depois do café da manhã, corri para abrir a porta. Imaginei que fossem meu pai e Capitão. De noite seria o ensaio do casamento, e eu precisava do meu pai para ensaiar minha entrada. Ao abrir a porta, fui surpreendida por Dean e Harlow. Não os esperava até o dia seguinte.

– Surpresa! Chegamos um dia antes. Eu não queria perder nenhuma das festividades – falou Dean, dando um sorriso e entrando na casa com sua mala, enquanto Harlow vinha atrás, em silêncio, com a dela. – Onde está o meu garoto? – perguntou Dean, olhando ao redor.

– Rush foi buscar os smokings com Grant – expliquei. – Eles estarão de volta logo. Vamos subir. Vou levá-la ao seu quarto, Harlow. Dean, imagino que saiba onde fica o seu.

– Sim, já vou subir para o meu. Preciso beber alguma coisa e tomar um pouco de sol.

Sorri para Harlow.

– Escolhi meu quarto preferido para você. É o que tem a melhor vista. Costumava ser o meu quarto – disse a ela.

– Obrigada. Mas não preciso ficar em um dos melhores quartos. Eu ficaria tranquilamente no menor. Sei que sua família vem também – disse ela, parando no último degrau da escada.

– Meu pai e meu... hã... meu irmão moram em velhos barcos de pesca. Eles vão preferir o menor quarto que temos aqui, pode acreditar. Espero que goste. É o mais afastado também. Assim, você terá mais privacidade.

Harlow deu um sorriso tímido e assentiu. Eu a levei até o cômodo que ocupei por um breve período antes de me mudar para o andar de cima.

– O voo foi bom? – perguntei, quando o que eu queria realmente saber era como estavam as coisas na casa dela.

– Foi bom. Vi *Orgulho e preconceito* de novo. Ajudou a viagem a passar mais rápido.

– Eu adoro esse filme – admiti. – E então, como estão as coisas... sem a Nan? – Rush não havia falado em Nan uma vez sequer desde que voltamos para casa. Eu sabia que ela não fora convidada para o casamento, e isso me fazia sentir muito culpada. Mas o medo de que ela armasse uma cena e acabasse com nosso dia era real.

– Tudo tranquilo de novo. Meu pai faz as coisas dele. Eu faço as minhas. O Dean, as dele. Eles vão sair em turnê daqui a uns dois meses, e daí as coisas ficarão tranquilas de verdade.

Me senti mal por ela. Harlow não tinha ninguém, na verdade. Devia ser solitário morar naquela casa com um pai como Kiro. E, sem ele, ela ficava lá sozinha. Isso não era vida. O dinheiro não compra tudo. Harlow era prova disso.

– Por que você não pede para o Kiro comprar uma casa para você aqui? É lindo e tem gente da nossa idade em todo lugar. Caras bonitinhos... – Dei um sorriso provocador. Por mais que Harlow fosse linda, eu não conseguia imaginá-la com um cara. Ela era tímida demais. Como chegaria a conhecer alguém e se abrir com ele?

– Não posso pedir isso ao papai. Estou na UCLA com bolsa integral. Ele teria de pagar se eu fosse para outra universidade. E eu saio, vou às aulas – desconversou. Mas eu sabia do tempo que passei lá que, embora fosse às aulas, ela não tinha amigos.

– Acho que ele pode bancar isso – garanti.

Ela deu de ombros, mas não respondeu. Eu não iria importuná-la com isso naquele momento. Talvez mais tarde.

– Preciso me arrumar. Tenho horário marcado para fazer as unhas em uma hora. Quer ir comigo?

Ela balançou a cabeça.

– Não, obrigada. Acho que vou tirar um cochilo. Saímos muito cedo, e não dormi nada no avião.

Assenti com a cabeça. Tinha entendido que ela preferia ficar sozinha.

Era final de tarde quando meu pai e Capitão chegaram. Eu estava acabando de me arrumar para o ensaio e a festa que se seguiria. Faríamos uma festa pré-casamento no salão do clube. Eu não queria uma despedida de solteira, nem Rush queria que eu fizesse uma. Ficara preocupado com aonde Bethy poderia me levar. E, quando Grant falara em fazer uma despedida para ele, Rush descartara a ideia. Então, em vez de uma despedida para cada um de nós, teríamos uma festa juntos. Decidimos comemorar com todos os nossos amigos. Woods havia oferecido o salão e a equipe de cozinha e de garçons do clube.

O ensaio começaria em trinta minutos, e as pessoas chegariam logo. Rush desceu a escada usando calça bege e camisa de linho branca, e meu coração bateu mais forte. Ele estava lindo.

Estava com os cabelos estilosamente desalinhados. A camisa branca deixava seus olhos prateados mais brilhantes e a pele mais bronzeada.

– Você está incrível – sussurrei quando ele parou no primeiro degrau da escada.

– Ei, sou eu que digo isso a você – brincou ele, puxando-me e dando-me um beijo nos lábios. – Você está de tirar o fôlego – emendou ele.

– Hum, você também – murmurei em seus lábios.

GRANT

(Sim, você leu certo.)

Meu irmão ia mesmo se casar. Eu sabia que isso ia acontecer no instante que o vi cair de quatro pela Blaire, mas, caramba, vê-los ensaiando o casamento tornou a coisa toda real. Real demais. Senti como se o estivesse perdendo um pouco. Não que não estivesse feliz por ele, porque estava. Era só que ele era meu parceiro de crime desde que eu podia me lembrar. Agora, seria parceiro de Blaire.

Peguei uma taça de champanhe de uma bandeja quando um garçom passou por mim. Era melhor tomar aquela porcaria borbulhante até conseguir alguma bebida de verdade no bar dali a uns minutos. Olhando para os convidados, pensei em Nan e em como eu deixara as coisas irem longe demais. Precisava de algo para me ajudar a esquecê-la. Não que eu ainda quisesse algo com ela. Era impossível querer. Escrota, maluca.

O par de olhos mais sexy que eu já encontrara na vida se fixou nos meus, e eu congelei e a avaliei. Nunca a vira antes. Nunca. Eu jamais me esqueceria daqueles olhos. Não foi a tonalidade deles que me atraiu, porque de onde eu estava não conseguia ver de que cor eram. Foi o desenho deles e os cílios pesados que os emolduravam. As mulheres pagavam caro por cílios postiços que jamais chegariam aos pés daqueles. Esquadrinhei seu rosto até parar naquela boca enorme. MERDA. Meu pau ganhou vida. Eram lábios grandes e carnudos pra caramba. Uma garota com uma boca daquelas era a fantasia sexual de qualquer homem.

Quase tive medo de deixar meus olhos seguirem em frente. Se a cena continuasse melhorando, eu acabaria gozando nas minhas calças. Mas não tive tempo de pensar nisso, porque ela se virou e, como um sopro de ar, foi embora. Longos cabelos castanhos ondulavam ao seu movimento, logo acima da cintura. Minha mãe do céu, seus cabelos caíam até uma bundinha perfeita. Saí atrás dela. Não sabia quem diabos ela era, mas não a deixaria escapar. Eu precisava experimentar aquela boca e ver seus olhos acendendo de prazer enquanto eu puxava aqueles cabelos para trás e a comia.

E eu querendo encontrar uma distração. Ela era a única distração que qualquer homem precisava. Caramba, ela poderia me fazer esquecer o próprio nome. Ela saiu do salão e foi para o saguão do clube. Caminhava rapidamente, mas de forma tão discreta que ninguém parecia notá-la. Como as pessoas não a notavam? Será que eu estava alucinando?

Que homem com um pau não ficava fissurado em cada movimento dela depois de vê-la uma vez?

Cheguei ao saguão segundos depois dela e olhei ao redor. Primeiro, achei que a havia perdido de vista, mas então vislumbrei à direta o movimento de longos cabelos castanhos num canto. Ela não me viu, mas eu estava certo de que vira seus cabelos. Caminhei o mais silenciosamente que consegui em sua direção.

– Fique calma. Era só um cara. Um cara muito, muito gato, mas só um cara – ouvi a voz dela

dizendo baixinho enquanto me aproximava.

Que porra era aquela?

– Respire fundo. Você é uma mulher adulta. Consegue lidar com um cara olhando para você – disse ela no mesmo sussurro.

Parei antes de chegar perto o bastante para que ela me visse. Ela estava falando sozinha. Eu a deixara nervosa. Como? Uma mulher linda daquelas devia estar acostumada com caras devorando-a com os olhos. Ela começou a repetir que eu era só um cara, e eu não consegui tirar o sorriso dos lábios. Aquilo era simplesmente encantador.

– Ele poderia ser um alienígena. Aí você precisaria se preocupar. Talvez seja melhor irmos conferir para ter certeza – falei casualmente.

Seu corpo todo ficou tenso, e ela não mexeu um músculo. Nem se virou e olhou para mim. Continuou com as costas apertadas contra a parede atrás da qual havia se escondido. A única coisa que se mexeu foi sua mão, que ela parecia ter usado para cobrir a boca. Ela ficava mais encantadora a cada instante.

– Mas provavelmente está tudo bem. Rush e Blaire não gostam muito de alienígenas. Têm preconceito – continuei, esperando que minha conversa ridícula a fizesse sorrir e relaxar. Pelo menos o bastante para eu conseguir prová-la.

Ela continuou imóvel. Sua mão ainda cobria a boca, e ela estava paralisada no mesmo lugar. Dei a volta e entrei no pequeno cubículo que ela havia encontrado entre dois pilares na parede. Mesmo com as minhas costas contra a outra parede, nossos corpos quase se tocavam. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando entrei no esconderijo dela.

– Acho que não dá para falar direito com a mão sobre a boca assim. Como exatamente você está pensando em conversar comigo? – perguntei, sorrindo de maneira encorajadora. Não queria que ela pensasse que eu era perigoso.

Ela tirou a mão da boca bem devagar e deixou-a cair ao longo do corpo, mas continuou colada na outra parede, como se quisesse ficar o mais longe de possível mim.

– Assim está melhor. Gosto de olhar para sua boca. Você estava atrapalhando a vista – disse, piscando em seguida.

Ela se comprimiu ainda mais contra a parede. Aquela devia ser a experiência mais estranha que eu tivera com uma garota na vida. A maioria se atirava em mim e era muito fácil. Eu gostava disso. Dava menos trabalho. Mas, caramba, estava gostando daquela ali com seu comportamento arredio. Era revigorante e diferente.

– Sou Grant. Irmão do noivo – expliquei, esperando que isso fosse acalmá-la um pouco. Funcionou. Ela franziu a testa, exibindo uma ruguinha entre as sobrancelhas que fez seu rosto perfeito ficar mais humano. Mais acessível. Gostei daquilo. Muito. Talvez eu pudesse fazê-la franzir a testa com mais frequência.

– Rush não tem irmão – respondeu ela sem rodeios.

Então ela conhecia Rush. Interessante. Eu nunca a vira, ou com certeza me lembraria. Imaginei que estivesse com algum convidado ou fosse amiga de Blaire. Havia poucas pessoas ali que eu não conhecia.

– Bom, só que você está errada nisso, linda. Rush e eu nos tornamos irmãos quando éramos

crianças e nossos pais se casaram. Só porque não deu certo para eles, não quer dizer que não tenha dado certo para a gente.

Ela piscou, compreendendo a situação. Ela sabia quem eu era. Estava na hora de jogar limpo. Eu queria saber quem ela era.

– Quer me dizer quem você é? Já que evidentemente descobriu quem eu sou.

Ela desviou o olhar do meu e ficou encarando o chão.

– Acho que preciso entrar – sussurrou. Sua voz ficou ainda mais suave no sussurro. Fiquei me perguntando se ela era tão quieta e educada quando gozava. Naquele momento, era só nisso que eu conseguia pensar. Era tudo o que eu queria saber.

– Você não pode me deixar agora. Se voltar lá para dentro, vou persegui-la a noite toda – avisei, torcendo para que minhas palavras não me fizessem parecer um psicopata.

Ela ficou boquiaberta, e isso me deixou doido. Eu não costumava me sentir atraído por mulheres rígidas, mas aquela atitude formal e certinha vinda de uma fantasia sexual ambulante estava funcionando comigo.

– Por quê? – perguntou ela, e o tom musical de sua voz me lembrou o tilintar de um carrilhão, que, com sua beleza simples, muitas vezes não era notado nas músicas.

– Quer saber a verdade? – perguntei, inclinando-me para mais perto dela e invadindo o espaço pessoal que ela estava fazendo tanto esforço para preservar.

– Por favor – respondeu ela, tão baixinho que quase não escutei.

– Porque tudo em que estou conseguindo pensar é sobre como esses seus olhos ficariam cheios de desejo e como a sua boca linda para cacete ficaria com você gritando de prazer. E estes cabelos – respondi, tocando-os gentilmente. – Caralho, gata, estes seus cabelos são uma indecência.

Eu havia chegado perto demais, e a respiração dela estava rápida e superficial. E, puta que pariu, ela tinha um cheiro incrível. De morango com creme.

– Ah – respondeu ela, encarando-me com olhos que eu agora podia ver que eram castanho-claros. De um tom tão exótico quanto ela própria. Também não havia uma gota de rímel em seus cílios. Eles eram naturais. Completamente naturais.

– Quem é você? – perguntei, espantado com a perfeição diante de mim.

Ela piscou várias vezes, como se não tivesse entendido a pergunta. Com ou sem nome, eu estava prestes a pegá-la no colo e arrastá-la para minha caminhonete.

– Harlow – respondeu ela.

Lentamente, a verdade se derramou sobre mim como um balde de água gelada. PUTA QUE PARIU! *Era a irmã de Nan*.

RUSH

Estava observando Blaire dançar com o pai quando vi Grant entrar pisando fundo no salão como se fugisse de um demônio. Qual seria o problema dele? Olhei para Blaire, e ela estava sorrindo feliz para o pai. Então deixei nossa mesa para descobrir o que estava havendo com Grant. Ele era um cara tranquilo. Aquele comportamento não era normal.

Eu o encontrei pegando a dose de uísque puro que o barman serviu. Ele a virou de uma só vez, devolveu o copo e pediu mais. Alguma coisa definitivamente o estava perturbando.

– Por que você não me contou, caralho? – resmungou Grant sem olhar pra mim.

– Do que você está falando? – perguntei, vendo-o virar outra bebida e pedir mais.

Ele voltou o olhar furioso para mim.

– Harlow. Eu conheci a porra da Harlow. Você poderia ter mencionado que a irmã de Nan é uma deusa. Teria me preparado para não comê-la mentalmente de todas as formas imagináveis e não convencer meu pau de que ia pegá-la, porque depois ia descobrir que era impossível. – Ele tomou mais um gole e bateu com o copo no balcão. – Agora estou melhor – suspirou.

– Então você conheceu Harlow? – perguntei, ainda sem entender o que ele estava dizendo. Por que estava tão puto? Eu dissera a ele sobre Harlow.

– É, eu *conheci* Harlow. Puta merda, Rush, você precisa avisar as pessoas.

Eu ainda estava completamente desnorteado. Ele não estava falando coisa com coisa.

– Vou ser sincero. Não sei por que diabos você está tão perturbado.

Grant desabafou com uma risada.

– Porra, você realmente está amarrado pelas bolas – murmurou. – Já que não consegue mais tirar seus óculos cor de Blaire e ver outras mulheres, deixe eu dar uma pista. Harlow é a perfeição em pessoa. Caramba, Rush, o que é aquela boca? – Ele estremeceu e balançou a cabeça. – Meu Deus, o que ela seria capaz de fazer com aquela boca. E os olhos dela. Juro que nunca vi nada parecido.

Então ele ia ficar falando sem parar sobre o corpo de Harlow?

– Tudo bem. E isso deixou você puto por quê? – perguntei, pensando que talvez eu precisasse beber alguma coisa para ter aquela conversa.

– Porque eu não posso tocá-la. E, puta merda, eu quero muito tocá-la. De muitas, muitas maneiras. Nunca fiquei tão excitado tão rápido na minha vida. E aí descubro que nunca poderei tocá-la. Que merda! – grunhiu de novo.

Ah. Então Harlow era o brinquedo com que Grant não poderia brincar. Ótimo. Que bom que ela voltaria para casa em dois dias. Eu não precisava desse tipo de drama. Harlow não era para Grant. Era inocente demais para o meu irmão.

– É, bem, isso é bom, porque a Harlow não vai acompanhar o seu ritmo. Você a magoaria.

Grant fez uma careta para mim.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que ela é muito quieta e tímida. Ela não namora. Não faz nada além de estudar.

Não foi contaminada pelo mundo de Kiro. Ela é educada e não gosta de chamar atenção. Mesmo com Nan berrando com ela e xingando-a de coisas injustas, ela engole tudo em silêncio e se afasta. Simplesmente não faz o seu tipo. Você pode ter adorado sua boca, mas, cara, ela não saberia usá-la do jeito que você quer. E nem iria querer. Ela simplesmente não é assim.

Blaire terminou a dança com o pai e seus olhos foram na mesma hora para minha cadeira vazia. Ela estava procurando por mim. Eu precisava ir. Dei um tapinha nas costas de Grant.

– Esta noite, procure alguém que não seja mais virginal do que uma freira – disse e voltei para Blaire.

Ela me viu e sorriu enquanto eu caminhava na sua direção. A música mudou, e *I Will Wait For You*, de Bruno Mars, começou a tocar. Puxei-a para mim e sorri. Eu adorava aquela música. Compreendia cada verso da letra, porque era exatamente como eu me sentia. Eu nunca a havia cantado para Blaire antes e fiquei tentado a cantá-la em seu ouvido, mas queria esperar. Ainda não. Eu cantaria para ela... mas não agora.

– Gostou de dançar com seu pai? – perguntei, apenas para poder ouvir sua voz.

– Gostei. Conversamos sobre mamãe. Ela teria adorado estar aqui. Ela adoraria você. Sempre me dizia que Cain não era o cara certo para mim. Ele era fraco demais. Que algum dia alguém brigaria por mim e iria me querer mais do que qualquer outra coisa. Você a teria deixado muito feliz.

Senti um aperto no peito. Nunca uma garota havia me dito que a mãe iria gostar de mim. Saber que Blaire achava que sua mãe me aprovaria significava mais do que ela podia imaginar. Eu me lembrava da mãe dela. Não com clareza, mas me lembrava. Eu me lembrava do sorriso e da risada dela. Ela costumava me deixar feliz quando eu era pequeno. O cheiro de suas panquecas fazia com que eu me sentisse seguro. Saber que meu filho ia ter uma mãe como aquela encheu meu solhos de lágrimas. Ele teria o que eu não tive. Algo que eu apenas provara.

– O que foi que eu disse? – perguntou Blaire, fazendo uma pausa ao perceber as lágrimas que eu não consegui controlar. Caramba.

– Eu só estava pensando que meu filho vai ter a mãe que eu nunca tive. Sua mãe foi tão especial que sua lembrança ficou comigo – admiti.

Os olhos de Blaire se encheram de lágrimas, e ela segurou meu rosto e me beijou. Seus lábios macios se abriram e sua língua entrou faminta na minha boca. Ali mesmo, na frente de todo mundo. Não era típico dela, mas eu aceitei. Comecei a beijá-la com a mesma intensidade, então ela se afastou o suficiente para que pudesse olhar para mim. Ainda segurava meu rosto entre as mãos.

– Eu amo você, Rush Finlay. Você vai ser o melhor marido e o melhor pai do mundo. Um dia, a esposa do nosso filho vai agradecer por o marido ter você como modelo. Ela terá sorte por sua causa. Porque você terá criado nosso filho para ser o homem que você é. Ele vai amá-la completamente, porque vai saber como. – Ela engasgou num soluço e apertou os lábios nos meus de novo, e eu a aninhei em meus braços e me deliciei em tê-la tão determinada em me assegurar que eu era um bom homem. Nada na vida era tão precioso como aquela mulher. Jamais seria. Eu havia encontrado a felicidade.

BLAIRE

Bethy me deu um beijo no rosto e tirou algo que estava escondido atrás das costas. Estendeu para mim um pequeno pacote prateado com a conhecida letra de Rush no bilhete.

– Rush queria que você tivesse algo antigo, para dar sorte – explicou.

Eu não havia pensado em nada daquilo. Havia me esquecido das tradições. Sorrindo, peguei o pacote e o abri. Dentro havia um anel de prata com uma pérola que parecia muito caro. Era elegante, com uma gravação. Levantei-a para ler o que dizia. Era "Meu amor". A gravação também era velha. Não era algo que Rush tivesse mandado fazer.

Um bilhetinho estava enfiado ao lado do anel. Peguei-o e abri.

Blaire,

Este anel era da minha avó, mãe do meu pai. Ela veio me visitar antes de falecer. Tenho boas lembranças de suas visitas e, quando ela morreu, deixou este anel para mim. Em seu testamento, disse que eu deveria dá-lo à mulher que me completasse. Ela contou que o anel foi dado a ela pelo meu avô, que morreu quando meu pai era apenas um bebê, mas que ela nunca amaria outro homem da forma como o amou. Ele estava em seu coração. Você é minha. Isto é a sua coisa antiga.

Amo você.

Rush

Eu estava chorando – e Bethy também. Olhei para ela, ao meu lado, lendo o bilhete.

– Caramba, quem diria que Rush Finlay podia ser tão romântico – comentou ela, fungando.

Eu sabia. Ele me demonstrara isso mais de uma vez. Pus o anel no dedo, na mão direita, e serviu perfeitamente. Imaginei que não se tratasse de coincidência. Sorri e olhei para Bethy.

– Obrigada por tudo – falei.

Ela me abraçou e fez que sim com a cabeça.

– Eu é que deveria agradecer. Você é a melhor amiga que já tive. – Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela saiu do quarto dando um último aceno.

Virei para me examinar no espelho. O vestido de cetim pérola sem alças se mantinha no lugar graças a meus peitos de grávida. A linha alta da cintura, marcada logo abaixo dos seios, era coberta por centenas de pérolas minúsculas. Sobre o cetim havia uma camada de chiffon que caía solto em forma de trapézio, até alguns centímetros acima dos joelhos. Eu havia decidido ficar descalça, já que iria caminhar pela areia. Pintara as unhas dos pés de um rosa clarinho para combinar com as pétalas de rosa espalhadas pelo chão.

Uma batida à porta me assustou, e eu me virei e vi Harlow entrar no quarto. Ela segurava uma caixinha pequena.

– Você parece uma princesa – disse, sorrindo.

– Obrigada – respondi. Estava me sentindo assim mesmo.

– Tenho uma coisa do Rush. Ele queria que você tivesse algo novo, para dar sorte – disse ela, entregando o presente. – Eu sairia, mas acho que vai precisar da minha ajuda.

Peguei a caixinha e a abri rapidamente, empolgada para ver o que ele havia mandado para mim desta vez. Dentro da caixa havia uma delicada corrente de ouro com vários diamantes cortados exatamente no formato do meu anel, só que muito menores. Levantei a tornozeleira, e o sol que entrava pelas janelas dançou no quarto, refletido pelos diamantes.

– Eu coloco em você – ofereceu Harlow, e lhe entreguei a corrente, que ela prendeu em meu tornozelo.

Eu comentara com Rush que seria bom ter algo nos pés, mas que não conseguia me imaginar caminhando de sapatos na areia. Aquela era a resposta dele. Sorri e agradeci a Harlow.

– De nada. Ficou linda em você – disse ela antes de sair do quarto tão silenciosamente quanto entrara.

Enquanto admirava meu tornozelo no espelho, ouvi mais uma batida à porta. Um rosto familiar que eu não esperava de forma alguma sorriu para mim, e eu me apressei para abraçar Vovó Q. Eu não a havia convidado porque ficara preocupada com que Rush não gostasse da presença de Cain. Eu sabia que seria ele quem traria a avó, e não poderia convidá-lo também. Senti meus olhos se encherem de lágrimas quando ela me abraçou.

– Não acredito que a senhora esteja aqui. Não acredito que tenha dirigido até aqui – disparei.

Ela deu um tapinha nas minhas costas e riu.

– Bem, eu não vim dirigindo. Seu noivo mandou passagens de avião para mim e para Cain. Primeira classe. Nunca fui tão mimada na vida. Uma experiência e tanto, vou lhe dizer.

Se eu já não amasse Rush Finlay com cada célula do meu corpo, eu o amaria ainda mais por isso. Mas ele já me tinha por inteiro.

– Agora não comece a chorar, para não estragar essa maquiagem. Você está parecendo sua mãe. Está igualzinha a ela. Não acho que seu pai poderia estar mais feliz do que está agora. Eu não vim aqui para fazê-la chorar. Estou aqui para lhe dar uma coisa do Rush. Ele queria que você usasse algo emprestado, para dar sorte.

Não consegui evitar o sorriso bobo no rosto. Ele estava me mandando mais um presente. Ela me entregou um embrulho igual ao que Harlow levara. Peguei-o e o abri rapidamente.

Aninhado numa caixinha de cetim, havia um bilhetinho. Peguei-o e, embaixo dele, havia um retalho de cetim cor-de-rosa antigo. Estava muito gasto, e evidentemente havia sido cortado de alguma outra coisa. Abri o bilhete.

Blaire,

Esperei até hoje para lhe mostrar isso. Não foi fácil não dizer nada a respeito. Mas quando me lembrei de quem sua mãe era, também me lembrei deste pedaço de cetim. Eu havia me esquecido de onde ele viera fazia muito tempo, mas sabia que era especial, por isso o guardava comigo. O tempo todo. Quando era menino e me sentia assustado ou sozinho, eu o segurava nas mãos e esfregava em meu rosto. Era um segredo que eu não queria que ninguém descobrisse. Mas ele me tranquilizava. Quando seu pai me lembrou das panquecas de Mickey Mouse, todas as minhas

recordações de sua mãe voltaram. Então me lembrei do dia em que ganhei este pedaço de cetim.

Sua mãe sempre usava um pijama de cetim cor-de-rosa para dormir. Ela costumava me ninar, porque era difícil eu me acalmar tempo suficiente para fechar os olhos. Eu adorava quando ela me abraçava. Minha própria mãe nunca fazia isso. Eu ia dormir à noite esfregando o nariz no braço dela e no pijama de cetim cor-de-rosa. Lembro que fiquei assustado no dia que ela foi embora. Eu não queria ficar com Georgianna. Sua mãe me abraçou com força e então enfiou nas minhas mãos este pedaço de cetim cortado do pijama dela, dizendo para usá-lo à noite quando eu fosse para a cama.

Eu adoraria dizer que essa lembrança voltou a mim sozinha, mas não foi o que aconteceu. Eu só sabia que o tecido tinha a ver com a mulher que fazia as panquecas para mim. Então perguntei a seu pai. Ele me contou a história, e me dei conta de que o sonho recorrente que eu tinha quando criança sobre a mulher de pijama de cetim cor-de-rosa era real. Não era um sonho.

É algo meu (a menos que você realmente queira, então será seu).

Esta é a sua coisa emprestada.

Amo você.

Rush

– Espero que não esteja usando muita maquiagem, porque, se estiver, acabou de tirar metade dela com essas lágrimas – murmurou Vovó Q.

Sorri, aceitei o lenço que ela estava estendendo para mim e sequei as lágrimas do meu rosto. Para desgosto de Bethy, eu não estava usando muita maquiagem. E, por sorte, o rímel era à prova d'água. Levei o cetim ao meu rosto e pensei na minha querida mãezinha deixando aquilo para Rush. Então dobrei o retalho e o enfiei no sutiã tomara que caia. Guardei o bilhete na cômoda. Queria guardar aquilo também. Para sempre.

– Bem, preciso descer e pegar meu lugar. Vejo você em breve – disse Vovó Q, que me jogou um beijo e saiu.

Fui até o espelho para conferir a maquiagem. Veio outra batida rápida à porta. Meu pai entrou no quarto com um sorriso no rosto.

– Você é a mulher mais linda que eu já vi. Aquele cara lá embaixo é um sujeito de muita sorte. É bom que ele não se esqueça disso.

– Obrigada, papai – respondi.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou mais uma caixinha de presente, parecida com as que os outros haviam me levado.

– Trouxe algo de Rush para você. Ele queria que você tivesse algo azul, para dar sorte.

Eu não consegui tirar o sorriso bobo do rosto. Já havia imaginado que era por isso que ele estava ali. Papai me entregou a caixinha.

– Vou ficar. Você vai precisar da minha ajuda.

Abri a caixa, empolgada por ganhar mais uma coisa do Rush. Uma delicada corrente de ouro que combinava com a tornozeleira que ele havia me mandado estava aninhada no cetim. Eu a tirei da caixa e vi que tinha como pingente um topázio em forma de lágrima. Peguei o bilhete rapidamente e desdobrei.

Blaire,

Esta lágrima representa muitas coisas. As lágrimas que sei que você derramou segurando o retalho de cetim da sua mãe. As lágrimas que derramou pelas perdas que sofreu. Mas também representa as lágrimas que nós dois derramamos quando sentimos uma pequena vida começar a se mexer dentro de você. As lágrimas que derramei por ganhar mais alguém como você para amar. Nunca imaginei que pudesse existir alguém como você, Blaire. Toda vez que penso no futuro, fico emocionado por saber que você me escolheu para estar sempre ao seu lado.

Esta é a sua coisa azul.

Amo você.

Rush

Sequei mais uma lágrima e ri. Ele tinha razão. Ambos havíamos derramado lágrimas de tristeza e de felicidade. Eu queria essa lembrança dos dois tipos de lágrimas comigo quando disséssemos nossos votos mais tarde.

Meu pai pegou a corrente das minhas mãos e a pôs em meu pescoço. Eu a arrumei para que ficasse encostada em meu peito. Eu estava pronta. Ele cuidara para que eu tivesse algo antigo, algo novo, algo emprestado e algo azul.

– Está na hora de descermos – disse meu pai, e abriu a porta. Fui atrás dele, que então me guiou escada abaixo e porta afora. Eu iria passar por baixo da casa e sair por um arco de rosas cor-de-rosa e luzinhas brancas.

De braço dado com o meu pai, deixei que ele me conduzisse.

RUSH

Eu havia ficado esperando ao pé da escada até que cada pessoa descesse depois de entregar os presentes que eu havia enviado. Quando o pai dela subiu, percebi que não podia mais ficar ali. Tinha que sair. Queria ter sido eu mesmo a levar os presentes, mas ela havia sido irredutível quanto a eu não vê-la pronta antes da cerimônia.

Parado embaixo da pérgola coberta de hera e rosas brancas na areia entre a minha casa e o golfo, esperei com o pastor de um lado e Grant do outro.

– Está nervoso? – perguntou Grant.

– Com medo de ela decidir não subir ao altar? Sim – respondi.

Grant riu e balançou a cabeça.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Um dia você vai entender. E, quando isso acontecer, eu vou morrer de tanto rir.

– Não há a menor chance de isso acontecer – respondeu ele.

Bethy apareceu embaixo das rosas cor-de-rosa, o que significava que Blaire esperava atrás dela. Peguei o microfone sem fio escondido que pedira ao cara do som que deixasse estrategicamente instalado para mim e o pus na lapela. Então peguei meu violão de trás das flores. Fazia anos que ninguém me via tocar. Podia até imaginar o que estava passando pelas cabeças deles. Apenas meu pai sabia o que estava acontecendo, porque ele havia me ajudado com os acordes.

– O que você está fazendo? – sussurrou Grant. A descrença na voz dele ao descobrir a resposta sozinho ficou evidente. Não precisei dizer a ele. Assim que Bethy se posicionou, eu me pus na frente do pastor e olhei para o corredor. Quando Blaire aparecesse, a música iria começar. Eu havia repassado tudo cuidadosamente com a equipe de som.

Quando ela deu um passo adiante de braços dados com o pai, seus olhos se fixaram nos meus e se arregalaram de surpresa. Ela planejara subir ao altar ao som de *I Won't Give up*, de Jason Mraz. Mas eu não queria outro homem cantando para ela. Não hoje. Queria que ela viesse para mim comigo cantando os versos escritos especialmente para quando ela subisse ao altar para me presentear com meu mundo.

– Bem, hã, eu nunca fui muito de cantar... bem, você sabe, na frente de muita gente... mas achei que depois de tudo o que passamos... este seria um bom momento para dizer o que eu sempre quis. Blaire, eu amo você... até a lua, ida e volta. – Fiquei olhando para ela, que me encarava, paralisada. Tudo em volta desapareceu; eu só via Blaire.

Quando você olhou para mim pela primeira vez eu me esqueci de respirar
aquele instante marcou meu coração endurecido eu prometi nunca me afastar

E o toque da sua pele
curou algo dentro de mim

que me deixou querendo mais de você quanto menos eu tinha, mais o desejo crescia
Ah, eu não consegui deixar de cair de amor por você
Então estou aqui agora, sabe, garota Depois de tudo o que enfrentamos, não poderíamos deixar passar E, enquanto eu viver, vou olhar nos seus olhos abraçando-a junto a mim jurarei solenemente que caí de amor, sem limites
caí de amor, sem limites, sem limites por você sem limites por você
por você

Quando finalmente encontrei você encontrei a mim mesmo
não me esquecerei tão cedo daquele dia o motivo de tudo

Vou lhe dar meu nome
nada na vida será igual
a história agora está completa
nossa vida e nosso amor são tudo de que precisamos Porque não consegui deixar de cair de amor cair de amor por você

Então estou aqui agora, sabe, garota Depois de tudo o que enfrentamos, não poderíamos deixar passar E, enquanto eu viver, vou olhar nos seus olhos abraçando-a junto a mim jurarei solenemente que caí de amor, sem limites
caí de amor, sem limites, sem limites por você sem limites por você
por você

Meu coração está batendo
implorando por você
esta noite será
a realização de um sonho
então caia, caia, caia nos meus braços
Então estou aqui agora, sabe, garota Depois de tudo o que enfrentamos, não poderíamos deixar passar Porque caí de amor, sem limites
Caí de amor, sem limites
Caí de amor, sem limites
Sem limites por você, yeah
Por você... [1]

Quando toquei o último verso, tirei rapidamente a alça do violão do pescoço e o entreguei a Grant. Blaire não esperou nenhuma orientação do pastor antes de se atirar em meus braços soluçando.

– Que lindo – disse ela, encostada em meu peito.

– Não tão lindo quanto você – respondi, segurando-a forte.

Ela deu uma risadinha.

– Eu não sabia que você sabia fazer *isso* – disse ela, afastando-se um pouco para olhar para mim.

– Sou cheio de surpresas emocionantes – garanti, dando uma piscadela.

– Muito bem, vocês dois. Deixe-me dar a mão da garota primeiro – disse Abe, pegando o braço de Blaire e puxando-a de volta para o lado dele, com um sorriso divertido nos lábios.

Abe beijou o rosto da filha e olhou para mim.

– Eu lhe diria quanto ela é especial, mas você já sabe. E o fato de saber é o único motivo pelo qual eu posso entregá-la a você. Pedi que você fosse o homem que não pude ser e você atendeu meu pedido. Não por mim, mas por ela. Eu não poderia sentir mais orgulho da mulher que ela se tornou e do homem com quem ela escolheu passar o resto da vida. – Ele pegou a mão de Blaire e a pôs na minha. Então virou-se para sentar em seu lugar.

Encaixei a mão dela em meu braço ao nos virarmos de frente para o pastor. Ela deu um pulinho ao meu lado e olhou para a barriga com um sorriso. Passei o braço ao redor de sua cintura e pus a mão em sua barriga enquanto nosso filho se mexia. Aquilo era meu.

[1] Nota do editor: A versão original de *Fallen too Far*, a canção feita por Rush para Blaire, está disponível no iTunes.

HARLOW

(Sim, você leu certo de novo.)

Pude senti-lo olhando para mim de novo. Desejei que parasse com aquilo. Desde que ele saíra pisando fundo e xingando e me deixara em meu esconderijo na festa do ensaio do casamento, tudo o que fazia era me encarar. Eu detestava que me encarassem. Estava pronta para ir embora, mas sabia que Dean estava se divertindo. Tentaria conseguir um voo mais cedo. Não queria ficar até o dia seguinte.

Cruzei as pernas de novo e fiquei olhando para as minhas mãos. Ninguém viera conversar comigo, e eu não podia culpá-los. Eu era chata. Nunca sabia o que dizer. Tinha medo de falar o que quer que fosse. Sempre tive. Aprendi que era melhor ficar quieta do que dizer bobagens.

Era mais fácil passar despercebida quando caras com a aparência de Grant Carter não ficavam me encarando. Não conseguia entender por que ele estava me encarando. Que doideira. Eu sabia por que ele estava chateado. Quando somos quietos, as pessoas se esquecem da nossa presença e falam sobre coisas na nossa frente que não são da nossa conta. Ouvi Nan conversando ao telefone com Grant diversas vezes. Eu também sabia que, por mais que Rush fosse um cara legal, seu quase irmão não era. Qualquer cara que namorasse alguém como Nan devia ser igualmente ruim da cabeça.

Eu só queria que ele não fosse tão absurdamente gostoso. Isso era algo que eu deveria ter esperado. Nan era espetacular e, embora fosse louca, atraía todos os homens. Qualquer cara com quem ela houvesse tido um relacionamento precisava ser tão lindo quanto ela. E, minha nossa, como ele era gato. Muito. Mesmo os cabelos compridos presos atrás das orelhas eram atraentes. Aqueles olhos azuis eram muito intensos.

Bastaram duas palavras dele para eu me perder completamente. O que não era nada difícil de acontecer. Eu fazia isso com frequência. A cadeira do lado da minha raspou no chão, e eu ergui o olhar para ver Grant sentando bem perto de mim. Nada bom. Totalmente ruim. Qual era a dele?

– Desculpe por ontem à noite – disparou para mim. Fiquei tensa e só consegui acenar com a cabeça.

Tudo bem, ele estava pedindo desculpas. Ótimo. Agora podia ir embora e parar de olhar para mim.

– Vamos lá, Harlow, diga alguma coisa. Me dê algo mais do que um aceno de cabeça – disse ele, parecendo exasperado.

Eu não sabia ao certo por que o deixara assim. Não tinha feito nada para ele. Havia tentado me manter longe dele e ignorar seus olhares constantes. Mesmo durante a cerimônia, ele havia me localizado em meio aos demais convidados e não desviara o olhar de mim o tempo todo.

– É só comigo ou você não fala com ninguém? Não a vi conversando com os outros convidados.

Embora eu não gostasse dele e certamente não aprovasse seu gosto para mulheres, também não queria que ele pensasse que eu era uma idiota. Ele contaria a Nan, e ela teria mais uma coisa para tirar sarro de mim.

– Não sou boa no meio de muita gente – expliquei.

Ele pareceu relaxar um pouco quando falei.

– Este povo é opressivo. Não dá para culpá-la.

Forcei um sorriso. Não foi um sorriso largo, mas foi o melhor que eu consegui. Não sabia fingir direito. Nunca soube.

– Você não gosta de mim, não é? – Ele obviamente também era bastante observador.

Eu poderia mentir para ser educada. Minha avó havia me ensinado que, quando não se tinha nada de bom a dizer, era melhor não dizer nada.

– Eu não gosto de Nan – respondi sinceramente. Não foi educado da minha parte, mas era verdade.

Em vez de ficar na defensiva, Grant explodiu numa gargalhada. Não foi uma risada divertida, mas uma gargalhada de verdade, como se eu fosse uma ótima comediante. Fiquei olhando para ele e o odiei ainda mais por ficar atraente dando risada. Não era justo. Eu não queria pensar que qualquer coisa nele fosse atraente.

– Desculpe – disse ele, secando os olhos e sorrindo para mim. – Mas não era o que eu esperava ouvir dessa sua boquinha doce. Caramba, como foi engraçado.

Eu não achei nem um pouco engraçado. Será que ele tinha achado que era brincadeira?

– Não acho que você seja a única, linda. A maioria das pessoas concordaria com você. Principalmente as pessoas que vieram a este casamento.

Fiquei quieta. Ele obviamente gostava dela.

– Como você não vai dizer mais nada, vou deduzir que você não está falando comigo porque namorei Nan e você não gosta dela.

Dei de ombros. Não exatamente. Era mais do que isso. Dizer a verdade para ele seria outra grosseria, e eu não queria ser mal-educada. Mas as opções eram ser mal-educada ou deixá-lo pensar que eu era muda. Não queria que ele tirasse sarro de mim com Nan. Já suportava muita coisa dela.

– Qualquer um que namore Nan não pode ter quaisquer qualidades que compensem isso. Ou quaisquer qualidades que eu estaria interessada em conhecer melhor. Não gosto de perder meu tempo com quem eu nunca mais voltarei a falar. – Aquilo saiu mais duro do que eu queria. Maldita sinceridade.

Grant se encolheu. Eu estava sendo uma escrota. Eu acusava Nan de ser escrota, e estava me comportando tão mal quanto ela. Eu não podia fazer isso. Não queria ser daquele jeito.

– Olhe, isso não saiu direito. Desculpe. O que eu quis dizer é que não gosto de Nan. Nem um pouco. Não consigo entender por que alguém que não seja parente dela sequer a suportaria. O fato de que você não apenas a suportava, como a namorava me leva a acreditar que nós dois jamais seríamos amigos. Desculpe. Não quero parecer escrota; sou uma pessoa legal. Só que tento me manter longe de pessoas más. Nan é pura maldade, o que me leva a crer que você seja ruim também. Pessoas más andam juntas.

Parei de falar, porque estava piorando as coisas. Levantei com um sorriso constrangido – que desta vez não precisou ser forçado, porque eu realmente estava me sentindo mal por ter dito tudo aquilo. Eu tendia a fazer isso quando falava demais. Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, eu me mandei. Ia me despedir de Rush e Blaire e seguiria para o aeroporto para tentar pegar um voo mais cedo. Passaria a noite lá, se fosse preciso. Pelo menos assim Grant Carter não conseguiria me encontrar.

BLAIRE

– Ainda não consegui acreditar que você tocou violão e cantou para mim. Minha nossa, Rush. Nossa. – Eu ainda estava encantada por ter olhado para Rush e visto que esperava por mim com um violão. E então, em vez de ouvir Jason Mraz nos alto-falantes, Rush cantara uma canção que havia composto para mim. Depois dos presentes e das cartas enviados ao meu quarto, achei que ele não conseguiria se superar. Estava enganada.

– Parei de cantar na faculdade. Decidi que estava cansado das garotas que se interessavam por mim por causa do Dean. Quando eu cantava, só piorava minha ligação com o Slacker Demon. Então parei. Mas, por você... Eu a queria subindo ao altar para mim com a minha voz cantando versos feitos para você. Não uma canção genérica tocada em um milhão de outros casamentos. – Rush beijou o ponto logo abaixo da minha orelha. – Não há nem nunca haverá outro casamento como este – sussurrou em meu ouvido.

Eu me aconcheguei mais em seus braços enquanto dançávamos a versão de *Kiss Me*, de Ed Sheeran, sendo interpretada pela nossa banda ao vivo. Dean havia se oferecido para contratar uma "banda de verdade", mas eu não queria isso. Não queria que nosso casamento fosse mais do que uma reunião íntima. Não queria transformá-lo em um show. Rush concordara comigo e nós encontramos a melhor banda de festas que conhecíamos.

– Queria que não estivéssemos com a casa cheia de gente esta noite – disse eu, encostada em seu peito.

– Não importa. Nós não estaremos lá – respondeu Rush.

Eu me afastei e olhei para ele.

– Como assim?

Ele sorriu.

– Você realmente acha que eu vou dividir uma casa com todas aquelas pessoas na noite do meu casamento? O caramba que vou! Temos a cobertura do condomínio do clube à nossa espera quando sairmos daqui.

Fiquei feliz por ele ter planejado isso. Não queria pensar no pai dele e no meu pai na mesma casa que nós naquela noite.

– Que bom – falei.

Ele deu uma risada que fez seu peito vibrar. Olhei para os outros convidados. Todos os nossos amigos estavam ali. Todo mundo que amávamos. Exceto pela irmã... e pela mãe dele. Mas elas não teriam aprovado o casamento. As duas me odiavam. Ainda assim, por Rush, eu me sentia mal que elas tivessem perdido esse momento. Só esperava que um dia elas fizessem parte das nossas vidas. Eu sabia que, embora não tivesse falado nelas, ele sentira falta.

– Onde você pôs aquele retalho de cetim? – perguntou ele.

Sorri e mordi o lábio inferior.

– Eu não tinha bolsos – respondi.

– Eu sei. E então, onde está?

– Enfiado no meu sutiã – admiti.

– Acho que ele vai ter um novo significado para mim a partir de agora – disse ele, provocando a parte de baixo dos meus seios com os polegares.

– Obrigada por tudo. O colar, a tornozeleira, o anel, e eu vou deixar você ficar com o cetim. Embora eu tenha adorado tê-lo aqui conosco. Saber que ela tocou a vida de nós dois. Foi perfeito.

Rush apertou o abraço.

– É, foi. – No instante em que o corpo dele ficou tenso, eu senti. Olhando para ele, vi-o focar em alguma coisa por cima do meu ombro. Virei a cabeça e avistei Cain parado nos olhando. – Eu provavelmente devia deixá-lo dançar com você. Estou tentando me convencer disso – disse Rush, ainda me segurando com força.

Sorri ao notar a hesitação em seu rosto.

– Se você não quer que eu dance com Cain, também não quero dançar com ele. Mas preciso ir falar com ele, e se você quiser ir junto e ficar abraçado comigo, tudo bem. Relaxe. Eu sou Blaire Finlay agora. A garota que ele amava era Blaire Wynn.

Quando mencionei meu novo nome, o corpo todo dele relaxou, e ele me segurou com mais força.

– Diga isso de novo. Pelo menos a parte em que você diz o seu nome – pediu ele com a voz rouca.

– Blaire Finlay – repeti.

– Caramba, como ficou bom – exclamou ele, dando um beijo na minha testa. – Vá falar com ele. Mas, se não se importa... não dance. Não quero as mãos dele em você.

– Então nada de abraço também? – perguntei, antes de ir na direção de Cain.

Rush franziu a testa e balançou a cabeça.

– Não se ele quiser continuar com os braços presos ao corpo – respondeu ele, fazendo-me rir. Meu marido possessivo.

Fui até Cain, que esperava por mim com as mãos enfiadas nos bolsos e uma expressão de sofrimento no rosto. Não devia ser fácil para ele. Na cabeça dele, nossa história era para sempre. Ele não achara realmente que Rush ficaria comigo no final. Ele estava errado.

– Que bom que você veio – falei, parando a alguns centímetros de distância, o bastante para deixar Rush confortável.

– Não vou mentir. Eu não queria vir. Vovó Q me obrigou – respondeu ele. – Mas você está linda. De tirar o fôlego, a ponto de doer olhar para você.

– Obrigada. Eu não sabia que Rush havia mandado as passagens e o convite para vocês até Vovó Q entrar no meu quarto hoje.

Cain fez que sim com a cabeça.

– É, eu imaginei. Já que foi o Rush quem nos convidou e não você. Vovó Q estava decidida a vir desde o momento que recebeu o convite.

– Eu estou feliz, Cain.

Ele me deu um sorriso triste e assentiu.

– Estou vendo. É difícil não notar. Ele está bem animado também.

Não havia muito mais a ser dito. Nossa história era passado. Ele havia sido meu melhor

amigo um dia, mas agora Rush era meu tudo.

– Cuide-se – falei, sabendo que precisava voltar para Rush antes que ele decidisse que Cain e eu havíamos conversado demais.

– Você também, Blaire. Mande fotos do bebê. Vovó Q vai querer vê-las – respondeu ele.

Eu me virei e voltei para o Rush, que estava parado na beira da pista de dança com os olhos fixos em mim.

RUSH

Normalmente eu passava o Natal bebendo numa estação de esqui, na companhia da namorada da vez e de alguns amigos. Era assim que eu costumava passar as festas de fim de ano. Quando eu era criança, minha mãe não decorava a árvore nem fazia biscoitos. Eu só vira esse tipo de coisa na televisão.

O cheiro de pinheiros, maçã com canela e biscoitos enchia a nossa casa. A maior árvore de Natal que pude encontrar em Rosemary preenchia a nossa sala de estar, que estava toda decorada com enfeites coloridos e luzinhas brilhantes. Tínhamos guirlandas naturais e frutas sobre o consolo da lareira e, penduradas nele, três meias com a letra *F* bordada. Duas grandes guirlandas com laços de veludo vermelho decoravam as portas da frente e canções de Natal tocavam o tempo todo pelo sistema de som. Blaire havia encontrado uma estação de músicas natalinas no rádio por satélite e me ameaçava caso eu tentasse trocar.

Sob nossa árvore havia uma pilha de presentes embrulhados em papéis coloridos com laçarotes cintilantes, e eu não conseguia me livrar dos amigos. Eles estavam sempre em casa. Comendo os doces que Blaire não parava de fazer e bebendo a sidra que ela nunca deixava acabar. Era como se Papai Noel tivesse se estabelecido em nossa casa. Um ano antes, isso teria parecido um inferno para mim. Agora, eu não conseguia sequer imaginar um Natal diferente. Assim era o Natal ao estilo de Blaire, e eu gostava dele. Não, eu adorava para cacete. Ela cantava desafinadamente as canções natalinas enquanto tirava biscoitos do forno e polvilhava açúcar nas bolinhas de manteiga de amendoim comigo ao lado, esperando que ela pusesse uma delas na minha boca.

Seria assim que meus filhos veriam o Natal, e eu adorava isso. Eu estava aninhado no sofá vendo filmes natalinos e bebendo chocolate quente, com a mão sobre a barriga de Blaire, deliciando-me ao sentir meu filho. Era algo que o dinheiro não podia comprar. Não esse tipo de felicidade.

– Acha que vamos ver seu pai antes do Natal? – perguntou Blaire, entrando na sala de estar onde eu estava admirando a árvore enquanto ouvia minha mulher cantar *We Wish You a Merry Christmas*.

– Duvido. Ele viajou na semana passada – lembrei-a.

Ela franziu a testa e assentiu.

– Está bem. Então acho que precisamos mandar o presente dele pelo correio. Comprei uma coisa que preciso enviar para Harlow também. Queria que você me ajudasse a pensar em alguma coisa para sua mãe e para Nan. Não sei o que comprar para elas. Não cheguei a conhecê-las bem.

Minha mãe e Nan? Ela havia comprado um presente para meu pai? E para Harlow? Caramba! Tudo o que eu havia feito era comprar presentes para ela e o bebê. Não havia pensado em escolher nada para mais ninguém.

– Ahn, tá, ah, tudo bem, eu acho. Mas elas não esperam ganhar nada. Na verdade, nós nunca trocamos presentes. Não é uma festa que comemoramos em família.

Blaire fez uma cara de decepcionada e me lançou um olhar triste. Eu não gostava de vê-la assim. Gostava da cantoria feliz e desafinada que ela estava entoando havia poucos minutos.

– Mas é Natal. A gente compra presentes para quem ama no Natal. Não precisa ser grande coisa. Só alguma coisa. É gostoso dar presentes.

Se ela queria dar alguma coisa para minha irmã e para minha mãe má, então eu compraria o que fosse e mandaria para elas com um sorriso.

– Está bem, gata. Vou encontrar alguma coisa para elas e podemos mandar pelo correio junto com os outros presentes.

Isso pareceu tranquilizá-la, e ela fez que sim com a cabeça.

– Ah, que bom. Está bem. – Ela começou a se virar e parou. – Comprei uma coisinha para Kiro também. Precisamos mandar junto com as outras coisas que vão para Los Angeles.

Não consegui deixar de dar risada. Ela havia comprado um presente para Kiro. Todo mundo ia achar que eu havia enlouquecido quando recebesse os pacotes.

– Para o Kiro também. Certo – respondi.

A única coisa boa nas intermináveis compras de Blaire foi que elas me deram tempo para preparar sua surpresa. Ela ficava dizendo que, depois do Natal, precisaríamos pensar no quarto do bebê. Eu só concordava. Mas também mantinha trancado o último quarto à esquerda, o que tinha a vista que ela amava.

BLAIRE

No último ano, deixei minha mãe dormir até tarde porque ela havia passado mal na noite anterior. Eu havia acordado, preparado o café da manhã preferido dela – waffles de morango com chantilly – e acendera as luzes da árvore. Seria meu último Natal com ela, e eu sabia disso. Cuidara para que tudo fosse perfeito.

Quando ela entrou na sala, foi recebida com a lareira acesa, uma meia cheia de seus luxos preferidos, música natalina tocando e eu. Ela riu, depois chorou e me abraçou enquanto comíamos nosso café da manhã antes de abrirmos os presentes. Queria ter comprado muitas coisas para ela, mas o dinheiro estava apertado, então tinha usado minhas escassas habilidades criativas e feito para ela um scrapbook de mim e da Valerie quando crianças. Mamãe foi enterrada com ele nas mãos.

Este ano, eu vinha fazendo tudo o que podia para que minha mãe se orgulhasse de mim. Às vezes sua canção natalina preferida tocava e eu precisava me controlar para não me enroscar em posição fetal e chorar. Mas ela me fizera prometer algo no ano anterior. Ela também sabia que era seu último Natal e havia me pedido um favor: que no Natal seguinte eu comemorasse por nós duas. Eu estava me esforçando.

Eu despertara antes do nascer do sol e saíra da cama sem acordar Rush. Precisava ficar sozinha um pouco. Precisava de tempo para pensar. Para me lembrar. Sabia que, se pudesse me ver agora, mamãe ficaria muito feliz por mim. Eu estava casada com o homem que amava. Seria mãe e havia perdoado meu pai.

Segurei o café perto do corpo e puxei as pernas para debaixo de mim no sofá ao me sentar diante da árvore colorida. Essa era a vida que mamãe desejaria para mim.

Não sequei as lágrimas do meu rosto porque não eram todas de tristeza. Algumas eram de felicidade. Algumas eram de gratidão e outras, de lembranças.

Aproveitei o silêncio e assisti ao nascer do sol. Rush iria me querer na cama quando acordasse. Eu voltaria para lá assim que terminasse o café e escovasse os dentes. Este ano, queria que o Natal fosse perfeito para ele. Era nosso primeiro Natal juntos e seria o modelo para todos os que viriam.

– Acordar no Natal sem o presente preferido na cama é uma porcaria. – A voz sonolenta de Rush me assustou e, quando olhei para trás, o vi entrando na sala de estar. Ele vestira uma calça de moletom, mas só. Estava com os cabelos desalinhados e os olhos ainda semicerrados.

– Desculpe. Eu ia voltar para a cama depois de ver o sol nascer – expliquei enquanto ele afundava no sofá e me puxava para junto de si.

– Eu teria acordado e assistido junto, se você tivesse pedido – disse ele, repousando o queixo no topo da minha cabeça.

Tinha quase certeza de que ele faria qualquer coisa que eu pedisse. Não havia sido por isso que eu o deixara dormindo.

– Eu sei – respondi.

Rush fez um carinho no meu braço esquerdo, subindo e descendo.

– Estava precisando de um tempo sozinha? – perguntou ele. O tom de compreensão em sua pergunta me disse que ele não precisava de detalhes. Ele sabia.

– Precisava – respondi.

– Precisa de mais um pouco?

– Não – assegurei, sorrindo para ele.

– Que bom. Porque ia ser meio difícil eu me afastar.

Dei uma risada e apoiei a cabeça no peito dele.

– Está uma manhã muito bonita.

– Está, sim – concordou ele, abaixando a cabeça até o meu ouvido. – Posso dar um dos seus presentes agora? – perguntou ele.

– A gente precisa tirar a roupa? – perguntei, em tom de provocação.

– Ahn, não... mas se você quiser tirar a roupa, gata, sempre estou disposto a isso – respondeu ele.

Surpresa, me virei em seus braços e olhei para ele.

– Quer dizer que quer abrir nossos presentes agora? – perguntei. Achava que fôssemos fazer amor primeiro.

– Não exatamente abrir. Preciso mostrar a você – disse ele, levantando e puxando-me junto.

Não era o que eu esperava. Concordei e deixei que ele me levasse até a escada. Talvez fôssemos até o andar de cima transar, afinal.

Rush parou diante do quarto que eu um dia escolhera para ser meu. Eu não havia entrado nele desde que o mostrara para Harlow antes do casamento. A porta estava fechada, e Rush deu um passo para trás e fez um sinal para eu abri-la. Agora eu estava bastante confusa.

Dei um passo para a frente para girar a maçaneta e deixei a porta se abrir lentamente. A primeira coisa que vi foi um imenso berço de cerejeira no meio do quarto com um elaborado móbile com animais marinhos exóticos acima dele.

Rush enfiou o braço para dentro do quarto e acionou um interruptor. Mas, em vez de a luz do quarto se acender, o móbile se iluminou e começou a tocar. Só que não era uma canção de ninar. Era a música que Rush havia cantado para mim no dia do nosso casamento. O móbile era todo iluminado até o teto. Tudo o que pude fazer foi cobrir a boca de encanto e surpresa enquanto entrava no quarto. Luzes dançavam pelas paredes enquanto o móbile girava lentamente, tocando nossa canção.

Havia uma cadeira de balanço no canto com uma linda manta artesanal em cima dela. Um trocador, um armário e também uma cama de solteiro decoravam o quarto. A tinta azul-clara das paredes era perfeita, considerando que uma delas era feita principalmente de janelas que davam para o céu e o mar que agora estavam azuis.

Finalmente consegui falar, mas tudo o que saiu foi um soluço antes de eu me atirar nos braços de Rush e chorar. Aquele quarto era perfeito, e ele o fizera. Ele havia escolhido o quarto perfeito para nosso filho.

– Eu realmente espero que essas lágrimas sejam de felicidade, porque, vou ser sincero: estava preocupado que você ficasse puta comigo. Bethy me disse que talvez você mesma quisesse

decorar o quarto, e eu não havia pensado nisso – disse ele, num sussurro baixinho.

Bethy não sabia de nada. Talvez ela fosse querer fazer isso sozinha, mas saber que Rush havia se dedicado tanto para planejar e executar o quarto do bebê fez meu coração se encher de tanta felicidade que achei que fosse explodir.

– Está perfeito. Está lindo. Está... Ah, Rush, ele vai amar este quarto. Eu amei – garanti a ele. Então, agarrei sua cabeça e a puxei na minha direção para conseguir beijá-lo.

Quem diria que um quarto de bebê incrível, digno de páginas de revista, poderia deixar uma grávida com tesão?

Três meses depois...

Eu era uma garota sulista. Isso era evidente. Embora tenha adorado nosso período em Nova York, fiquei feliz ao voltar para casa, onde podia encontrar chá gelado sempre que quisesse. Rush também sentira falta de Rosemary. Percebi isso. Desfizemos as malas e arrumamos todos os brinquedos e roupas que havíamos comprado para o bebê – que ainda não tinha nome – no quarto dele. Foi divertido pendurar as roupinhas no armário, dobrar as mantas e alinhar todos os sapatinhos. Havíamos exagerado um pouco no enxoval.

Como Grant havia passado em casa para levar Rush para uma partida de golfe logo depois da nossa chegada, decidi fazer umas visitas. Não havia nada para comer em casa, e eu estava faminta. Iria matar dois coelhos com uma cajadada só indo ao clube para comer alguma coisa e ver se Jimmy estava trabalhando. Peguei as chaves e saí para pegar meu carro... ou SUV... ou o que quer que fosse. Ainda não o havia dirigido. O presente de Rush estava na entrada de carros esperando por mim quando chegamos em casa.

Tudo o que eu sabia era que se tratava da concepção que a Mercedes Benz tinha de um utilitário. Eu só estava feliz que ele não houvesse comprado uma minivan. Aparentemente, o que ele comprara era um dos carros mais seguros do mercado. Ele tinha falado muito tempo sobre o carro e então me dissera que, se eu não gostasse, poderia devolvê-lo e pegar o que eu quisesse.

Era uma Mercedes, pelo amor de deus. Eu não ia esnobar isso. É claro que eu estava feliz com ela. Só precisava descobrir como dirigi-la. Olhei para a chave que ele havia deixado. Ele me dera algumas instruções. Eu devia simplesmente enfiar aquela coisa que definitivamente NÃO era uma chave na minha bolsa e carregá-la comigo.

Quando eu tocasse na maçaneta, ela destravaria automaticamente, desde que a chave estivesse comigo. Então eu precisava pisar no freio e apertar o botão "on" ao lado da direção para dar a partida. Todo o resto seria fácil. É, tá bom.

Fiz como ele instruiu e entrei no carro, o que não é nada fácil quando se está com uma barriga gigante. Depois de apertar o cinto, consegui dar a partida sem a chave, o que foi muito esquisito. Eu nem sequer tentei tocar nas coisas do painel. Parecia que estava num avião. Eu não compreendia nada daquilo. Abri a bolsa, tirei a arma e a coloquei embaixo do assento. Não a levava comigo quando estava com Rush. Mas agora que tinha meu carro de novo e sairia sozinha,

e logo com meu filho, queria ter certeza de estar protegida. Quando o bebê crescesse, eu teria de encontrar outro lugar para guardá-la. Não a queria em nenhum lugar onde ele pudesse encontrá-la. Era algo que eu precisava conversar com Rush.

Chegar ao clube foi bem tranquilo. O carro desligou com um apertar do botão, travei as portas com a coisa que Rush chamou de chave e entrei.

Assim que cheguei ao salão do restaurante, Jimmy saiu da cozinha, e nossos olhares se encontraram. Lentamente, um sorriso tomou conta do rosto dele.

– Olhe para você, mamãe lindona. Até uma barriga do tamanho de um balão fica sexy em você. Entre naquela cozinha e espere por mim. Eu já volto – falou Jimmy com um aceno de cabeça. Como estava levando apenas dois copos d'água, seria rápido.

Abri a porta da cozinha e entrei. Vários cozinheiros me cumprimentaram, e eu acenei para eles e tentei me lembrar do máximo de nomes que consegui.

– Por favor, diga que agora você está de volta a Rosemary para ficar. Chega de correr o mundo. Senti saudade – reclamou Jimmy, dando-me um abraço.

– Nenhum plano de ir a lugar nenhum nos próximos meses – garanti a ele.

– Meu Deus, sua barriga está imensa, Blaire! Quando este bebê vai sair? – perguntou Jimmy e começou a esfregar a minha barriga. – Você não pode ficar aí para sempre, carinha. Está na hora de sair. Sua mãe não é muito grande. Ela não consegue aguentar muito mais.

A porta da cozinha se abriu, e eu levantei os olhos e vi um rosto diferente. A mulher tinha cabelo castanho-escuro e um corpo excelente. Ficou olhando Jimmy conversar com minha barriga com um sorriso curioso nos lábios.

– Olá – cumprimentei-a, e os olhos dela passaram da minha barriga para meus olhos.

Ela tinha olhos lindos também. Onde o Woods a encontrara? Será que a contratara pela aparência? Porque, conhecendo Woods, sabia que ele havia notado.

– Olá – respondeu ela com um forte sotaque sulista que me surpreendeu. A garota não era de Rosemary.

Jimmy deu um passo para trás e abriu um sorriso para a garota. Ele gostava dela. Bom sinal.

– Que bom que você está de volta, menina. Ontem foi uma merda sem você – disse ele, então olhando de novo para mim.

– Della, esta é a Blaire. Ela é a minha melhor amiga que me trocou por outro homem e fugiu. Não posso culpá-la, porque ele é muito gostoso. Blaire, esta é Della. Ela pode ou não estar pegando o chefe.

Não consegui evitar o sorriso. É, Woods a havia notado.

– Jimmy! – repreendi-o quando o rosto da garotou ficou completamente vermelho.

Ela ralhou com ele também. Gostei daquela menina. Talvez tivesse uma nova possível amiga ali.

– Woods, certo? Esse chefe? – perguntei, sorrindo, porque de jeito nenhum ela poderia ter alguma coisa com o pai de Woods.

– Claro que é o Woods. A garota tem bom gosto. Não pegaria o velho – respondeu Jimmy, revirando os olhos.

– Quer parar de dizer "pegar"? – pediu ela, ainda vermelha. Eu precisava diminuir o

constrangimento dela, porque Jimmy só estava piorando.

– Jimmy não devia ter me dito isso, mas já que disse, posso dizer que Woods é um cara legal. Se você estiver realmente... hum... pegando o Woods, escolheu um dos bons.

– Obrigada – disse ela, contendo um sorriso.

Eu realmente esperava que Woods gostasse dela. Tive a sensação de que Bethy também iria gostar.

– Se eu não tiver o bebê esta semana, a gente podia almoçar juntas – sugeri. Ligaria para Bethy e a convidaria também. Ela olhou para a minha barriga e pude ver que ela achava altamente improvável que eu conseguisse sair da porta sem ter o bebê, muito menos esperar até a semana seguinte. Provavelmente tinha razão.

– Está bem. Parece uma boa – respondeu ela.

Mal podia esperar para contar a Rush. Talvez devêssemos convidá-la e ao Woods para jantar naquela noite. Seria divertido.

– Della Sloane. – Um rugido irritado interrompeu meus pensamentos, e desviei o olhar dela para o policial parado na porta.

– Sim, senhor – respondeu ela.

Vi seu rosto empalidecendo e olhei em volta em busca de Woods. Onde ele estava quando se precisava dele? Ele sempre se intrometia na hora errada quando eu trabalhava ali. Agora seria uma boa hora para se intrometer.

– Precisa me acompanhar, Srta. Sloane – anunciou o policial, segurando a porta aberta e esperando que Della saísse. – Srta. Sloane, se a senhorita não vier voluntariamente, precisarei contrariar o desejo do Sr. Kerrington e prendê-la aqui mesmo, nas instalações do clube.

O que ele acabou de dizer? Prender? Sr. Kerrington? Woods não faria isso. Se tivesse feito, pelo menos teria aparecido para participar. Além disso, eu sabia avaliar as pessoas, e Jimmy também. Nós dois gostávamos de Della. Alguma coisa estava errada.

– Por que ela está sendo presa? Eu não acredito que Woods esteja sabendo disso – questionou Jimmy, pondo-se diante de Della, como se para protegê-la. Eu o amei ainda mais por isso. Ela parecia estar prestes a desmaiar.

– O Sr. Kerrington sabe. Foi ele quem me mandou aqui para acompanhar uma Della Sloane do prédio e prendê-la assim que chegássemos ao estacionamento. No entanto, se ela não vier voluntariamente, será presa agora, junto com qualquer pessoa que se coloque em meu caminho.

Não acreditei nele. Woods não sabia. Alguma coisa estava errada.

– Está tudo bem, Jimmy – disse ela, saindo de trás dele. Assisti impotente enquanto ela saía pela porta.

– Precisa encontrar o Woods – pediu Jimmy, olhando para mim. – Não acredito nisso. Acho que tem mais coisa aí, e tudo aponta para o velho.

Assenti com a cabeça. Eu concordava.

– Eu não tenho o número de Woods no meu telefone. Como isso incomodava Rush, eu apaguei – admiti, olhando encabulada para Jimmy.

Ele balançou a cabeça e sorriu, então pegou o telefone da minha mão e digitou o número de Woods.

– Ligue para ele. Se ele não atender, vá atrás dele. Eu não posso ajudar. Tenho que voltar lá e cumprir meu turno.

Concordei com a cabeça e saí pela porta a tempo de ver Della sendo colocada dentro do carro de polícia com muito mais força do que seria necessária.

O telefone de Woods caiu direto na caixa postal. Tentei mais uma vez, de novo deu caixa postal. Disparei pelo corredor, ou, melhor dizendo, caminhei feito uma pata choca o mais rápido que pude, até a sala dele. Bati na porta: nada. Tentei abri-la, mas estava trancada. Droga.

Saí às pressas do clube enquanto ligava para o telefone de Rush. Ele saberia o que fazer, e Woods podia muito bem estar com ele. Assim que pus o pé na calçada, senti uma cólica seguida de um jorro de água escorrendo pelas minhas pernas. Congelei.

Minha bolsa tinha acabado de romper.

RUSH

– Para um cara casado, até que você está bem – provocou Grant quando eu voltei ao carrinho para pegar meu taco.

– Claro que estou. Eu estou casado com Blaire. Sou o cara mais sortudo do mundo – respondi, sem morder a isca dele. Grant queria me irritar, porque achava divertido.

– Blaire está muito gostosa. Mesmo grávida de nove meses – disse ele com a voz arrastada, inclinando-se para trás e apoiando as pernas no painel do carrinho.

– Se quiser um nariz quebrado, é só continuar falando assim, cara – rosnei, olhando furioso para ele.

Ele começou a rir, e percebi que havia conseguido o que queria. Revirei os olhos. Meu telefone começou a vibrar e a tocar no meu bolso. Era o toque de Blaire. Larguei o taco e peguei o telefone. Ela não me ligava à toa. Se estava ligando, precisava de mim. Comecei a caminhar para o carrinho enquanto a esperava falar.

– Oi – falei no instante em que ouvi sua voz. Ela respirou fundo, e eu engrenei o carrinho e comecei a correr na direção da sede do clube.

– Minha bolsa acabou de estourar – disse ela, tentando parecer calma.

– Estou a caminho. Fique aí. Não se mexa. Não dirija. Só espere por mim.

– Estou no estacionamento da sede do clube. Estava indo atrás de você quando aconteceu – respondeu ela.

– Estou quase aí, gata, segure firme. Estou a menos de um minuto, juro – garanti.

Ela fez um barulho de dor e respirou fundo algumas vezes.

– Está bem – respondeu ela, então desligou.

– Merda – resmunguei, desejando que aquela porcaria de carrinho andasse mais rápido.

– Pelo que entendi, ela entrou em trabalho de parto – disse Grant ao meu lado.

– Entrou – disparei. Não queria conversar. Só precisava chegar mais rápido até ela.

– Acho que isso quer dizer que você não se importa de ter deixado o taco lá atrás – brincou Grant.

– Caralho! Não, eu não dou a mínima pra porra do taco.

Grant cruzou os braços.

– Tudo bem. Só para conferir.

– Preciso que pegue meu telefone, encontre o número de Abe e ligue para ele.

Grant pegou meu telefone e fez o que eu pedi enquanto eu parava o carrinho e saía correndo pelo gramado até o estacionamento.

Blaire estava parada ao lado da Mercedes que eu lhe dera, com uma das mãos no carro e outra na barriga. Ela parecia mais relaxada do que eu havia imaginado.

– Que rápido. – Ela sorriu para mim quando nossos olhos se encontraram.

– Você está bem? – perguntei, passando os braços ao seu redor e levando-a até a porta do passageiro.

– Estou bem agora. A contração parou. Mas, Rush, eu não devia entrar neste carro. Ele é novinho, e eu... bom... eu estou molhada – disse ela, gaguejando.

– Estou me lixando para o carro. Entre aí. Vou levá-la para o hospital.

Ela me deixou ajudá-la a entrar no carro, embora eu pudesse ver a relutância no rosto dela. Ela não queria sujar o carro novo. Dei um beijo em sua testa.

– Juro que vou mandar limparem tudo direitinho antes de você sair do hospital – garanti antes de fechar a porta.

Corri pela frente do carro, e Grant estava ali parado com uma expressão de nervosismo no rosto.

– Ela está bem?

– Ela está em trabalho de parto – respondi o óbvio, abrindo a porta do motorista.

– Liguei para Abe. O que mais eu posso fazer?

– Ligue para Dean. Ele vai querer saber – disse a ele antes de fechar a porta do carro. Não me permiti pensar no fato de que não iria ligar para minha mãe nem minha irmã. Não havia por quê. Eu não podia confiar nelas perto de Blaire.

– Não acha que talvez deva ligar para sua mãe? Ou será que ela prefere não saber?

Olhei para ela ao pegar a estrada e acelerar rumo a Destin, onde ficava o hospital mais próximo.

– Não quero que elas façam parte deste momento. Elas não merecem – respondi, estendendo o braço e apertando sua mão. – Esta é a nossa família agora. Minha e sua. Nós decidimos quem deixamos entrar.

Blaire assentiu e encostou a cabeça no banco do carro. Percebi que ela estava sentindo dor pela expressão tensa em seu rosto, embora ela continuasse em silêncio.

– O que eu posso fazer para ajudar? – perguntei, ansioso para que aquilo acabasse.

– Dirigir – respondeu ela com um sorriso tenso.

Ela apertou minha mão e soltou um suspiro profundo de alívio.

– Esta passou. As contrações não estão durando muito e não estão próximas demais, então ainda temos tempo. – Ela parecia sem fôlego.

Ela apertou minha mão de novo.

– Rush!

Quase saí da estrada.

– O que foi, gata? Você está bem? – Meu coração parecia que ia sair pela boca.

– Esqueci da Della. Você precisa ligar para Woods. Ele tem que saber que a polícia prendeu Della.

Quem era Della, cacete? Ela estava alucinando?

– Gata, eu não conheço nenhuma Della – respondi cuidadosamente caso aquela alucinação pudesse deixá-la maluca. Eu não lera a respeito disso em nenhum dos livros que ela mantinha na cabeceira da cama.

– Della é a garota com quem Woods anda saindo. Jimmy acha que os dois estão transando. Ela foi muito simpática, gostei dela. Pareceu muito assustada. Woods precisa ajudá-la.

Ela fora ao clube para visitar Jimmy. Era por isso que estava lá. Não porque estava em

trabalho de parto. Agora as coisas estavam fazendo sentido.

– Grant ficou com meu telefone. Onde está o seu? – Se isso não fosse tão importante para ela, eu não estaria me preocupando com a vida amorosa de Woods e sua suposta namorada sendo levada pela polícia. Porque essa merda não parecia coisa boa, e eu não queria Blaire envolvida em algo perigoso. Mas minha esposa não precisava de ainda mais estresse, então eu faria o que pudesse para ela se sentir melhor.

– Ele não está atendendo o telefone. Cai direto na caixa postal. Para quem mais podemos ligar? – perguntou ela.

Peguei o telefone dela e liguei para Grant.

– Liguei para Dean, e ele vai pegar o próximo voo para cá. – Foi como Grant atendeu a chamada.

– Obrigado. Olhe só, Woods não está atendendo o telefone dele. Ligue para o pai dele. Diga a ele que a Della... – fiz uma pausa e olhei para Blaire, que fez que sim com a cabeça para indicar que eu havia acertado o nome –... que a Della foi presa e que está precisando de ajuda.

– CARALHO! Quando Della foi presa? O que foi que aconteceu? – rugiu Grant no meu ouvido. Acho que ele sabia quem era Della.

– Não sei. Minha esposa está em trabalho de parto. Ligue para o pai dele. Ele vai encontrá-lo. Preciso ir.

– Vou dizer a ele – respondeu Grant, e eu desliguei.

– O pai de Woods vai encontrá-lo – garanti a Blaire.

Ela franziu a testa.

– Disso eu não tenho certeza, mas talvez tenha entendido mal. – Ela parou de falar e apertou minha mão de novo. Mais uma contração.

BLAIRE

Eu tinha medo de agulhas. Havia decidido meses atrás que não queria uma agulha comprida sendo enfiada nas minhas costas. No momento, estava pensando que talvez tivesse sido uma decisão ruim. Porque o que eu estava sentindo era como se minhas entranhas estivessem se rasgando.

Não ajudava que toda vez que eu precisava gritar Rush ficasse completamente surtado. Ele tinha que se acalmar, porra. Eu precisava gritar para aguentar aquilo. Nunca mais iria reclamar de cólicas menstruais. Elas eram brincadeira de criança em comparação ao que eu estava sentindo.

Outra onda de dor veio e me fez agarrar os lençóis com força e soltar mais um grito. Na última vez que a enfermeira me examinara, eu estava com 7 centímetros de dilatação. Precisava chegar a 10, caramba.

– Devo chamar a enfermeira? Quer um pouco de gelo? Quer apertar a minha mão? – Rush não parava de me fazer perguntas. Eu sabia que a intenção dele era boa, mas, naquele momento, eu não me importava. Levantei o braço, agarrei a camiseta dele e puxei seu rosto para perto do meu.

– Agradeça por eu não estar com minha arma, porque neste momento estou pensando em mil maneiras de fazer você calar a boca. Me deixe gritar e dê um tempo – disparei para ele e segurei a barriga com o começo de mais uma contração.

– Hora de examiná-la de novo – anunciou a enfermeira simpática com cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo e que entrava praticamente saltitando no quarto. Ela também precisava agradecer por eu não estar com minha arma. Porque seria a próxima da lista.

Fechei os olhos esperando não ter uma contração enquanto ela estivesse lá embaixo, porque eu seria capaz de dar um chute no rosto dela.

– Opa! Estamos com 10 e prontos para começar. Vou chamar o médico. Não faça força – disse ela mais uma vez. Fazia uma hora que me diziam para não fazer força. Meu corpo inteiro queria fazer força. Era bom o médico se apressar.

Rush estava estranhamente calado. Olhei para ele, e seu rosto me lembrou o de um menininho. Ele parecia assustado e nervoso. Fiquei me sentindo mal por ter gritado com ele, mas o sentimento só durou até eu ter outra contração, muito mais forte. Eu não imaginava que pudesse piorar.

O médico careca entrou e sorriu para mim como se aquela dor fosse algo bom.

– Está na hora de botar esse carinha no mundo. – Ele parecia tão alegre quanto a enfermeira. Cretino. – Você pode vir aqui para ver, desde que não desmaie. Ou pode ficar aí, enquanto ela faz força – explicou o médico a Rush.

Rush veio até a minha cabeça e segurou minhas mãos nas dele.

– Vou ficar com ela – afirmou, apertando minha mão de leve.

O encorajamento dele me deu vontade de chorar. Ele estava se esforçando horrores para

facilitar as coisas para mim, e eu havia ameaçado dar um tiro nele. Eu era uma mulher horrorosa. Funguei, e ele imediatamente foi para o meu lado.

– Não chore. Está tudo bem. Você vai conseguir – disse ele, parecendo determinado e pronto para uma batalha.

– Eu fui má com você. Desculpe – disse, com a voz embargada.

Ele sorriu e beijou minha cabeça.

– Você está sentindo dor pra cacete. Se for se sentir melhor batendo em mim, eu deixo.

Tive vontade de dar um beijo nele, mas daí senti outra contração.

– Faça força! – ordenou o médico, e eu obedeci.

Depois de muitos palavrões e tentativas de fazer força, ouvi o som mais lindo do mundo. Um choro. O choro do meu filho.

RUSH

Ele era perfeito. Contei todos os vinte dedinhos dos pés e das mãos enquanto Blaire beijava cada um deles. Também era minúsculo. Eu não me dera conta de que bebês eram tão pequenininhos.

– Agora precisamos escolher um nome – disse Blaire, olhando para mim depois de começar a dar de mamar ao nosso filho.

Havíamos cogitado algumas opções nos últimos três meses, mas nada parecia adequado. Blaire dizia que era difícil dar nome a alguém que nunca vira, então concordamos em esperar que ele nascesse para escolher.

– Eu sei. Agora nós já o vimos. Precisamos dar um nome a ele. O que você está pensando? – perguntei, torcendo desesperadamente que ela não sugerisse Abraham Dean de novo. Eu adorava meu pai, mas não ia dar o nome dele ao meu filho.

– Acho que ele tem cara de Colton – disse ela, sorrindo para ele.

Eu não curtia esse nome.

– Você ainda é contra River? – perguntei.

Ela sorriu para mim.

– Eu quero botar Rush no nome dele. Mas se pusermos River, não vai dar. River Rush e Rush River soam esquisito.

Eu havia me esquecido que ela estava tentando usar meu nome também. Não ia discutir com ela. Gostava da ideia de o meu filho ter o meu nome.

– Que tal Cash? Cash Rush! – brinquei, e ela mordeu o lábio para não dar risada e assustá-lo.

– Que tal Nathan? Poderíamos chamá-lo de Nate – sugeriu ela. Ele parou de sugar e soltou o peito para olhar para ela, como se a mãe tivesse chamado seu nome. Parece que havíamos chegado a uma decisão.

– Nathan Rush Finlay fica bonito – concordei.

Ela sorriu para mim e baixou a cabeça alegremente para beijar o narizinho dele.

– Olá, Nate. Bem-vindo ao mundo.

Eu queria pegá-lo no colo, mas ele parecia ter decidido dormir em vez de socializar. Blaire o apoiou em seu ombro, batendo suavemente em suas costas. Fiquei ali olhando encantado. Aquilo era meu. Era a minha família. E era perfeita.

Quando Blaire ficou satisfeita com sua tentativa de fazê-lo arrotar, ela o enrolou apertadinho no cobertor e olhou para mim.

– É a sua vez, papai. Preciso descansar. Meus olhos estão pesados.

Estendi os braços e peguei meu filho no colo. Segurando-o junto a meu peito, senti seu cheirinho doce de bebê.

– Venha aqui, carinha. Vamos ficar confortáveis ali e ver se encontramos alguma partida de basquete para ver na televisão.

Nate dormia satisfeito em meus braços, e Blaire caiu no sono rapidamente depois de passá-lo para mim. Eu seria capaz de ficar naquele quarto com os dois daquele jeito para sempre. O simples fato de tê-los perto de mim e saber que eles estavam seguros fazia com que tudo ficasse bem.

Uma batida de leve à porta interrompeu meus pensamentos. Virei e vi-a se abrir lentamente e vários balões azuis entrarem antes que eu visse a cabeça de Bethy atrás deles.

Ela havia ficado de fora o máximo que conseguira.

– Muito bem, papai, sei que você está curtindo, mas precisa dividir. Os dois avós estão na sala de espera, aguardando pacientemente – sussurrou ela, depois de espiar e ver Blaire dormindo.

– Não quero incomodar a Blaire. Ela está exausta. Vou levar o bebê até a janela do berçário. Para todo mundo conhecê-lo lá.

Bethy olhou ansiosa para o bebê. Eu sabia que ela queria pegá-lo no colo, mas eu ainda não estava pronto para isso. Não tinha certeza se ela não o deixaria cair. Não tinha certeza se conseguiria confiar em alguém para segurá-lo. Aninhando-o mais perto de mim, me perguntei como diabos eu faria para simplesmente deixar as pessoas irem à minha casa pegar meu filho no colo.

– A enfermeira disse que vocês escolheram Nathan Rush. Gostei – disse ela.

– Vamos chamá-lo de Nate.

Ela fez que sim com a cabeça e voltou para dizer a todos aonde deveriam ir. Eu não me importava em mostrar Nate a eles através da segurança de uma janela, mas não ia deixar que todos respirassem em cima dele ou tocassem nele. Muitos germes. Ele era pequeno demais para esse tipo de coisa. Precisava ganhar um pouco de resistência antes de lidar com germes.

Entrei no berçário e falei com uma enfermeira. Expliquei que estava ali para mostrar o bebê aos membros da família através do vidro. Quando ela se virou e viu Dean parado na janela, ficou boquiaberta.

– Ai, meu deus! Seu filho é parente de Dean Finlay? Dean Finlay do *Slacker Demon*?

Assenti com a cabeça.

– Sim. É neto dele. E eu realmente preciso mostrar Nate ao avô.

Ela correu para abrir caminho para mim e me seguiu até a janela para poder olhar para meu pai. Dean, no entanto, estava completamente focado em Nate. Fez sinal de positivo com o polegar e piscou para mim. Abe estava com os olhos cheios de lágrimas e assentiu. Grant estava ao lado do meu pai, sorrindo para Nate. Bethy não parava de chorar e Jace assentia com a cabeça.

Jimmy abriu caminho em meio a todos para olhar para ele, pôs as mãos no quadril e deu um sorriso imenso ao ver Nate. Então olhou para mim e fez um aceno de aprovação com a cabeça. Aqueles eram os outros membros da nossa família. Podíamos não ter irmãos nem mães ali conosco, mas tínhamos pessoas que nos amavam e que amariam Nate.

– Acha que eu consigo um autógrafo do Dean? – perguntou a enfermeira atrás de mim.

– Vá lá fora e peça a ele. Você o está pegando com um humor excelente – respondi, então voltei para devolver Nate à mãe.

BLAIRE

Eu precisava sair de casa um pouco. Rush não queria que eu levasse Nate a lugar nenhum e, como eu era sua fonte ambulante de alimentos, não podíamos ficar separados por muito tempo. Eu havia tentado tirar leite do peito e dar a ele na mamadeira, mas não funcionara; ele queria apenas a mim – o que era fofo. Um dos problemas era o papai dele ser tão superprotetor que ficava furioso se as pessoas fossem em casa e quisessem pegá-lo no colo.

Outro problema era que eu estava preocupada que, até que se passassem as seis semanas necessárias e pudéssemos transar de novo, ficasse impossível conviver com ele, de tão tenso que ele ficava sem sexo. Eu precisava fazer alguma coisa para acalmá-lo ou ele iria explodir.

Na primeira semana em casa foi fácil não pensar em sair. Eu estava cansada e Nate não dormia muito à noite, então eu não tinha condições físicas de sair durante o dia. Me senti mal por não ter ido ao enterro do Sr. Kerrington. Woods era meu amigo, e era uma tristeza ele ter perdido o pai de modo tão repentino. Eu caíra no choro ao receber a notícia, mas Rush me garantira que Woods ficaria bem. Como eu não conhecia o Sr. Kerrington, a única justificativa para o choro era estar tendo uma variação hormonal pós-parto. Ou pelo menos foi o que meu médico disse.

A necessidade incontrolável de chorar foi embora no dia em que consegui vestir sem problema minha calça jeans de antes da gravidez. Eu embalara Nate em seu quarto durante uma hora enquanto ele dormia (o que o pediatra havia me dito para não fazer, porque iria deixá-lo mimado). Às vezes era muito difícil. Eu queria me lembrar desse tempo com meu filho. Logo, logo ele estaria correndo pela casa.

Quando Nate completou 1 mês, bati o pé e disse a Rush que estava na hora de irmos a algum lugar com ele.

Rush concordou que precisava superar aquilo e nós passamos mais de uma hora juntando todas as tralhas só para jantar no clube. Quando voltamos para casa, eu estava tão cansada que achei que talvez o esforço não valesse a pena. Poderíamos simplesmente ficar em casa até ele estar desmamado. Aí caí imediatamente no choro por ter pensado isso; eu era uma péssima mãe.

Rush pegou Nate e o pôs para dormir enquanto eu tomava banho. Estava com o sono atrasado. Precisava parar de dar de mamar à noite, como o pediatra havia sugerido, mas eu era fraca e continuava dando. Tinha que parar com isso.

Saí do chuveiro e parei na frente do espelho. Meu quadril estava mais largo. Tinha certeza de que ficaria assim para sempre. Eu estava usando todas as minhas roupas de antes da gravidez, mas não tinha mais a mesma aparência de antes. Meu corpo agora era o corpo de uma mãe.

– Caramba. Eu venho tentando não olhar para você nua porque estou fazendo um esforço tremendo para não recorrer à justiça com as próprias mãos, mas, caralho... você está maravilhosa.

Ouvir o desejo na voz dele fez maravilhas pela minha autoestima. Eu queria me sentir sexy de novo. Queria fazer sexo de novo. Tínhamos ainda duas semanas até a consulta com o médico. Eu não sabia se aguentaria tanto tempo.

Eu me virei e fui até ele. Eu podia estar proibida de transar, mas não de fazer meu marido feliz. Fiquei nas pontas dos pés e pressionei os lábios contra os dele, então mordi seu lábio inferior. Estava cansada de ser doce e romântica. Queria ser safada.

Tirei a camisa dele e beijei seu peito, sorrindo quando sua respiração ficou arfante e ele agarrou meus cabelos. Abri a calça jeans dele e a abaixei até os tornozelos, junto com a cueca. Seu pau estava orgulhosamente ereto, de dar água na boca. Ele era lindo demais. Até mesmo aquela parte dele era excitante.

Deslizando uma das mãos pela base do pau dele, enfiei a ponta na minha boca e a empurrei até a cabeça bater na minha garganta.

– Puta que pariu, Blaire – gemeu Rush, encostando-se no batente da porta para se apoiar. Enterrou as duas mãos nos meus cabelos e me segurou ali.

Puxei a cabeça para trás, liberando o pau dele da minha boca com um estalo e passei a provocar a cabeça dele com a língua. Os palavrões e gemidos dele só me deixavam ainda mais excitada.

– Chupe, por favor! Meu Deus, gata, engula ele inteiro de novo – implorou ele, empurrando-me para baixo até a cabeça do pau dele deslizar novamente até a minha garganta. Me engasguei e apreciei o gemido de prazer de Rush. Ele estava gostando de me ouvir engasgar. Eu estava ficando excitada.

Baixei a mão para o meio das minhas pernas e deixei Rush controlar quanto do pau dele entrava na minha boca, com a mão em meus cabelos.

– Puta que pariu, você está se masturbando? – perguntou ele, arfando enquanto tirava o pau da minha boca.

Botei a língua para fora e deixei a cabeça do pau dele deslizar por ela antes de assentir com a cabeça. Então abri bem a boca e o encarei enquanto ele metia nela de novo.

– Quero brincar com essa bocetinha – murmurou Rush. – Não goze.

Não sabia se podia prometer isso. Estava muito perto de gozar. Ele começou a entrar e sair mais rápido da minha boca. Sua respiração ficou mais rápida e ele começou a dizer mais palavrões. Eu estava prestes a explodir.

– Eu preciso gozar – disse ele, puxando o pau, e eu agarrei a parte de trás das suas coxas e o segurei dentro da minha boca. – Blaire, gata, eu vou gozar dentro da sua boca se você não me soltar.

Chupei com força e fiquei botando e tirando o pau dele da minha boca. Então o senti ainda mais duro na minha língua, e ele agarrou a parte de trás da minha cabeça com as duas mãos. Senti-o crescendo dentro de mim pouco antes da primeira golfada quente atingir o fundo da minha garganta.

– Puta merda, gata! Chupe, tome... ai, tome... Caralho, que incrível! – dizia ele enquanto seu corpo estremecia nas minhas mãos e na minha boca.

Eu estava com as coxas encharcadas. Comecei a levar a mão lá para baixo de novo quando Rush tirou o pau da minha boca, me pegou no colo, me levou até a cama e me atirou em cima dela. Eu sabia que não devíamos transar ainda, mas, naquele momento, não me importava. Estava me sentindo curada. Não havia nada de diferente.

Ele abriu minhas pernas, abaixou a cabeça e pôs a língua para fora para lamber a umidade na parte interna das minhas coxas. Estremeci quando ele se aproximou mais da origem do calor.

– Vou comer essa bocetinha doce até você implorar que eu pare – ameaçou ele pouco antes de enfiar a língua no meio das minhas dobras e brincar com meu clitóris com o piercing.

Eu adorava o jeito como ele fazia isso. Já fazia algum tempo. Agarrei seus cabelos e o mantive em meu clitóris. Ele riu, e a vibração da risada me fez gritar de prazer.

– Minha gata gulosa – murmurou ele, dando beijos perto da minha entrada antes de deslizar a língua para dentro de mim e esfregar meu clitóris com o polegar.

O primeiro orgasmo veio forte, e puxei seus cabelos, o que fez com que ele gemesse faminto e continuasse me chupando.

– Eu quero mais – sussurrou ele, dando um sorriso safado para mim. Estava com as pernas bambas quando as abri completamente. – Isso mesmo. Abra bem – incentivou.

Meu Deus, eu faria qualquer coisa que aquele homem quisesse. No meu estado relaxado e satisfeito, seu polegar entrava e saía de mim. Então ele o deslizou até encontrar outra entrada. Uma entrada que eu não sabia bem se queria que ele tocasse.

– Não fique tensa. Não vou machucar você. Só vou fazer gostoso – prometeu.

Relaxei, confiando nele, que enfiou a ponta do polegar dentro de mim enquanto provocava meu clitóris com a língua. Me peguei empurrando o traseiro contra o polegar dele, tentando fazer com que fosse mais fundo, e Rush gemeu de aprovação enquanto continuava metendo e tirando o dedo do meu cuzinho e lambendo minhas dobras úmidas.

Havia um novo tipo de orgasmo se formando. Eu não o compreendia, mas era mais forte. E eu o queria.

– Rush, eu preciso... – implorei, sem saber do que eu precisava.

Ele deslizou novamente o dedo para o meu calor úmido, e então o levou para trás novamente para enfiá-lo no buraquinho apertado que estava me levando à loucura.

– Eu sei do que você precisa, minha doce Blaire, e vou dar – disse ele antes de me lamber do clitóris até o buraquinho com que brincava tão atentamente. Com a língua, circundou o buraquinho antes de voltar ao meu clitóris e chupá-lo enquanto enfiava o polegar em mim.

Explodi. Senti como se fogos de artifício estivessem estourando dentro de mim e gritei o nome de Rush sem parar enquanto meu corpo tinha espasmos com o prazer absoluto que me tomava. Nunca havia sentido nada parecido. Não havia como descrever aquilo.

Quando finalmente voltei à Terra e consegui abrir os olhos, Rush estava rastejando por cima do meu corpo para se deitar ao meu lado e me puxar para perto de si.

– Preciso comer você, Blaire. Preciso muito – sussurrou ele.

Eu o queria dentro de mim. Só não tinha certeza se o queria dentro de mim... lá atrás. O polegar dele era muito menor do que o pau.

– Eu quero a sua bocetinha, gata. Pare de se preocupar com lá atrás. O que eu fiz foi só por você. Eu sabia que seria bom – garantiu ele, então nos cobriu com a colcha e eu caí rapidamente no sono aninhada em seu corpo quente.

RUSH

Estendi o braço e desliguei a babá eletrônica no instante em que ouvi Nate começar a se mexer. Blaire ia dormir, nem que eu precisasse ficar a noite toda acordado andando pela casa com o carinha para distraí-lo da ideia de comer.

Saí da cama, vesti uma cueca e uma camisa de malha e corri para o andar de baixo antes que o choro começasse. Mesmo com a babá eletrônica desligada, Blaire conseguiria ouvi-lo chorar. Eu esperava que a tivesse deixado tão exausta a ponto de dormir mesmo com o barulho dele.

Liguei o móbile do berço quando entrei no quarto, e a agitação parou. Ele gostava de me ouvir cantando. Blaire dizia que ele sempre parava de sugar quando me ouvia falando e ficava bem paradinho para escutar. Eu gostava disso.

Eu me aproximei do berço e olhei em seus olhos e, embora ele ainda não estivesse exatamente sorrindo, dava para ver em seu olhar que estava empolgado com alguma coisa.

Normalmente, os peitos de Blaire o empolgavam, mas eles também empolgavam a mim, de modo que eu não podia culpá-lo por isso.

– Oi, carinha, quando é que você vai aprender que quando está escuro a gente deve dormir? – perguntei, debruçando-me sobre o berço para pegá-lo no colo.

Ele se contorceu em meus braços e mexeu a cabeça para conseguir ver meu rosto.

– Esta noite você está comigo. A mamãe precisa dormir, mesmo que você não. Você a está deixando exausta.

Deixei as luzes do móbile acesas e me sentei com ele na cadeira de balanço.

– Nós vamos ficar balançando e olhando a lua sobre a água até você decidir que está na hora de dormir de novo.

Nate apoiou a cabeça em meu peito quando eu o virei no meu colo e comecei a niná-lo. Imaginei o que a cabecinha dele estava pensando em relação à vista. Será que ele queria ir até lá tocar na areia ou sentir a água? Mal podia esperar para que ele conseguisse falar comigo e me dizer o que estava pensando.

Ficamos nos balançando por quase uma hora, e o tempo todo eu esperava que ele chorasse por Blaire, mas não. Olhei para baixo e vi suas pálpebras fechadas e a respiração lenta e tranquila. Havíamos vencido aquele despertar sem acordar a mamãe. Fiquei com a sensação de ter realizado alguma coisa importante.

Levei-o lenta e cuidadosamente até o berço e o deitei de novo no colchão. Quando tive certeza de que ele continuaria dormindo, voltei para a cama. Papai fora um sucesso.

Na próxima vez que Nate decidiu que queria atenção, passava das sete da manhã. Blaire sentou na cama quando ouviu o choro dele e olhou para o relógio.

– Ai, meu Deus! Ele está chorando só agora? – perguntou ela, saindo correndo nua da cama.

Cruzei os braços embaixo da cabeça e fiquei aproveitando a paisagem: ela andando de um

lado para outro no quarto atrás de alguma coisa para vestir. Eu estava gostando muito daquele novo quadril. Fazia uma curva tão sexy que era difícil pensar quando ela passava por mim.

– Na verdade, não. Tivemos um momento pai e filho esta noite. Expliquei a ele que você precisava descansar, e ele ficou numa boa. Acho que entendeu.

Blaire parou de procurar por uma roupa e olhou para mim com a boca entreaberta.

– Você se levantou e o fez dormir de novo sem eu dar de mamar? Ele ficou na boa com isso?

Dei de ombros.

– Ele concordou que você estava mal-humorada e precisava dormir um pouco mais.

Seus lábios se abriram num sorrisinho, e ela pôs as mãos no quadril de que eu tanto gostava.

– Vocês acham que eu estou mal-humorada, é? Ontem à noite eu não parecia muito mal-humorada, parecia? Quando estava com o seu pau na minha garganta?

Meu Deus.

– Caramba, mulher. Você precisa ir alimentar nosso filho. Não fique falando assim, ou vou acabar perdendo a cabeça antes de receber sinal verde daquele médico.

Blaire riu e se abaixou para pegar uma camisola que planejara usar na noite anterior mas que nem chegara a vestir. Ficou de bunda para cima, e eu precisei me segurar para não atacá-la.

O tecido sedoso deslizou sobre o corpo dela e parou na metade da coxa. Ela me deu um sorriso malicioso e virou a cabeça na direção da escada.

– Vou levar meu mau humor para o andar de baixo – disse ela.

Fiquei olhando seu quadril requebrar, com a camisola colando nele a cada passo. Quando ela saiu do meu campo de visão, pulei da cama e corri para o chuveiro. Precisava da ducha mais gelada que pudesse suportar.

BLAIRE

Coloquei Nate para tirar uma soneca e decidi aproveitar o tempo livre para usar o vídeo de ioga que havia comprado no iTunes. Precisava ajustar algumas coisas no meu corpo pós-bebê. Bethy me recomendara ioga. Encontrar tempo para fazê-la era outra coisa. Da última vez que Nate tirara um cochilo e eu tentara me exercitar, Rush chegara e acabamos nus no sofá de novo. Havíamos nos tornado especialistas em sexo oral. Não que Rush precisasse melhorar, mas dava para dizer que eu havia aprendido a fazer um boquete de arrasar.

A campainha tocou antes que o vídeo começasse. Dei pausa e fui ver quem era. Como Rush não estava em casa, não podia ser Grant. Os dois estavam juntos. Abri a porta e dei de cara com Nan. O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi que talvez eu devesse começar a olhar pelo olho mágico primeiro. Meu coração disparou, e eu xinguei a mim mesma por ter deixado o telefone no chão da sala de jogos. Não tinha bolso na calça de ioga.

– Rush está em casa? – disparou ela.

Hesitei. Ele não estava em casa, e eu não tinha certeza se deveria deixá-la entrar. Mas como eu poderia não deixar? Ela era irmã do Rush.

– Ele saiu com Grant há umas duas horas. Alguma coisa a ver com Woods. – Eu estava falando demais. Ela não tinha nada a ver com isso.

– Você vai me deixar entrar? Ou devo voltar mais tarde? – O tom irritado da voz dela diante da noção de que eu tinha o poder de não deixá-la entrar na casa que agora era minha ficou evidente. Eu não queria que ela entrasse, mas Rush iria querer vê-la. Havia falado nela algumas noites atrás. Estava imaginando como ela estava. Disse que a mãe lhe contara que ela havia saído da clínica e estava melhor.

Contrariando meu bom senso, dei um passo para trás e a deixei entrar.

– Entre – falei, detestando a ideia de ficar a sós com ela. Minha arma estava no carro, embora eu não achasse que fosse precisar dela. Ela não era tão perigosa... eu achava.

– Então, como é ser a Sra. Finlay? – perguntou ela. Seu tom dava a entender que ela não estava feliz com isso e que não se tratava de uma pergunta amigável.

– Maravilhoso. Eu amo seu irmão – respondi.

– Você não pode mentir para mim. Você não me engana com esse olhar inocente. Você engravidou para prendê-lo. Ele não iria ignorar um filho. Você percebeu e usou isso. Só espero que a criança seja dele.

O ódio em suas palavras me assustou. Quis ligar para Rush e dizer que viesse para casa. Não queria conversar com ela. Não se o tema em questão fosse "atacar a Blaire".

– Sinto muito que você pense assim. Quando vir o Nate, vai ver que não há dúvidas de quem é o pai dele. Ele é a miniatura do Rush. – Fiquei furiosa comigo mesma por morder sua isca e me defender.

Quando mencionei Nate, vi que foi a vez de Nan hesitar. Ou ela odiava a ideia de que tínhamos um filho ou odiava o fato de que o filho também era meu e ela não queria se sentir

ligada a ele. Não entendi direito.

– Vou pegar o telefone para dizer ao Rush que você está aqui. Por favor, sirva-se de alguma coisa para beber ou comer se quiser. Você sabe onde fica tudo.

Comecei a caminhar na direção da escada.

– Espere. Eu não quero ver Grant. Diga para ele não trazer Grant – disse ela com a voz tensa.

– Está bem. Pode deixar – respondi. Eu tinha certeza de que o Grant também não queria vê-la, mas não ia deixar claro que eu sabia de tudo. Não ia falar disso.

Corri escada acima e fui pegar meu telefone. Ia ligar para Rush e depois conferir como Nate estava... Talvez pudesse ficar ali em cima, me escondendo, enquanto estivesse sozinha com ela. Peguei o telefone e liguei para o número de Rush.

– Oi, gata, está tudo bem? – perguntou ele ao atender a ligação.

– Hum... depende do que você considera bem – falei. – Sua irmã está aqui.

– Dê a volta, cara. Preciso ir para casa agora – disse ele a Grant. – Estou a caminho. Ela está bem? Está sendo legal? Você a deixou entrar?

– Sim, não muito e sim – respondi.

– Ela não está sendo legal. Merda, Blaire. Desculpe. Por que você a deixou entrar?

– Bom, porque ela é sua irmã, Rush. Eu não ia me recusar a deixar alguém da sua família entrar na sua casa.

Rush respirou fundo. Eu sabia o que isso queria dizer. Ele estava frustrado.

– Blaire, se algum dia eu ouvir você chamar a casa de minha de novo, vou perder a cabeça. A casa é nossa. Nossa, porra. Se você não quiser deixar alguém entrar, não deixe. Me ligue, e a pessoa que fique esperando na entrada até eu chegar. Só quero que você se sinta à vontade na própria casa.

– Está bem. Bom, eu a deixei entrar porque você a ama e eu amo você. Que tal isso?

Rush deu uma risada baixinha.

– Nan é e provavelmente sempre será a única pessoa que eu amo que não espero que você trate bem. Ela precisa merecer ser bem tratada. Nunca fez isso. Você pode mandá-la se danar, expulsá-la, o que quiser. Não aguente nenhum desaforo dela.

Decidi que não iria contar a ele sobre a acusação que ela fizera de que Nate poderia não ser dele. Rush perderia a cabeça.

– Só venha rápido – implorei.

– Estou a cinco minutos daí – prometeu.

Desliguei e enfiei o telefone no meu top antes de ir dar uma olhada em Nate. Ao abrir a porta, espiei e o flagrei chutando e gorgolejando para as criaturas marítimas penduradas no móbile. Sorrindo, fui até o berço, e seus olhos se mexeram até chegarem a mim. Ele chutou com mais força ao me ver, e meu coração apertou.

– Não foi uma soneca muito longa – eu disse a ele, abaixando-me para pegá-lo no colo. – Eu nem consegui fazer ioga, e o bumbum da mamãe está precisando de um pouco de exercícios.

A cabecinha dele tentou se enfiar no meu peito. Não era hora de ele mamar, mas, quando acordava, ele sempre queria entrar na minha blusa. Exatamente como o pai dele. Sorrindo, levei-o até o trocador e pus uma fralda limpa com ele reclamando. Ele detestava trocar as fraldas.

Peguei-o no colo e beijei seu beicinho. As lágrimas pararam, e ele abriu a boca tentando conseguir alguma coisa para comer de novo.

– Agora não, mocinho. Faz só uma hora que você mamou – falei, antes de sairmos pela porta.

Eu não queria levá-lo até o andar de baixo. Tinha medo do que Nan diria sobre ele. Achava que não conseguiria digerir bem se ela fosse mesquinha com meu filho. A porta da frente se abriu, e eu soltei um suspiro de alívio. Rush estava em casa.

– Papai chegou – sussurrei.

Levei Nate para o andar de baixo e ouvi as vozes de Rush e Nan. Não foi difícil. Ela já estava aumentando o tom. Rush devia ter chegado chamando sua atenção por me deixar desconfortável. Decidi que era melhor não levar Nate para a cozinha para ouvir o pai gritando com a tia. Saímos pela porta da frente. Nate adorava ficar lá fora olhando as ondas. A brisa do mar abafaria todas as palavras iradas de Nan.

Passamos por baixo da casa e seguimos para a praia.

– Blaire, pode trazer Nate aqui em cima? – pediu Rush, olhando para mim da varanda. Aparentemente, queria apresentá-lo a Nan. Eu compreendia que ele quisesse que a irmã conhecesse seu filho, mas como ela odiava a mãe do bebê, talvez não fosse uma atitude sábia. Fiz uma pausa e olhei para Nate.

A mãe em mim queria levá-lo correndo de volta para o andar de cima e ficar trancada no quarto com ele. Mas ele era filho de Rush também. Dei um beijo em sua têmpora.

– A irmã do papai, Nan, não é muito legal. Você vai ter que aprender a ignorá-la – sussurrei no ouvido dele, mais por mim do que por ele, já que meu filho não fazia ideia do que eu estava dizendo.

Quando cheguei ao último degrau da escada, Rush estava me esperando.

– Se não quiser entrar e preferir que eu o leve, tudo bem. Mas se quiser entrar, prometo que ela vai se comportar, ou eu a expulso desta casa.

Eu não ia mandar meu filho ao encontro do lobo mau sem ir junto. Se ele precisava enfrentar Nan, eu também precisava. Abracei-o com mais força e balancei a cabeça.

– Quero ficar com ele.

Rush concordou. Pela expressão no rosto dele, pude ver que compreendia. Abriu a porta para nós e deu um passo para trás para que eu pudesse entrar com Nate.

Nan estava sentada numa banqueta alta com uma expressão furiosa no rosto. Girou e olhou para Nate. Pude ver o instante em que ela se deu conta de que cada traço era de Rush. Nem meus olhos ele tinha. Era todo Rush.

– Acho que ele é seu, afinal – disse ela.

Parei e recuei um passo, dando um encontrão no peito de Rush. Ele passou os braços ao meu redor.

– Você queria vê-lo. Cuidado com o que diz para a mãe dele. Peça desculpas por essa última observação cretina, ou vou acompanhá-la até a porta.

Os olhos de Nan se encheram de fúria, e tive a sensação de que Rush havia acabado de dar

início a algo de que não precisávamos ter em nossa casa. Mas ela respirou fundo e levantou seus olhos cheios de ódio para mim.

– Sinto muito – disparou ela. Não foi sincera, mas o fato de que Rush a fizera pedir desculpas valeu a pena.

– Posso segurá-lo? – pediu Nan, olhando para Rush.

Fiquei rígida. Se ele dissesse que sim, eu sairia correndo com Nate. Havia um limite ao que ele podia me pedir.

– Provavelmente não é uma boa ideia. Com você olhando para a mãe dele com tanto ódio, não acho que ela vá se sentir segura em deixá-lo no seu colo.

Nan fez uma careta.

– Ele é seu filho também.

– É. Mas Blaire é a mãe dele. Eu não vou permitir que aconteça nada que a deixe desconfortável.

– Meu Deus, Rush, o que aconteceu com os seus colhões?

– Segunda bola fora, mana.

Nan revirou os olhos e se levantou da banqueta. Ela olhou para Nate, e seu olhar suavizou um pouco. Era difícil não amá-lo. Ele era tão lindo quanto o pai.

– Mamãe adoraria conhecê-lo – disse Nan, pondo a alça da bolsa no ombro. – Você poderia ao menos mandar uma foto para ela.

– Mamãe não deu a mínima para os próprios filhos, Nan. Você sabe disso. Por que ela se importaria com o neto?

Nan não se abalou. Apenas deu de ombros.

– É verdade.

Nate começou a se agitar em meus braços. Ele estava tentando pegar o peito de novo. Mudei sua posição e Rush estendeu os braços para pegá-lo.

– Deixe-o comigo. Assim ele não vai ficar pensando em leite.

Passei Nate para Rush, e ele se acalmou imediatamente, olhando para o pai. Era fascinado por ele.

– Você leva jeito. Isso não me surpreende. Você tem bancado o pai desde que eu me dou por gente – falou Nan. Foi a primeira coisa legal que ela disse desde que entrara.

– Só levo jeito porque venho observando Blaire. Ela me ensinou tudo.

Nan não gostou dessa resposta, e aquilo não era verdade. Ele demonstrara um jeito natural desde o primeiro dia. Eu ia discordar dele quando Nan empurrou a banqueta para trás, fazendo-a raspar no chão.

– Eu só queria ver o garoto e dizer que estou melhor. Se quiser me ver, ficarei na cidade por uns dias. Não estou a fim de mais encontros com a sua familiazinha, então pense nisso.

Fiquei olhando enquanto ela saía da cozinha pisando duro e percorria o hall até a porta de entrada sem dizer mais nada. Rush não respondeu.

– E ela ainda é uma vaca – resmungou Rush.

Eu me virei para olhar para ele, que estava franzindo a testa.

– Sinto muito que ela tenha falado com você daquele jeito – disse ele.

– Eu ignoro tudo o que ela diz. Ela quer que eu seja a vilã, e acho que sempre vai querer. Tudo bem. Não foi com ela que me casei – respondi.

Nate ouviu minha voz e mexeu a cabeça para olhar para mim antes de começar a chorar. Ele me queria por causa dos meus peitos. Sorri e estendi os braços para pegá-lo.

– Vou ter que dar de mamar de novo. Ele não deve ter ficado satisfeito da última vez. Está decidido a comer de novo.

Rush o passou para mim.

– Carinha de sorte.

Dei um chutinho nele, que soltou aquela gargalhada que eu tanto adorava.

– Está com fome? – perguntou ele.

– Sim. Morrendo. Pode fazer um sanduíche para mim? – pedi antes de sair para a sala para ficar mais confortável na poltrona reclinável.

– Qualquer coisa que você queira – respondeu ele.

RUSH

Woods estava parado do lado de fora da sede do clube discutindo com aquela Angie ou Angel ou Angelina... Caramba, eu não conseguia me lembrar do nome dela. Ela ia e vinha ao longo dos anos. Eu tinha quase certeza de que tinha sido a trepada de verão de Woods quando estávamos no ensino médio. O pai dela era do mesmo ramo dos Kerringtons. Grant achava que o Woods ia se casar com ela.

Daí apareceu a tal Della, e acho que as coisas mudaram. Ou não. Não sabia ao certo. A última coisa que eu tinha ouvido falar era que Della não fora para a cadeia e que tudo não passara de um mal-entendido. Mas parece que Woods fez um escândalo na delegacia.

A garota segurava os braços de Woods e parecia implorar alguma coisa. Eu não tinha certeza se queria me intrometer naquela conversa, mas o sujeito parecia estar precisando de ajuda.

Ele já tinha muita coisa para resolver agora que o pai morrera. Ninguém nunca estava preparado para isso, e com Woods tudo acontecera da noite para o dia.

– Me solte, Angelina. Eu juro por Deus que se você não me deixar em paz, vou pedir uma liminar contra você – ameaçou Woods, tirando as mãos dela de cima dele.

Ele se virou e viu que eu me aproximava. O alívio em seu olhar ficou evidente.

– Oi, Rush. Veio para a reunião? – perguntou ele.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas imaginei que estivesse apenas inventando tudo.

– Vim – respondi.

– Isso ainda não acabou, Woods. Eu juro para você que não acabou. Você está cometendo um grande erro – gritou ela enquanto Woods começava a vir na minha direção.

– Me tire de perto dela. Rápido – murmurou ele ao passar por mim.

Eu me virei e fui atrás dele. Estava lá para falar com Bethy sobre ficar com Nate na noite seguinte para eu poder sair com Blaire. Mas parecia que eu ia ter uma conversa com Woods primeiro.

Ele abriu a porta do clube e entrou sem esperar para ver se eu o seguia.

– É a porra da mulher mais louca que já conheci – disse ele quando entramos. Passou a mão pelos cabelos e soltou um gemido frustrado. – Eu ia embora. Eu ia. Ia dar uma de Tripp. Ia levar Della, e íamos deixar toda essa merda para trás. Meu pai havia forçado demais a barra, e eu cansei. Daí ele morreu. Acontece que descobri que o testamento do meu pai dizia que, no meu aniversário de 25 anos, que é dentro de dois meses, este lugar aqui passaria para mim. Meu avô havia deixado isso perfeitamente claro no testamento dele, de uma forma tão bem-feita, que meu pai não conseguiu alterar. Eu não posso dar no pé agora, posso? É tudo meu. O avô que eu amava e admirava não havia ferrado comigo, afinal. Mas, meu Deus, está tudo tão confuso. Eu só preciso focar na melhora de Della. Eu não tenho tempo de lidar com tudo isso. Eu não sei de nada, Rush. De NADA, porra. Meu pai não me deixava a par dos negócios. Ele dizia que eu precisava merecer o meu lugar. – Woods soltou outro suspiro frustrado e começou a andar de um lado para outro.

Eu não sabia bem sobre o que ele estava falando, mas ele estava com problemas. O cara de quem ele precisava era Grant, não eu. Eu não era alguém com quem dividir as coisas. Não era do tipo confidente.

– Woods? – Uma morena pequena com grandes olhos azuis entrou pela porta olhando direto para ele com uma expressão preocupada no rosto. – Qual o problema?

O sujeito se transformou diante de mim. Ele deu dois passos longos e puxou-a para seus braços como se alguém estivesse prestes a tocar nela e ele quisesse garantir sua segurança.

– Eu estou ótimo. Você conseguiu dormir até mais tarde? – perguntou ele numa voz suave que eu juro que nunca o ouvira usar.

Ela fez que sim com a cabeça e passou os braços ao redor dele.

– Consegui. Estava tudo bem hoje de manhã. Pare de se preocupar – disse ela. Então virou a cabeça e olhou para mim.

– Della, este é Rush Finlay. Você conheceu a mulher dele, Blaire. Rush, esta é a minha Della.

A Della dele. Ah, cara, era esse o problema. Ele estava gamado. Eu não conseguia tirar o sorriso do rosto. Compreendia totalmente aquele sentimento. E, puxa!, eu ficava feliz ao saber que Woods estava enroscado com outra mulher, em vez de correndo atrás da minha. Obrigado, Della.

– Muito prazer – disse ela.

– O prazer é meu – respondi. Ela não fazia ideia de quanto. O bom e velho Woods Kerrington estava apaixonado. A coisa mais engraçada da semana inteira.

GRANT

As batidas na minha porta de repente começaram a soar como um maldito trem de carga. Joguei as cobertas para longe e olhei para Paige. Eu a havia trazido para casa comigo na noite anterior depois de uma festa. Nós dois havíamos bebido demais e nos divertimos muito antes de desmaiarmos na cama. Até aí eu conseguia me lembrar. Paige era sempre legal e tranquila. Não ficava atrás de mim depois.

As batidas continuaram. Peguei o short da noite anterior e o vesti antes de ir até a porta.

– Pare com isso, porra! Cacete, é muito barulho – gritei antes de abrir a porta. O sol havia nascido e bateu direto nos meus olhos. Levei os braços à testa e estreitei os olhos enquanto chamava quem quer que estivesse do outro lado da porta de maluco filho da puta.

Eu não lidava bem com ressacas.

– Você está um charme esta manhã – disse Nan com a voz arrastada ao entrar e passar por mim. Merda. Não era alguém com quem eu quisesse falar naquela manhã.

Bati a porta.

– O que você quer, Nan? São dez da manhã, caralho – resmunguei.

Nan entrou na minha cozinha e se encostou no bar.

– Preciso de um lugar para ficar – disse ela com a voz suave que só usava quando queria alguma coisa. Um ano atrás, essa merda funcionava comigo. Eu estava tão envolvido com aquela gostosa egoísta que não conseguia enxergar direito. Mas não passava de sexo. Ela era muito boa nisso. Uma ginasta na cama. Eu havia aprendido do jeito mais difícil que sexo não compensa ser sacaneado e ter o coração partido. Eu havia terminado tudo com ela. Terminado.

– Ligue para o Rush. Eu vou voltar para a cama. Você conhece a porta da rua – respondi, voltando para o meu quarto.

– Não posso! Ele não vai me ajudar. Eu não suporto a Blaire, e ele sabe disso. Ele a ama mais do que a mim. Ela tirou tudo de mim. Eu a odeio e não consigo fingir que gosto dela. Mas não tenho para onde ir. Não quero morar com minha mãe. Quero voltar para Rosemary.

– Que pena. Tchau, Nan. – Abri a porta do quarto, fui até a cama e me deitei com o rosto enterrado no colchão.

– Paige? Sério, Grant? Você não sabe por onde isso andou. Seu nível caiu muito. Até mesmo para você.

Paige sentou esfregando o rosto, e eu gostei do fato de ela estar nua e Nan ter uma boa visão dos peitos dela. Eram muito mais bonitos do que os de Nan.

– Meu nível subiu. A última garota que eu havia comido tinha sido você – respondi. Ela pedira por essa.

Paige olhou para mim e depois para Nan com os olhos vermelhos. Tinha certeza de que ela havia fumado maconha na noite anterior.

– Que porra é essa? – resmungou ela, puxando o lençol para se cobrir.

– Nan está aqui para infernizar a minha vida. Ignore-a – falei, virando de barriga para cima e

cruzando as mãos atrás da cabeça.

– Sério? Foi isso que a gente virou? – provocou Nan.

– Foi nisso que você nos transformou, Nan. Você queria transar por aí, e eu concordo. É divertido. Obrigado pela ideia.

– Paige, pelo amor de Deus, vista alguma coisa e vá embora. Estamos tentando conversar aqui – disparou Nan para Paige, que estava sentada em silêncio, prestando atenção.

Estendi o braço e dei um tapinha na perna de Paige.

– Não vá. Já mostrei a saída para ela. Só falta ela sair – falei para Paige. Na verdade, preferia que as duas saíssem, mas eu não era um escroto. Não mandaria Paige embora. Eu a deixaria ir por conta própria.

– É sério? Você vai simplesmente ficar galinhando por aí sem nem ao menos deixar eu me explicar? Sabia que eu estava numa clínica de reabilitação? Você se importou? Porque não me ligou. Ninguém ligou. Nem o Rush.

Senti um pouco de pena dela, mas muito, muito pouco. Às vezes, eu ainda enxergava aquela menininha que queria muito que alguém gostasse dela. Eram as vezes em que eu sentia compaixão. Então eu me lembrava da vaca em que ela havia se transformado e decidia que ela merecia.

– Quem planta merda colhe merda. Meu avô sempre me disse isso. Talvez alguém devesse ter ensinado isso para você também. Pouparia a todos de um monte de problemas.

Nan apontou para Paige.

– Saia. Agora.

Agarrei o braço de Paige.

– Ignore.

Paige ficou olhando ora para mim, ora para Nan, e então balançou a cabeça.

– Vocês dois são completamente loucos. Acho que vou para casa descansar. Minha cabeça não aguenta isso. – Ela começou a se levantar, então se aproximou e me deu um beijo no rosto antes de sair engatinhando nua da cama.

Por causa de Nan, não por realmente querer olhar, fiquei admirando a bunda dela enquanto se vestia. Estava cansado demais para pensar em mulheres sem roupa.

Paige se despediu de mim com um aceno e então saiu pela porta levando seus sapatos. Eu não fazia ideia de onde estava o carro dela, mas isso não tinha importância agora. Ela morava dois andares acima, no meu condomínio. O que tornava muito prático ficar com ela.

Nan se aproximou da cama e se sentou.

– Saia da minha cama, Nan. Juro por Deus que vou contar em detalhes tudo o que Paige e eu fizemos nestes lençóis ontem à noite se você não tirar sua bunda da minha cama – alertei. Na verdade, eu não me lembrava exatamente do que havia feito na noite anterior. Mas Nan não precisava saber.

– Você é nojento – gritou ela, levantando-se e olhando com raiva para mim.

– É, e você também. Pelo menos eu conheço Paige. Ela não é qualquer uma que peguei na rua e levei para a cama.

Ela me encarou com fúria nos olhos. Eu a ofendera. Ela me queria fora da vida dela.

Conseguira. Eu vira demais. Já não estava interessado.

– Você disse que me amava – lembrou-me ela.

– Eu achava que poderia amar você, Nan. Mas aí acordei e me dei conta de que uma trepada boa e uma boceta gostosa não são amor. Na verdade, isso não passa de bom sexo.

A expressão magoada em seus olhos deveria fazer com que eu me sentisse culpado, mas não me senti. Eu havia confundido vontade e desejo com amor. Eu não sabia como era amar. Não do jeito que Rush amava Blaire. Nunca sentira aquilo. Agora tinha noção disso. Eu não fazia ideia de como era e tinha quase certeza de que jamais saberia.

– Ótimo. Você quer me magoar, pode me magoar. Eu mereço – disparou Nan, levantando-se e voltando para a porta. – Mas isso não acabou, Grant. Posso admitir que ferrei com tudo. Você só precisa admitir que ainda sente alguma coisa por mim.

Será que sentia? Acreditava que não. Estava com raiva por ela ter me feito de idiota, mas não podia dizer que houvesse restado algum outro sentimento.

– Estou tentando consertar algumas coisas. Seria legal se alguém se importasse e compreendesse.

Eu não iria deixá-la virar o jogo contra mim. Eu não havia pedido por essa merda toda. Eu tentara fazer as coisas funcionarem. Ela se recusara a me deixar ser mais do que um pau amigo. Eu queria mais, e ela havia deixado claro que eu podia ser facilmente substituído.

– Não acho que eu seja a pessoa indicada para ajudá-la, Nan. Sei como é sua vida e sei que você é uma escrota. Mas, ao contrário de Rush, não aceito mais suas justificativas. Está na hora de você parar de usá-las e mudar. Você está afastando todo mundo. Quer acabar como sua mãe?

Ela se retesou, e eu soube que havia tocado em um ponto sensível. Sem dizer uma palavra, ela deu meia-volta e saiu do meu apartamento pisando duro e batendo a porta atrás de si. Problema resolvido.

Agora eu podia dormir um pouco.

BLAIRE

Bethy estava esperando por mim para tomarmos alguma coisa no clube. Eu amamentara Nate e o deixara com Rush, para ter algum tempo com as amigas. Bethy também queria que eu conhecesse Della oficialmente. Acenei para Jimmy quando passei pela cozinha e me apressei até o salão do restaurante.

Della e Bethy estavam numa mesa ao lado de uma das janelas que davam para o golfo. Della se virou e sorriu quando viu que eu me aproximava. Eu não sabia direito o que havia acontecido com a polícia, só sabia que havia sido um enorme mal-entendido. Diziam até que Woods havia ameaçado o policial que a prendera. Grant disse que ele o havia jogado contra a parede. Me parecia algo que Rush faria.

– Já estava mais do que na hora de você chegar. Eu estava prestes a tomar minha segunda mimosa sem você – disse Bethy alegremente.

– Desculpem, eu precisei dar de mamar ao Nate antes de sair. Ele estava mais faminto do que o normal. Mas você sabe que não posso beber. Estou amamentando. Mas vou tomar um copo grande de suco de laranja.

– Amamentar não parece nem um pouco divertido. A não ser pelos peitos incríveis que você ganha, não vejo por que amamentar – comentou Bethy.

Preferi ignorá-la. Ela não compreenderia. Em vez disso, olhei para Della.

– Que bom que finalmente vamos conversar – falei a ela.

– Também acho. Sinto muito pela última vez que nos vimos. Não consigo imaginar o que você ficou pensando depois...

– Fiquei pensando que devia ter havido um engano terrível e, mesmo em trabalho de parto, disse para Rush entrar em contato com Woods e contar que havia uma emergência – garanti a ela.

Della soltou um suspiro.

– É. Foi um dia maluco. Mas obrigada. Só depois fiquei sabendo que você entrou em trabalho de parto naquele dia.

Bethy pediu mais uma mimosa para ela e outra para Della. Eu disse à nova garçonete que queria apenas suco de laranja.

– Então, fiquei sabendo que você não está mais trabalhando para Woods – disse Bethy a Della.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça.

– Não. Ele não deixa. Gosta de me manter com ele o tempo todo. Estamos tratando de umas coisas... – Ela parou de falar. Percebi que não queria contar sobre sua vida pessoal, e não podia culpá-la. Havia acabado de nos conhecer.

– Não consigo manter vocês na cozinha, suas vadias. O que posso fazer se todas as minhas melhores atendentes se enrabicham com os ricaços deste clube e me deixam para trás? – falou Jimmy ao puxar a quarta cadeira para perto da mesa e sentar.

– Eu ainda trabalho aqui – Bethy lembrou a ele.

– Como não trabalha na cozinha, não adianta nada para mim. Eu quase tenho medo quando Woods contrata mulheres bonitas. Preciso da ajuda de alguém que não chame a atenção desses tarados – sibilou Jimmy, piscando para nós.

Olhei ao redor da mesa e sorri. Um ano antes, eu estava perdida. Não tinha ninguém. Entrar na casa de Rush Finlay naquela noite mudou tudo.

Fiquei escutando enquanto Jimmy nos contava sobre o encontro desastroso que tivera na noite anterior e dizia como queria pegar Marco. Pelo que entendi, Marco era o novo chef. Bethy concordou que ele era muito interessante. Olhei para Della sorrindo do outro lado da mesa enquanto os ouvia falar e reconheci aquele olhar. Acho que ela também havia encontrado um lar.

– Então, Blaire, como é o sexo depois do casamento e do filho? Nós precisamos saber, menina. Rush Finlay ainda bota fogo nos lençóis? – perguntou Jimmy com os olhos brilhando de expectativa. Ele tinha uma séria queda pelo meu marido.

– Não é da sua conta, Jimmy. Você precisa superar esse fascínio pelo meu homem. Agora é tarde demais. Ele é meu – respondi.

– Droga, como você é sem graça. Eu só quero detalhes. Detalhes muito visuais. E você, Della? Quer me contar como é pegar Woods? Ele é todo mandão? Isso parece excitante.

O rosto de Della ficou completamente vermelho, e ela riu.

– Eu também não vou entrar nessa com você, Jimmy – respondeu ela.

Jimmy se levantou e fez beicinho.

– E eu que sempre pensei que as fofocas femininas eram safadas e divertidas. Vocês estão me matando de tédio. – Jimmy fez um aceno dramático antes de se virar e voltar para a cozinha.

– Agora que ele já foi, quero saber como é o sexo com Rush e Woods – confessou Bethy com um sorriso, e eu balancei a cabeça e olhei para a porta.

Grant estava entrando sozinho. Parecia profundamente concentrado. Andava meio sumido, e imaginei que fosse porque estava fora da cidade de novo. Parecia que algo o incomodava. Ele levantou o olhar e me viu.

Deu um sorrisinho e piscou antes de ir até uma mesa e se sentar sozinho.

– Grant está de volta para o verão. Mas parece diferente – comentou Bethy, aparentemente pensando a mesma coisa que eu.

– É, ele está meio estranho – concordei.

– Quem brinca com fogo acaba se queimando. Nan é completamente maluca. Deve ter ferrado a cabeça dele. Mas ainda não acredito que os dois ficaram juntos – sussurrou Bethy.

– Nan passou lá em casa outro dia – falei, olhando novamente para Bethy e Della. – Ela ainda me odeia.

Bethy bufou.

– E daí? Vaca!

Della arregalou os olhos, e eu me dei conta de que estávamos falando de pessoas que ela não conhecia. Era grosseiro da nossa parte.

– Della, eu não estava aqui e perdi tudo o que aconteceu. Então me conte: como você conheceu Woods? Trabalhando aqui?

Della balançou a cabeça e sorriu.

– Não exatamente. Nós nos conhecemos em setembro... Foi... meio que um sexo casual – disse ela, ficando com o rosto ruborizado.

A história seria mais interessante do que eu havia imaginado.

– Nossa, parece divertido – respondi, inclinando o corpo para a frente para ouvir.

Nate agora tomava mamadeira. A tia de Bethy e minha antiga chefe, Darla, havia concordado em ficar de babá para que pudéssemos ir à fogueira comemorativa do clube naquela noite. Era o pontapé inicial da temporada de verão, um evento apenas para sócios.

Rush não queria ir, mas Bethy ligara implorando. Como me sentia culpada por não ter mais tempo suficiente para ficar com ela, eu o convencera.

No dia seguinte, seria a minha consulta com o médico, e a paciência de Rush estava por um fio. Eu imaginava que ele iria comigo e me atacaria ainda no estacionamento. Eu não iria reclamar, mas também não ia lhe dar a ideia.

Grant havia ligado para ver se iríamos, e Woods também. Woods queria saber se eu faria companhia a Della se ele precisasse resolver alguma coisa durante o evento. Bethy também ficaria por perto. As duas haviam se tornado amigas, o que apenas confirmava minha impressão de que ela era uma boa pessoa. Bethy era exigente.

O fogo estava maior do que quaisquer outras fogueiras na praia, porque a prefeitura controlava o que acontecia nas áreas públicas, mas não em propriedades particulares, como o clube. Bethy dissera que essa seria a festa "imperdível" da temporada. Por mim, ótimo. Rush e eu precisávamos sair.

– Tem certeza de que não quer vestir outra coisa antes de a gente sair deste carro? – perguntou Rush, olhando para mim.

Franzindo a testa, olhei para a minha roupa nova. Eu a havia comprado na semana anterior. Era uma saia branca de linho que batia no meio da coxa e uma blusa amarelo-clara de ombros à mostra que ia até a cintura da saia. Minha barriga só apareceria se eu levantasse os braços.

– Você já disse isso em casa. Não gostou? – Talvez meu corpo ainda não estivesse pronto para usar aquele tipo de roupa.

Rush segurou meu queixo e olhou bem nos meus olhos.

– Você está de dar água na boca, Blaire. Só não gosto de pensar que outros homens vão olhar para você.

Ah. Bem, nesse caso...

– Tenho certeza de que não quero me trocar. Gosto quando você fica todo possessivo. Isso me excita – disse a ele, dando uma piscadela e abrindo a porta.

– Desse jeito você me mata, mulher – disse ele, batendo a porta com força.

Rush esticou o braço e segurou minha mão enquanto caminhávamos na praia. O sol já havia se posto, mas a fogueira iluminava o caminho. Bethy começou a pular e acenar para nós assim que aparecemos.

– Acho que ela quer que a gente vá até lá – disse Rush com um tom divertido.

– Acho que sim – respondi.

Bethy já estava bem alta quando chegamos. Jace apenas revirou os olhos quando ela veio tropeçando para me abraçar. Estava com cheiro de tequila.

– Ei, vocês estão atrasados!

– Não, não estão. Você que começou a beber muito cedo e agora está bêbada demais para saber há quanto tempo estamos aqui – repreendeu-a Jace, de onde estava sentado. Parecia um pouco irritado com ela.

Olhei em volta à procura de Della, mas não a vi.

– Onde estão Della e Woods? – perguntei a Bethy, que sorriu para mim como se não fizesse ideia do que eu estava falando.

– Eu os vi há um tempinho, mas uns funcionários foram pegos fumando maconha e Woods teve que ir resolver o problema. Não sei bem o que aconteceu com Della – falou Jace.

Droga. Nós deveríamos estar cuidando dela.

– Talvez eu precise procurá-la – sussurrei para Rush.

– Vou junto. Não sei se quero você caminhando por aí sozinha – disse ele.

– Não. Sente-se aí e converse com Jace. Beba alguma coisa. Vou só dar uma geral na área e voltar. Não precisa ir comigo.

Rush franziu a testa e eu o empurrei na direção da cadeira vazia ao lado de Jace.

– Vá! – ordenei, olhando de novo para Bethy. – Vou procurar Della – avisei.

– Eu também! Eu quero ir! – falou Bethy, levantando a mão como se estivesse na escola.

– Não. Você vai ficar bem aqui – rebateu Jace.

Bethy fez beicinho e se jogou no colo dele.

– Você é um chato – resmungou ela.

Não fiquei esperando que ela pedisse de novo. Eu me virei e fui andando mais para perto da fogueira. Vi vários rostos conhecidos. Ganhei um abraço de Jimmy e conheci o par dele para a noite, mas não vi Della. Dei uma volta e segui para as partes mais afastadas da luz da fogueira, para ver se ela não estava se escondendo na escuridão. Não encontrei ninguém.

Comecei a me virar para voltar para Rush quando ouvi um grito agudo. Não era uma voz assustada, mais parecia a voz de alguém zangado. Me aproximei um pouco mais do estacionamento e escutei outra voz, definitivamente feminina e muito sulista tentando acalmar a primeira. Olhei na direção de onde havia deixado Rush, mas ele não me viu.

Segui para o estacionamento, guiada pelas vozes. Quanto mais perto chegava, mais palavras eu compreendia. Não havia ninguém por ali, então onde elas estavam? Fui até onde havíamos estacionado nosso carro e parei.

– Não, por favor. Fale com Woods. Eu não fiz nada, juro. Não! Ai, meu Deus! – A voz mais baixa estava assustada.

– Cansei de falar com Woods. Você pegou o que era meu. Ele escolheu você. Ótimo. Ele pode ficar com você, sua louca nojenta. Mas primeiro você vai pagar por ter pegado o que era meu. – Um tapa sonoro e um grito de dor se seguiram às palavras dela. – Está doendo, não está, sua vaca? Você é uma louca. Não sei por que Woods acha que você pode fazê-lo feliz. Ele vai aprender. Vai aprender a não brincar comigo – disse de novo a mulher furiosa, e então ouvi mais

um grito de dor da outra, que agora eu sabia ser Della. Eu não fazia ideia de quem estava com ela, mas a estava machucando. Pensei em ir chamar Rush, mas ela poderia estar seriamente ferida até lá.

Eu não precisava de Rush. Não sabia ao certo quem era a psicopata, mas podia cuidar dela. Enfiei a mão na bolsa, peguei a chave e destravei a porta silenciosamente. Enfiei a mão embaixo do banco, peguei minha arma, me certifiquei de que o pente estava vazio e chequei a trava de segurança.

Não havia motivo para a arma estar carregada. Não pretendia atirar em ninguém. Eu só precisava assustar a valentona e chamar Woods. Com sorte, ela não teria machucado muito Della. Um novo grito de Della fez com que eu me apressasse. Segui as vozes até o outro lado de um prédio.

Vi a outra mulher primeiro. Estava segurando Della pelos cabelos e chamando-a de louca de novo. Ela insistia em dizer que Della era maluca. Aquela sujeita estava me tirando do sério.

Empunhei a arma e a apontei para a mulher antes de informar que havia chegado.

– Solte-a! – ordenei, e vi a mulher girar ainda agarrada aos cabelos de Della, que soltou mais um soluço.

– Que porra é essa? – zombou a mulher, olhando para mim como se a louca fosse eu.

– Solte os cabelos dela e se afaste – falei, alto e claro, para não deixar margem para dúvidas.

Ela riu.

– Esta arma nem sequer é verdadeira. Não sou burra. Vá cuidar da sua vida e pare de brincar de *As Panteras*.

Soltei a trava de segurança e fiz a mira.

– Escute aqui, sua vaca, se eu quisesse, poderia furar suas duas orelhas daqui, sem desarrumar seu cabelo. Vamos lá, experimente. – Mantive a voz baixa e fria. Queria que ela acreditasse em mim, porque eu realmente não queria ter de atirar nela para mostrar que estava falando sério.

Ela arregalou os olhos e soltou os cabelos de Della. Com o canto do olho, vi Della se afastar rapidamente.

– Você faz ideia de quem eu sou? Posso acabar com você. Vai passar um bom tempo na cadeia por isso – ameaçou ela com raiva, embora também houvesse medo em sua voz.

– Nós estamos no escuro e somos três. Você não tem um arranhão. Della está ferida e sangrando. Vai ser a nossa palavra contra a sua. E não me importo com quem você seja. A situação não está boa para você.

Ela se afastou um pouco mais de mim, ainda de olho na minha arma.

– Meu pai vai ficar sabendo disso. Ele vai acreditar em mim – disse ela com a voz trêmula.

– Que bom. Meu marido também vai ficar sabendo disso e ele certamente vai acreditar em mim.

A mulher soltou uma risada irritada e balançou a cabeça.

– Meu pai pode comprar esta cidade. Você mexeu com a mulher errada.

– É mesmo? Então pode vir, porque neste momento você está olhando para uma mulher armada capaz de atirar num alvo em movimento. Então, por favor... Pode. Vir. Della estava encolhida com os braços ao redor dos joelhos enquanto nos observava em silêncio.

– Quem é você? – perguntou a mulher, levando-me a sério pela primeira vez.

– Blaire Finlay – respondi.

– Merda. Rush Finlay se casou com uma caipira armada. É até difícil de acreditar – debochou ela.

– Eu a levaria a sério. Ela está com uma arma, porra. – A voz de Rush veio de trás de mim.

A mulher arregalou os olhos.

– Vocês estão brincando? Esta cidade é maluca. Vocês todos são.

– Era você que estava no escuro, batendo em uma mulher inocente por causa de um homem – lembrei a ela. – É você que parece maluca aqui.

Ela levantou as mãos.

– Tudo bem. Acabou. Acabou tudo! – gritou ela e saiu caminhando na direção do estacionamento.

Baixei minha arma e a travei de novo antes de entregá-la a Rush e sair correndo até Della. Seus grandes olhos azuis estavam arregalados de espanto.

– Você apontou mesmo uma arma para ela? – perguntou, assustada.

– Ela estava batendo em você – lembrei a ela.

Della enterrou o rosto nas mãos e soltou uma risada trêmula.

– Deus do céu! Ela é maluca. Eu juro que estava começando a achar que ela ia me bater até eu desmaiar. Ficava pensando que ia apagar e que ela acabaria me machucando de verdade. – Della olhou para mim. – Obrigada.

Estendi a mão para ela.

– Consegue se levantar? Ou quer ficar aqui esperando enquanto eu chamo Woods?

Ela pôs a mão na minha.

– Quero me levantar. Preciso me levantar – disse ela.

Eu a puxei.

– Você tem um telefone?

Ela fez que sim com a cabeça e tirou um celular do bolso. Fiquei esperando enquanto ela discava para Woods.

– Oi... Na verdade, não. Tive um incidente com Angelina... Não... não... ela foi embora. Hã, Blaire apareceu e... hã, colocou-a para correr... Blaire ainda está aqui e o marido dela também... Atrás do prédio do estacionamento... Está bem. Também amo você.

Ela desligou e olhou para mim através dos cílios espessos.

– Ele está a caminho.

– Que bom. Vamos esperar com você. – Abri a bolsa e tirei um lenço umedecido de dentro. Agora era mãe; sempre tinha lenços umedecidos comigo. – Quer limpar o sangue da sua boca antes que ele chegue aqui e vá atrás da Angelina?

Della assentiu e aceitou o lenço.

– Obrigada.

Virei-me para olhar para Rush, que me observava atentamente, mas sem falar nada.

Dois faróis se aproximaram e pararam de repente bem ao nosso lado. Woods saltou da caminhonete e veio correndo até Della.

– Caramba! – rugiu ele, pegando-a em seus braços. – Meu Deus, gata, eu sinto muito. Ela vai pagar por isso – garantiu ele, passando as mãos no rosto dela para conferir se ela estava bem.

– Está tudo bem. Acho que a Blaire a assustou – disse Della, encostada no peito dele.

Woods olhou para mim e franziu a testa.

– O que foi que a Blaire fez? – perguntou ele.

– Apontou uma arma para Angelina e ameaçou furar as orelhas dela com tiros – contou Della.

Woods levantou uma sobrancelha.

– Então a moça do Alabama sacou da arma de novo? Obrigado, Blaire – disse ele, antes de beijar a cabeça de Della e sussurrar em seus cabelos palavras que não eram para ser ouvidas por mais ninguém.

– Que bom que as encontrei. Você precisa fazer alguma coisa a respeito daquela mulher. Ela é louca – falei, e me virei para voltar para Rush.

Ele passou a mão pela minha cintura e me segurou.

– Obrigada! – gritou Della.

– De nada – respondi, então Rush e eu nos viramos para voltar ao estacionamento.

– Não vou conseguir esperar até amanhã. Você ferrou com tudo quando eu cheguei e a vi ali parada, toda fodona, apontando uma arma para Angelina. Acho que gozei nas calças quando você disse que poderia furar as orelhas dela de onde estava. Vou comer essa bocetinha fodona esta noite.

Tentei morder o lábio para não dar risada, mas não consegui.

Rush sorriu.

– Que bom que concorda que não precisamos mais esperar. Estou pronto para me perder no meu paraíso de novo.

Parei de caminhar e fiquei na ponta dos pés para beijar o rosto dele.

– Eu amo você, Rush Finlay.

– Que bom, porque nunca mais vou deixar essa bundinha sexy ficar longe de mim de novo.

– Quanto é longe? – perguntei.

– Qualquer distância é longe. Quero você bem aqui ao meu lado... para sempre.

Agradecimentos

A Keith, meu marido, que tolerou a casa suja, a falta de roupas limpas e as minhas variações de humor enquanto eu escrevia este livro (e todos os meus outros).

A meus três filhos queridos, que comeram muita salsicha empanada, pizza e cereal porque eu estava trancada escrevendo. Juro que preparei muitas refeições saudáveis para eles depois que terminei.

A Autumn Hull e Natasha Tomic, por terem lido e criticado *Amor sem limites*. Natasha foi a primeira a juntar "Rush" e "paixão à primeira vista" numa frase, de modo que faz todo o sentido que ela tenha me ajudado com este livro. Obrigada pela ajuda, moças!

A Sarah Hansen, designer da fantástica capa original. Ela é brilhante. Eu a adoro e ela é extremamente divertida. Pode acreditar… Eu sei ;) À agente mais incrível e encantadora do mundo literário, Jane Dystel. Eu a adoro. Simples assim. E um viva para Lauren Abramo, minha agente de direitos internacionais, que está fazendo um trabalho incrível para publicar meus livros mundo afora. Ela é demais.

A Stephanie T. Lott. Já trabalhei com muitos editores, mas esta eu adoro de verdade. Ela é incrível.

E, o mais importante, a Deus. Ele me deu a capacidade e a criatividade para escrever. O fato de eu poder fazer o que amo todos os dias é um presente que apenas Ele poderia ter me dado.

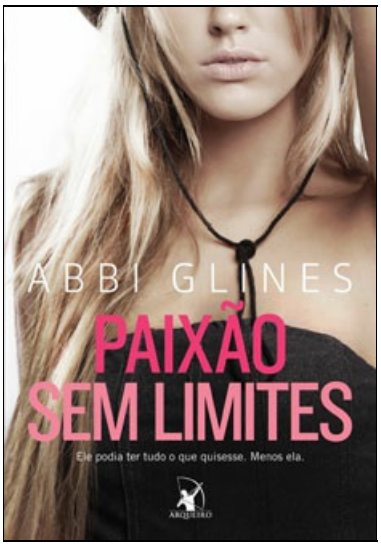
Sobre a autora

© Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog. www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



PAIXÃO SEM LIMITES

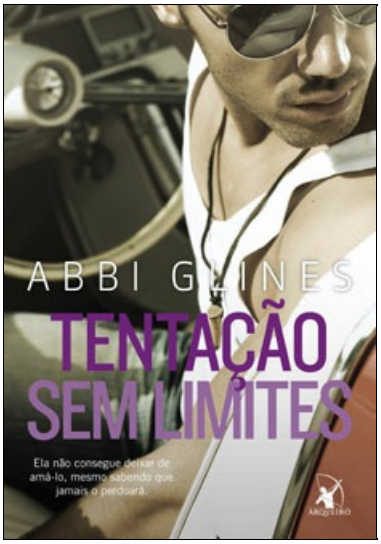
Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil exemplares como publicação independente – é um livro romântico, sexy e intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



TENTAÇÃO SEM LIMITES

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Segundo volume da trilogia Sem Limites, que já vendeu mais de 5 milhões de exemplares no mundo, *Tentação sem limites* é tão viciante e tentador quanto uma paixão proibida.



ESTRANHA PERFEIÇÃO

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despretensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

Se você é fã da série Sem Limites, vai adorar este delicioso romance ambientado no mesmo universo sedutor criado por Abbi Glines.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Inferno*, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital,* de Dan Brown *Uma Longa Jornada*, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento* e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks *O guardião de memórias,* de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os Doze,* de Justin Cronin *A revolta de Atlas,* de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Dedicatória
Prólogo
AMOR SEM LIMITES
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro

Star Books Digital

